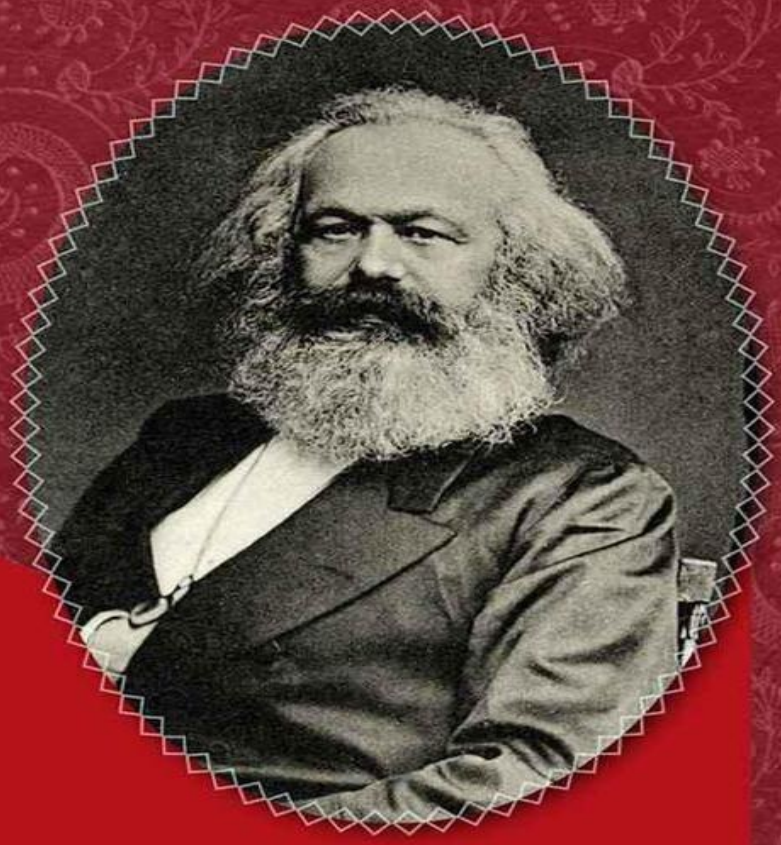

SÓCRATES ENCONTRA MARX

O Pai da Filosofia Interroga o Fundador do Comunismo

PETER KREEFT

VIDE EDITORIAL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

PETER KREEFT

SÓCRATES ENCONTRA MARX

O Pai da Filosofia Interroga
o Fundador do Comunismo

Tradução de Pedro Cava



Sumário

Capa
Folha de Rosto
Introdução
1. O “Eu”
2. A Alegação Abrangente do Marxismo
3. O Começo: Toda a História é Opressão?
4. O Tempo Presente: A Natureza Humana Pode Mudar?
5. A Existência de Santos Refuta o Comunismo?
6. A Questão da Liberdade
7. O que o Capitalismo Produziu?
8. O que o Comunismo Produziu?
9. Comunismo é Predestinação?
10. Propriedade Privada
11. Objeções ao Comunismo
12. Individualidade
13. A Natureza Humana Pode Ser Mudada?
14. Cultura Comunista: Um Oxímoro?
15. A Família
16. Educação
17. Mulheres
18. Nações
19. Três Filosofias do Homem
20. Materialismo
21. As Etapas até o Comunismo
Agradecimentos
Créditos
Sobre o Autor

Sobre a Obra

Introdução

Este livro é parte de uma série de explorações socráticas dos Grandes Livros.[1] Pretende-se que os livros desta série sejam curtos, claros, acessíveis – logo, de fácil compreensão aos iniciantes – e também que introduzam (ou revisem) as questões básicas presentes nas divisões fundamentais da filosofia (ver os títulos dos capítulos): metafísica, epistemologia, antropologia, ética, lógica e metodologia. Esses livros foram projetados tanto para uso em salas de aula quanto para proveito de autodidatas.

Os livros da série "Sócrates encontra..." podem ser lidos e entendidos por completo em si mesmos, embora se possa apreciar melhor cada um deles após a leitura do pequeno clássico com que travam diálogo.

A situação – um encontro na eternidade entre Sócrates e o autor de um Grande Livro – não deve intimidar o leitor que não acredite na vida após a morte, pois, embora as duas personagens e suas filosofias sejam reais historicamente, seu diálogo certamente não o é; portanto, requer uma "suspensão voluntária da descrença".[2] Não há qualquer razão para que os céticos não estendam tal crença literária também à situação do livro.

---

1 N.T.: *Great Books* – nome dado, em língua inglesa, aos grandes clássicos da tradição ocidental.
2 N.T.: Alusão ao conceito de *suspension of disbelief*, criado por Samuel Taylor Coleridge.

1

O “Eu”

MARX: Eu... eu pensei que estava morrendo! E agora eu... eu...

SÓCRATES: Palavrinha profunda essa, Karl. Sabes o que ela significa?

MARX: Não sei do que falas. Sei de uma coisa, no entanto: não estou morto. Posso ouvir-te e ver-te também; em verdade, és o médico mais feio que já vi.

SÓCRATES: Eu não sou um médico; sou um filósofo.

MARX: Tu te pareces com Sócrates.

SÓCRATES: Nesse caso, aparência e realidade coincidem: eu sou Sócrates.

MARX: Mas por que *tu*? Não temos nada em comum, tu e eu.

SÓCRATES: Ah, creio que sim – penso termos ao menos duas coisas em comum: provavelmente somos os dois filósofos mais feios da história e também os mais odiados – ou amados.

MARX: Em que lugar do mundo estamos?

SÓCRATES: Em nenhum lugar do mundo. Estamos no mundo além.

MARX: Que nada! Não há nenhum “mundo do além”.

SÓCRATES: Ah... desculpa-me, mas o que pensas ser isto?

MARX: Um sonho, é claro. Só pode ser um sonho, pois isso certamente não pode ser real.

SÓCRATES: Então, quem imaginas que está a sonhar o sonho?

MARX: Minha massa cerebral.

SÓCRATES: “Minha” massa cerebral, dizes? Mas quem é este “eu” que possui massa cerebral?

MARX: Sou eu, Karl Marx, idiota!

SÓCRATES: Mas qual o sentido desta palavra que acabas de usar, esta palavrinha que todos usamos com tanta facilidade – a palavra “eu”?

MARX: Certamente não é a alma, como *tu* pensavas que era, Sócrates, ou quem raios sejas.

SÓCRATES: Conta-me mais. Caso pudesses ensinar-me onde é que errei, seria eternamente grato a ti.

MARX: Tua suposta “alma” é um fantasma, um mito, uma ilusão; não *existem* almas. Existir é ser material. Foste tu, Sócrates, quem poluiu, quase só, as águas da filosofia com esse mito lamacento da alma, essa distração de tudo o que há de real, esse fantasma que disseste habitar a máquina de nossos corpos. Não hei de permitir assombrações em minha filosofia. Exorcizo teu fantasma! Fora, fora, espírito maldito!

SÓCRATES: Ai, parece-me que não poderemos ter a conversa que estamos destinados a ter, até que, primeiro, tenhas sido convencido de um ponto sobremodo elementar: que tu existes, que há um “eu”, em algum lugar, a coligir todos os membros de teu corpo.

MARX: Pois como pretendes argumentar em favor da existência de tal “eu”?

SÓCRATES: Bem, talvez para ti um argumento moderno funcione melhor que um antigo. Assim, o que me dizes do famoso argumento de Descartes: “Penso, logo existo”?

MARX: Digo-te que é um argumento ridículo.

SÓCRATES: E por quê?

MARX: Apenas um idealista como ele, ou como tu, lançaria mão do *pensamento* para fundamentar a existência real. Não, a verdade é o oposto: a existência real é que fundamenta o pensamento.

SÓCRATES: Ah, concordo plenamente, se por “fundamentar” queres dizer “causar”. Somente algo que existe pode pensar, mas pensar não causa a existência de nada.

MARX: Tu me confundes ao concordares comigo.

SÓCRATES: Então, desfarei a confusão ao discordar de ti. Penso que nossa discordância não se dá em função do que *causa* o que, mas em função do que *prova* o que. Suspeito que não concordes que o pensamento racional e abstrato (como o argumento de Descartes) possa provar qualquer coisa real.

MARX: Nisso, estás certo. Aceito apenas evidências científicas, empíricas, como prova de qualquer coisa real.

SÓCRATES: Pois tens evidências empíricas, científicas, que corroborem *esse* princípio?

MARX: Não hei de ser distraído por tua lógica abstrata. É por isso que desconfio da maioria dos argumentos de vós, filósofos. O “penso, logo existo” de

Descartes é completamente abstrato, e nada de concreto o prova ou refuta.

SÓCRATES: Afirmas, então, que o “eu” pensante que Descartes alega ter provado não é uma realidade?

MARX: Exatamente.

SÓCRATES: O que é, pois?

MARX: Um sonho.

SÓCRATES: Se o “eu” é um sonho, quem é que o sonha?

MARX: A massa cerebral, por certo. Prefiro “peido, logo existo” a “penso, logo existo”.

SÓCRATES: Logo, o mau cheiro é prova melhor que o pensamento?

MARX: De fato é! É empírico e, portanto, científico.

SÓCRATES: Então sabes que és real não por pensares, mas por perceberes?

MARX: Isso.

SÓCRATES: E é assim que sabes também que uma outra pessoa é real, como eu?

MARX: É.

SÓCRATES: Conheces aos outros, pois, da mesma maneira que conheces a ti mesmo: pelas sensações?

MARX: Correto.

SÓCRATES: Conheces meus pensamentos, mesmo antes que eu os diga?

MARX: Não.

SÓCRATES: Mas conheces agora teus próprios pensamentos, antes de dizê-los?

MARX: É claro.

SÓCRATES: Por quê? Se conheces aos outros da mesma forma que conheces a ti mesmo, por que deve haver tamanha diferença?

MARX: Mas que pergunta simplista!

SÓCRATES: Talvez seja, mas tens uma resposta igualmente simplista para mim?

MARX: Sim! Porque os aglomerados de massa que constituem teu cérebro e os aglomerados de massa que constituem meu cérebro são diferentes, estão separados no espaço e não se tocam.

SÓCRATES: Mas, então, por que...

MARX: Espera! Por que estou a discutir filosofia abstrata contigo? O que estou fazendo aqui? Eu estava em meu leito, aguardando a morte, e agora estou a discutir filosofia com Sócrates em um sonho – isso é ridículo.

SÓCRATES: Não é. Isso é o que deves fazer; o que todos devem fazer, afinal. Trata-se do primeiro mandamento: “Conhece-te a ti mesmo”. Não é uma opção, mas um requisito. Conquanto tu pudesses facilmente te desviar dessa tarefa no outro mundo, isso não é permitido aqui – é por isso que fui enviado para te ensinar. No outro mundo, podias bem evitar-me – quer dizer, a tarefa que represento: “Conhece-te a ti mesmo”; neste mundo, já não tens essa opção.

MARX: Se é assim, jogarei teu jogo, simplesmente porque não me parece restar outra escolha. Conta-me mais, por favor, acerca deste suposto mundo vindouro; conheces aqui o futuro? O futuro da vida na terra, quero dizer.

SÓCRATES: Sim, algo dele – tanto quanto é necessário.

MARX: Como?

SÓCRATES: Ainda não estás pronto para aprender isso: seria uma digressão e uma distração.

MARX: Seria uma distração de quê? O que devo fazer?

SÓCRATES: Deves-te lembrar...

MARX: Lembrar não me agrada; prefiro planejar. O futuro me é preferível ao passado.

SÓCRATES: Em outras palavras, preferes os sonhos aos fatos.

MARX: Não, não, sou um amante dos fatos. Eu sou um cientista. Com efeito, fui o primeiro a encontrar a fórmula científica para toda a história humana e achei um sem-número de fatos para provar minha fórmula. Vês, Sócrates, é assim que um cientista prova suas ideias: com fatos concretos, não com argumentos abstratos como vós, filósofos, fazeis.

SÓCRATES: Pois nossa tarefa aqui é examinar tua “fórmula para toda a história humana” – e as evidências que ofereceste para corroborá-la em teu livro mais famoso, o qual mudou o mundo.

MARX: Disseste mesmo “o qual mudou o mundo”, não foi?

SÓCRATES: Sim. Tu, Karl, fizeste diferença maior para os acontecimentos históricos e para as vidas de um maior número de pessoas que qualquer outro ser humano na história moderna.

MARX: Eu sabia! Eu sabia! Ele, o meu grande livro, teve êxito, embora eu jamais o tenha terminado.

SÓCRATES: Eu não falava daquele livro demasiado longo e colossalmente enfadonho que é *O Capital*, mas do *Manifesto do Partido Comunista*.

MARX: Minha obra-prima retórica! Eu sabia que ela estava destinada a mudar a face da terra. O que queres examinar a respeito dela?

SÓCRATES: Oh, só uma coisinha de nada: ela diz a verdade?

MARX: A verdade? Mas é claro que diz! Ela mudou a face da terra, não foi? Não disseste isso? Logo, foi bem sucedida.

SÓCRATES: Então o sucesso é prova da verdade?

MARX: Certamente.

SÓCRATES: Mas uma mentira não poderia ser bem sucedida, caso o mentiroso persuadisse outros a acreditarem nela, se seu desejo e sua vontade fossem feitos? Uma mentira também não poderia mudar o mundo, desde que as pessoas acreditassem nela?

MARX: Não a longo prazo, pois a história é mãe da verdade.

SÓCRATES: E o que exatamente queres dizer com essa imagem?

MARX: Quero dizer que a verdade é testada pela ação, não pela contemplação, pelo pensamento abstrato, ou mesmo por argumentos.

SÓCRATES: Então, com efeito, os argumentos jamais provam que algo é verdade?

MARX: Não, não provam.

SÓCRATES: Sei, pois, que não apresentarás argumentos para provar *isso*, mas poderias *explicá-lo*, ao menos, embora te recuses a prová-lo?

MARX: Este é o ponto principal, Sócrates: o pensamento, em si mesmo, é um ato concreto que tem lugar na história e que tem causas materiais; não é um fantasma que reside fora do ato, a olhá-lo a partir de um ponto de vista transcendente que está fora do tempo e do espaço, como vós, idealistas, pensais. Em verdade, esse foi o erro fundamental ao qual deste início, Sócrates – o erro do idealismo, a que Platão, e Aristóteles, e Agostinho, e Tomás de Aquino, e Descartes, e Hegel, e todos os seus respectivos discípulos ludibriados deram continuidade. É uma pena que eu não estivesse presente à tua época, Sócrates; teria dado um basta a esse erro, o qual corrompeu a filosofia por dois mil anos. Teria feito contigo o que fiz com Hegel: a ti, que estavas de ponta-cabeça, eu teria te endireitado – e também a toda tua filosofia.

SÓCRATES: E o que queres dizer com *essa* imagem? O que é uma filosofia que está “ereta” e o que é uma filosofia que está “de ponta-cabeça”? Em uma palavra, qual foi meu erro e o erro de todos esses outros filósofos?

MARX: Em uma palavra, como eu disse em minhas Teses sobre Feuerbach, “Os filósofos até agora apenas interpretaram o mundo, mas o importante é mudá-lo”.

E eu poderia mudar este mundo também, não importa o que ele seja e onde quer que esteja, mesmo que se trate, como presumo, apenas de um sonho, pois mesmo os sonhos hão de tomar emprestado ao mundo – ao único mundo que há – a parcela de verdade que contêm. Hummm... Dize-me algo acerca deste mundo: tendes trabalhadores e empregadores aqui, certo? E certamente precisais de economistas e...

SÓCRATES: Não. Não temos trabalhadores ou empregadores e também não precisamos de economistas, pois aqui não existe dinheiro. Teu trabalho chegou ao fim.

MARX: Mas isso é impossível. Mesmo um sonho devia fazer mais sentido que isso.

SÓCRATES: Talvez pudesses tentar me mostrar porque necessitamos de economistas aqui.

MARX: Irei refutá-lo com o teu próprio tipo de lógica, Sócrates. Já que posso te ver, deves ser uma entidade corpórea. Se és ser corpóreo, deves ter necessidades corporais e, se tens necessidades corporais, tais necessidades devem ter valores relativos. Se essas têm valores relativos, podem ser trocadas, compradas ou vendidas e, caso sejam trocadas, compradas ou vendidas, precisa-se de economistas, pois a economia é a ciência dessas coisas. Por exemplo, essa túnica branca que vestes – quem a fez, e onde a compraste?

SÓCRATES: Ó, céus! Teremos de lidar com tudo isso antes de explorarmos teu livro?

MARX: Mas meu livro é *sobre* isso! Vem, deixa-me ver esta túnica que estás a usar. Tira-a um pouco, por favor.

SÓCRATES: Ela não sai, pois não é como os outros tipos de vestes que conheces; ela não me oculta, mas me revela. Esta é a terra da luz e do desvelamento, não da ocultação. Vê, até teu traje sujo não pode ser despido, não importa o quanto o puxes – ele revela a alma que veste o corpo que o veste.

MARX: Arre! Que sonho insano é este!? Socorro!

SÓCRATES: Este é precisamente meu propósito aqui: ajudar-te, ou ao menos começar a ajudar-te a “sanar” alguns dos sonhos insanos que tiveste e ainda tens. Mas não estás sonhando agora, Karl, e sim acordando; em verdade, estás agora mais acordado que jamais estiveste.

MARX: Então, que se exploda! Eu não aceito este universo! Irei destruí-lo!

SÓCRATES: Aqui, não tens mais o poder de destruir coisa alguma, exceto ilusões.

MARX: Eu organizarei um partido! Hei de encontrar tuas vítimas. Quem mais oprimes, ditador de pensamentos? Unirei tuas vítimas e nos desvencilharemos de teus grilhões; então, publicarei meu manifesto: Trabalhadores do Mundo dos Sonhos, Uni-vos! Nada tendes a perder senão vossas correntes, mas tendes um mundo inteiro a ganhar!

SÓCRATES: Não precisas gritar; ninguém pode ouvir-te além de mim.

MARX: Então, una-te a mim, Sócrates, e juntos iniciemos uma revolução.

SÓCRATES: Tu não entendes. Não há aqui qualquer necessidade a que tua revolução pudesse se devotar.

MARX: Conservador! Reacionário! Contra-revolucionário! Pró-*establishment*!

SÓCRATES: Terminaste?

MARX: Não!

SÓCRATES: Sou paciente.

MARX: Mas eu não – não sou paciente, mas agente. O que pensas ser isto, um hospital para as mentes, onde eu sou o paciente, e tu és o médico?

SÓCRATES: É isso mesmo.

MARX: Isso é intolerável! Este é o inferno!

SÓCRATES: Não, meu caro, este é apenas o purgatório – purgatório para ti e paraíso para mim, simultaneamente. Um arranjo bem econômico, não?

MARX: A que torturas me sujeitarás, Doutor Sócrates? Vais dissecar-me?

SÓCRATES: Não, dissecarei apenas teu livro.

MARX: Mas não sabes já com exatidão aquilo que está em meu livro?

SÓCRATES: Eu sei, mas *tu* talvez não.

MARX: Como poderia não saber aquilo que eu mesmo escrevi? Se o escrevi, logo o conheço.

SÓCRATES: A maior parte de vós não entende de fato aquilo que escreve, e é por isso que precisais de algo como eu, algo como um espelho. Pois bem, fui enviado aqui para ser teu espelho, embora ainda não para tua alma – isso virá depois – e sim para teu livro. Um começo modesto, por certo.

MARX: Vejo que tens uma cópia dele em mãos, e eu também tenho! Como chegaram aqui? Há livrarias por cá?

SÓCRATES: Outra questão distrativa, à qual não irei responder.

MARX: Bem, se meu livro permanece até no além, então é verdadeiramente imortal. O que hei de fazer com ele?

SÓCRATES: Ele deve passar das tuas mãos para dentro da tua cabeça.

2

A Alegação Abrangente do Marxismo

SÓCRATES: Talvez fosse melhor que primeiro introduzisses teu livro, a fim de explicares seu contexto e seu propósito, como estivesses a ensinar em uma sala de aulas na universidade. Penso que estás ainda muito mais apto a fazer preleção que a dialogar, de modo que talvez esse método alivie um pouco tua ansiedade.

MARX: Realmente esperas que eu aceite convite tão insultante quanto esse?

SÓCRATES: Sim.

MARX: Por quê?

SÓCRATES: Porque és um egotista e também porque não tens escolha: não há mais nada a se fazer aqui.

MARX: Ora! Bem, aceitarei teu desafio.

O livro que estamos prestes a explorar é muito curto: trata-se de um panfleto de cerca de 12.000 palavras apenas. Porém, ele mudou o mundo, como eu sabia que aconteceria. Esse livro contém, nessas poucas páginas, a essência do comunismo – e todos os meus outros escritos constituem somente adições a ele ou aprimoramentos do mesmo.

Escrevi-o aos vinte e nove anos de idade, e Engels não escreveu uma só palavra que está nele, embora tenha produzido algumas das ideias ali contidas: o *Manifesto* corresponde aos primeiros vinte e cinco problemas de seu *Catecismo* e, o que é mais importante, Engels forneceu a maior parte do dinheiro para a publicação do *Manifesto*.

Ele é um Grande Livro porque, finalmente, soluciona o mistério que é o homem e desvela as leis mais fundamentais que, desde sempre, governam o comportamento humano. Fiz pela história do homem aquilo que Darwin fez para a história das espécies animais e Newton para o universo inorgânico. É a realização suprema do pensamento humano: fui o primeiro a tornar a história verdadeiramente científica.

Todos os filósofos, de Platão em diante, buscaram a “pedra filosofal”, o sistema do cosmo, a fórmula – e todos alegaram tê-la encontrado, mas nenhum o fez. Cada vez que o pensamento ficava estagnado diante da fórmula atemporal de um desses filósofos, o mundo prosseguia e a refutava.

Então veio Hegel, o qual fez da mudança em si a fórmula universal – o que era verdadeiro, mas não original: Heráclito, mesmo antes de teu tempo, Sócrates, vira que “tudo flui”, tal qual um rio, e buscara o *lógos* – a lei ou fórmula – da mudança universal, que, porém, não fora encontrado até a vinda de Hegel, que viu, pela primeira vez, que a própria lógica se move com a história, que a verdade mesma muda de acordo com o padrão daquilo que ele chamou de “dialética”, segundo a qual uma *tese* gera sua própria *antítese* e, desse conflito perpétuo, emerge uma *síntese*, que então se torna uma nova tese que irá gerar sua própria antítese, e assim por diante, até a síntese final. Entretanto, Hegel, com estupidez inacreditável, identificou esse processo com “Deus”, ou “O Absoluto”, ou “Espírito” – provavelmente as três piores palavras existentes no discurso humano e os três mitos mais prejudiciais presentes no pensamento do homem.

Heráclito descobriu a universalidade da mudança, ou “devir”, e Hegel descobriu a forma lógica desse processo. Mas eu descobri o seu verdadeiro conteúdo: matéria, não espírito. Hegel pensava que as *ideias* causavam os conflitos históricos; já eu encontrei essas causas no mundo real, das quais as ideias são apenas o eco ou o efeito.

Ademais, encontrei, dentro do mundo real, a fonte da mudança histórica – não em características, escolhas ou paixões individuais, mas no determinismo econômico, o que foi a chave para tornar a história uma ciência, pois trata-se de algo previsível e controlável.

As forças da dialética da história são as classes econômicas, e o conflito de classes é o motor da história.

Também fui o primeiro a mostrar como a utopia socialista e livre de classes, tão sonhada por outrem, desabrocharia, qual uma flor, da planta de meu mundo contemporâneo, pois, uma vez que o número de classes fosse reduzido a um – o proletariado –, o conflito seria reduzido a zero.

Isso seria alcançado pela eliminação da única outra classe remanescente, a burguesia. Aí está precisamente o significado de minha era: o capitalismo já havia reduzido a pletora de classes que caracterizavam o feudalismo a duas apenas, a burguesia e o proletariado. Portanto, a revolução comunista será o último grande evento da história, pois eliminará a burguesia, deixando apenas “a

ditadura do proletariado", como eu disse em minha *Crítica do Programa de Gotha* e em outros lugares, ou seja, deixando apenas uma sociedade de igualdade e justiça perfeitas, onde "o livre desenvolvimento de cada um é a condição do livre desenvolvimento de todos" e onde, como eu disse no mesmo livro, tudo flui "de cada qual, segundo sua capacidade, a cada qual, segundo suas necessidades".

SÓCRATES: Fizeste um maravilhoso discurso, Karl! Ele fez exatamente o que tinha de fazer ao introduzir teu livro. Foi admiravelmente claro e simples – até eu consegui entendê-lo –, além de poderoso e atraente: és verdadeiramente um grande retórico. Por fim, e o que é melhor, ele foi curto.

MARX: Pois se estás satisfeito, *façamos* o que ele prega e não apenas pensemos a respeito. Juntar-te-ás ao partido?

SÓCRATES: Bem, creio que encontrarás algumas dificuldades em organizar esse tipo de coisa por aqui.

MARX: Não temo desafio algum, mesmo em meus sonhos.

SÓCRATES: Tu não entendes.

MARX: Qual é o problema?

SÓCRATES: Bem, em adição ao pequeno detalhe de que não estamos em teus sonhos e somos perfeitamente reais, há outra coisinha com a qual temos de lidar antes de podermos pensar em praticar tua filosofia.

MARX: E o que é isso?

SÓCRATES: O que achas? Do que deverias te certificar antes de pôr em prática qualquer filosofia?

MARX: De que tenho o dinheiro necessário. Engels também está aqui?

SÓCRATES: Não, falo de algo mais básico que isso.

MARX: Não há nada mais básico que isso.

SÓCRATES: Sim, há.

MARX: Que eu tenha a base de poder requerida? Não temas, hei de criá-la.

SÓCRATES: Não, é outra coisa.

MARX: Camaradas? Habilidades organizacionais?

SÓCRATES: Não, trata-se de algo referente à filosofia e não a ti. Do que precisas te assegurar que uma filosofia é, antes de mais nada?

MARX: Dinâmica? Radical? Progressiva? Não? Ainda fazes que não com tua cabeça feia e bulbosa! Desafiadora, engajadora, impelente à ação? Não? Lisonjeira, talvez? Astuta e esperta e cativante? Não? Original? Criativa? Interessante? Ainda não! Por certo não sugeres que deva ser confortavelmente

tradicional? Não, mais uma vez. O que, então? Desisto desse jogo degradante de charadas. O que procuras? Dize-me o segredo. Qual é a qualidade oculta que exiges de uma filosofia antes que a coloques em prática?

SÓCRATES: Tinha em mente sua *veracidade*.

MARX: Ah.

SÓCRATES: Essa é tua única resposta? Uma mísera sílaba?

MARX: Mas a prática irá revelar sua veracidade, Sócrates. A verdade sempre emerge, enfim, do processo da história – a dialética; a verdade não vem fora da ação e anteriormente a ela, mas *na* ação e como resultado dela.

SÓCRATES: Isso é fato?

MARX: Sim, te asseguro.

SÓCRATES: Então, é *verdade* que a verdade apenas emerge desse processo?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Pois estamos no processo agora, ou estamos fora dele e em seu término?

MARX: Estamos no processo.

SÓCRATES: E a verdade não vem *antes* desse processo, ou *fora* dele, mas apenas emerge como resultado do mesmo?

MARX: Foi o que eu disse. Tens a memória muito curta.

SÓCRATES: Portanto, uma vez que estamos apenas no processo e não fora dele, como podemos saber o que está fora do mesmo?

MARX: Não podemos.

SÓCRATES: Somos como peixes no mar, então, que não podem voar por sobre o mar qual pássaros.

MARX: Correto.

SÓCRATES: Logo, não podemos saber o que está ou não está fora do processo, assim como um peixe não pode saber o que está ou não está fora do mar?

MARX: Correto mais uma vez. Começas a entender-me, Sócrates.

SÓCRATES: Então, como podemos saber que não há verdade fora do processo?

MARX: Como? O que disseste?

SÓCRATES: Se os peixes não podem saber o que está fora do mar, tampouco podem saber o que *não* está fora do mar. Assim, se não podemos conhecer nenhuma verdade que esteja fora do tempo, tampouco podemos saber que não *há*

qualquer verdade fora do tempo. Porém, tu disseste saber precisamente isto: que não há verdade alguma fora do tempo.

MARX: Não me deixarei enganar pelo argumento lógico abstrato de filósofos e ser desviado do real para o ideal. Todas as ideias que tens, Sócrates, incluindo também essa tua lógica estática, nada são além de produtos de tua ordem social pré-industrial, camponesa, aristocrática e conservadora.

SÓCRATES: E as tuas?

MARX: Toda ideia é produto de condições sociais.

SÓCRATES: Mas as tuas condições sociais, até mesmo tua educação, eram completamente burguesas. Se todas as ideias nada são além de produtos de sua ordem social, teu comunismo deve ser uma ideia inteiramente burguesa.

MARX: Não hei de responder à tua lógica desprezível, Sócrates, pois ela é impotente. Tentas em vão destruir o rolo compressor da dialética da história, usando as palavras como armas. Mas as palavras são meras sombras, espectros, fantasmas.

SÓCRATES: Até mesmo as tuas palavras, Karl? Elas também são espectros?

MARX: Não paras de fazer isso, Sócrates! É um hábito por demais irritante.

SÓCRATES: Essa imagem – a de um espectro – não é exatamente a que tu usaste ao te referir às tuas próprias palavras, às tuas próprias ideias, isto é, ao comunismo, na primeiríssima linha de teu livro? Ei-la: “Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo”.

MARX: Devo te alertar, Sócrates, de que esse teu hábito de atacar as pessoas com suas próprias palavras não irá te conquistar muitos amigos – irá conquistar apenas discussões.

SÓCRATES: Meu propósito aqui não é ganhar amigos e tampouco argumentos, mas ser teu ajudante, se não teu amigo, ao ser-te um espelho para a mente a fim de que possas conhecer-te a ti mesmo.

MARX: És tão ingênuo a ponto de esperar que eu creia que és meu ajudante, quando me sujeitas a tamanha tortura? E a ponto de esperar que eu aceite isso, como fosse para o meu próprio bem?

SÓCRATES: Sim, por certo. A menos que queiras ser personagem cômica, em vez de séria, pois nada mais cômico posso conceber que uma filosofia que não presta contas de seu próprio criador, uma filosofia sem filósofo – isso, sim, é um paradoxo.

MARX: Tua tarefa aqui é dissecar a mim, ou a meu livro?

SÓCRATES: Por hora, apenas teu livro, mas essa tarefa é apenas um meio para um fim mais nobre, que é conheceres a ti mesmo. Estás pronto para começar?

MARX: Vai em frente, faze teu pior, Sócrates!

SÓCRATES: Não, Karl, obedeço à minha mãe e não a ti: ela sempre me disse para eu fazer o meu melhor.

3

O Começo:
Toda a História é Opressão?

SÓCRATES: Nós já citamos o famoso começo de teu livro...

MARX: Mas aquele era apenas o começo do preâmbulo, não do livro em si. A frase-chave desse livro é a primeira que se encontra *após* o prefácio, no capítulo I: “A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história da luta de classes” – e todo o resto é conseqüência disso.

SÓCRATES: Sim, mas o *leitor* começa pelo preâmbulo; logo, exploremo-lo em primeiro lugar. Tu disseste:

> Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa unem-se numa Santa Aliança para conjurá-lo: o papa e o czar, Metternich e Guizot, os radicais da França e os policiais da Alemanha. [...] O comunismo já é reconhecido como força por todas as potências da Europa.

MARX: Pois então?

SÓCRATES: Bem, eu te adverti de que ia fazer aquela perguntinha simples, a pergunta que uma criança faria: “Mas isso é *verdadeiro*?” Com efeito, quando escreveste essas palavras, havia exatamente dois comunistas na Europa: tu e Engels.

MARX: Uma mísera tecnicidade.

SÓCRATES: E também teu próximo argumento, o que explica o título “Manifesto”, é simplesmente uma mentira descarada:

> É tempo de os comunistas exporem, à face do mundo inteiro, seu modo de ver, seus fins e suas tendências, opondo um manifesto do próprio partido à lenda do espectro do comunismo. Com este fim, reuniram-se, em Londres, comunistas de várias nacionalidades e redigiram o manifesto seguinte.

Não havia, quando escreveste isso, partido comunista algum em canto nenhum da terra, exceto talvez naquele mundo ideal, aquele mundo de ideias ao qual sempre te referes de forma injuriosa. Do mesmo modo, tampouco “reuniram-se” em Londres algumas pessoas para produzir esse *Manifesto* – ele é fruto de teu próprio trabalho solitário.

MARX: Como sabes disso tudo?

SÓCRATES: Não te direi; basta saberes que eu sei.

MARX: Então talvez também saibas qual será minha resposta a um filósofo como tu, que me acusa por eu não me conformar a uma "verdade" abstrata e atemporal que já está "estabelecida", como as estrelas, e somente pode ser contemplada. Pois dou mais valor à ação que à contemplação e digo que a verdade superior é o futuro histórico – e minhas palavras hão de trazer esse futuro; elas *produzem* a verdade, em vez de apenas refleti-la passivamente. Cada palavra de meu livro deve ser interpretada e entendida sob essa luz e avaliada segundo esse critério; cada palavra é calculada para ocasionar um efeito, para criar uma nova verdade sobre a terra. Meu livro trouxe à existência as verdades por ele proferidas – ele *criou* o comunismo.

SÓCRATES: Dizes, pois, que qualquer mentira que se possa contar torna-se verdade quando tem êxito em enganar as pessoas?

MARX: Não, não, isso não é o que quero dizer.

SÓCRATES: O que *queres* dizer, então? Tentemos descobrir isso por meio de um experimento mental: tu não crês que Deus algum exista, não é?

MARX: Não. Deus é um mito, um sonho, um entorpecente.

SÓCRATES: Pois bem, supõe que eu escrevesse um "Manifesto de Deus" que afirmasse a Sua realidade e que eu convencesse metade da população da terra a acreditar Nele; dirás, então, que terei criado uma nova verdade – a existência de Deus? Supõe que eu incrementasse a mentira com a alegação de que eu sou Deus, o Criador, e de que me encarnei a mim mesmo como criatura. Supõe, também, que eu conseguisse que metade do mundo me adorasse e me tornasse assim o homem mais influente da história. Terei então sido bem sucedido em tornar o mito realidade, de acordo com teus critérios? Não terei, assim, trazido o Cristianismo à existência, bem como trouxeste o comunismo à existência? Mas por que tua verdade é mais verdadeira que o Cristianismo? Em verdade, por que não é o Cristianismo mais verdadeiro, já que é mais poderoso, mais bem sucedido, mais ativo e mais transformador com relação ao mundo? Segundo teu critério de verdade, deverias ser um cristão!

MARX: Impossibilidade! Estupidez! Estrume!

SÓCRATES: Essas são novas refutações lógicas das quais ainda não ouvi dizer?

MARX: Tu me entendeste mal. Eu não digo que a mente possa trazer a verdade à existência. Não sou um filósofo idealista, mas um cientista, e digo que a verdade consiste na correspondência à realidade objetiva, que a verdade é objetiva.

SÓCRATES: Ah! Então não concordas com aqueles de teus discípulos que dizem que a verdade é apenas uma máscara hipócrita na face do poder político?

MARX: Com certeza não. Quem são essas pessoas? Por certo, não são meus discípulos – eu digo que a verdade é objetiva.

SÓCRATES: Bom. Então, podemos continuar a investigar se as afirmações de teu livro são verdadeiras, já que concordamos acerca do significado de verdade – esse é um progresso maior do que muitos filósofos poderiam fazer.

Comecemos investigando tua primeira frase, que é tua fórmula de toda história humana: "A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes".

MARX: E o que queres investigar a respeito dela?

SÓCRATES: Ora, se é verdadeira! E "verdadeira" no sentido simples e comum de "verdadeiro" sobre o qual acabamos de concordar, não no sentido que usaste poucos minutos atrás, quando disseste que teu *Manifesto* havia "criado" a verdade do comunismo.

MARX: Mas eu não estava errado em dizê-lo. Se meu livro criou o comunismo, então ele criou o fato de que o comunismo existe, de modo que, embora a asserção de que "o comunismo existe" não fosse verdadeira antes de meu livro ter sido escrito, ela passou a ser verdadeira após isso. Dessa maneira, ele de fato criou a verdade do comunismo, assim como o nascimento cria a verdade de um novo bebê.

SÓCRATES: Eu compreendo. Então, também o Novo Testamento, ou a Igreja, "criou a verdade" do Cristianismo, do mesmo modo. É isso que afirmas?

MARX: Sim, ele criou a existência do Cristianismo.

SÓCRATES: Mas tu não acreditas que o que a Bíblia diz, ou o que a Igreja diz, seja verdade.

MARX: Certo. Eu não acredito.

SÓCRATES: Mas o que o comunismo diz *é* verdade, afirmas.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Logo, devemos testar essa alegação que é o fundamento histórico do comunismo: é verdade que toda a história é conflito de classe? Pois esse é teu "ponto arquimédico". Como sabes, Arquimedes disse: "Dê-me apenas uma alavanca e um fulcro sobre o qual apoiá-la e moverei o mundo". Pois eis aí teu primeiro ponto, tua premissa, teu fulcro para a alavanca do comunismo, com a qual moverás o mundo inteiro. Vejo que acenas teu assentimento. Bem,

entendes, então, que é por isso que devemos, antes de mais nada, investigar se é verdade que toda a história é conflito de classe.

MARX: Sim. E *é* verdade. Por exemplo...

SÓCRATES: Não, por favor, não me dês múltiplos exemplos. Eu sei que muitos existem, mas o que precisamos saber é se há também contra exemplos.

MARX: Por que insistes nisso?

SÓCRATES: Dizes que *toda* a história é conflito de classe. Porém, nada provamos ao mostrar que *algo* da história é conflito de classe, mas, apesar disso, poderíamos *re*provar essa hipótese ao demonstrar que algo da história *não* é conflito de classe. Em linguagem lógica, uma proposição afirmativa universal não pode ser provada por uma proposição afirmativa particular, mas pode ser refutada por uma proposição negativa particular.

MARX: Eu compreendo as regras da lógica.

SÓCRATES: No entanto, podemos encontrar exatamente tais evidências contrárias, certo? Com certeza, as classes cooperaram entre si, algumas vezes – por exemplo, contra inimigos estrangeiros ou por razões religiosas. Ademais, certamente a maioria das pessoas, ao longo da história, apenas se ocupou de suas vidas cotidianas, de suas famílias, de seus prazeres e dores, de seus nascimentos e mortes – sem jamais um pensamento acerca dos conflitos de classe.

MARX: Tenho duas respostas para ti, Sócrates. A primeira é que falo apenas de toda história conhecida, da história registrada, mas pode ter havido algumas sociedades comunistas primitivas das quais não temos conhecimento.

SÓCRATES: Com efeito, Engels falou precisamente sobre isso em uma nota de rodapé a uma edição posterior de teu *Manifesto*. Mas tua alegação ainda é gigantesca, mesmo com esse qualificativo.

MARX: Minha segunda resposta é que a falta de consciência acerca do conflito de classe não prova sua inexistência. Uma coisa pode existir quando não se está ciente dela; a verdade é objetiva, lembra-te disso.

SÓCRATES: Ótima observação, Karl. De certo, algum planeta distante ou algum elemento químico oculto poderiam existir sem que ninguém se apercebesse disso, mas como o “conflito de classe” poderia existir sem que ninguém o sentisse? O que poderia *luta de classe* significar em uma sociedade em que todos, mesmo as classes inferiores, aceitassem o sistema de classe, um sistema no qual poucas pessoas, ou nenhuma, se *sentissem* oprimidas ou quisessem depor seus superiores, ou onde sequer quisessem ascender a uma classe

superior? Pois muitas sociedades do passado parecem ter sido assim. O que significaria “conflito de classe” em tal sociedade?

MARX: Não aceito teu pressuposto de que muitas sociedades foram dessa forma, porém, mesmo que tais sociedades houvessem existido, ainda assim poderiam ter contido conflitos de classe – apenas sua consciência ainda não teria sido iluminada com relação a esse fato. Essas pessoas eram oprimidas, mas por demais estúpidas para perceber isso.

SÓCRATES: Mas como eram oprimidas, se eram felizes? Onde há “conflito de classe” quando ele não é sentido por ninguém? Isso não seria um oxímoro, como uma guerra entre pacifistas ou a fome entre os saciados?

MARX: Lê minha próxima frase, Sócrates. Ela responde à tua questão, dizendo onde ocorre o conflito de classe: é entre as classes e não necessariamente na mente ou nos sentimentos dos indivíduos que as compõem. Conforme escrevi:

> Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, [...] em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta.

SÓCRATES: Realmente crês que toda a história humana é assim tão lúgubre, que não é *nada* além de opressão, “constante” e “ininterrupta”?

MARX: Sim, por certo.

SÓCRATES: Então quando, por exemplo, o mestre de corporação e o companheiro, ou o mestre artesão e o aprendiz, juntavam-se livremente por um contrato mútuo, para benefício e satisfação de ambos, essa relação era na verdade opressão, ainda que ambos a experienciassem como cooperação?

MARX: Sim! Pois a opressão é estrutural, mas não necessariamente psicológica; ela existe na estrutura mesma das classes econômicas, ainda quando não é sentida nas mentes e desejos dos indivíduos.

SÓCRATES: Mas como poderia tal fenômeno amplo e prejudicial, que é, em essência, uma escravidão universal, não ser captado pelas consciências das pessoas? Como poderiam os escravos serem felizes em sua escravidão? Isso não vai contra a natureza humana?

MARX: Não creio que haja algo como uma “natureza humana” universal e imutável. A natureza humana é criada por condições sociais e modificada por condições sociais; ela é uma natureza radicalmente diferente em uma sociedade do que é em outra.

SÓCRATES: Acreditas que as pessoas podem ser felizes quando são oprimidas? Que escravos podem ser felizes em sua escravidão?

MARX: Não, não penso isso.

SÓCRATES: No entanto, afirmas que o aprendiz era oprimido ou escravizado pelo mestre?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Assim, ele não pode ter sido feliz.

MARX: Mas não creio que ele *fosse* feliz. Somente um podia ser o mestre, mas todos gostariam de tê-lo sido – certamente o aprendiz teria preferido ser o mestre, teria gostado de substituí-lo. Mas não podia, ao menos não ainda. De certo, essa é a única razão pela qual ele suportava seus grilhões e servia a seu mestre – por interesse próprio, a esperar o momento propício. Tu não acreditas que ele o fazia por *caridade*, em vez de por interesse próprio, acreditas?

SÓCRATES: Hum... Tua visão da natureza e dos relacionamentos humanos soa bem similar àquela de um outro filósofo que interroguei há pouco tempo, Nicolau Maquiavel. Bem, não creio que os homens ajam por caridade o tempo todo, ou mesmo na maior parte do tempo – mas tu pareces acreditar que eles não agem assim em momento algum. De qualquer forma, suponhamos que estejas certo, que tanto o aprendiz quanto o mestre são motivados por interesse próprio e nada mais que isso, sem mesmo uma centelha de amizade, lealdade, afeto, respeito ou dever – ainda assim, a estrutura mesma do relacionamento parece propícia a satisfazer o interesse próprio de ambos e não apenas de um deles, pois o aprendiz carece da *expertise* do mestre, e o mestre necessita do trabalho do aprendiz. Tu disseste que, mesmo que as pessoas não se sentissem oprimidas, as estruturas eram opressivas, mas essa estrutura parece ser mais cooperativa que opressiva. Logo, não encontramos essa opressão “constante” e “ininterrupta” nem nas pessoas e nem nas estruturas.

MARX: Crês, Sócrates, que o relacionamento entre um homem rico e uma prostituta é cooperativo e não opressivo porque o homem rico *carece* dos serviços da prostituta e esta *precisa* de seu dinheiro?

SÓCRATES: Maravilha, Karl! Estás a responder logicamente. E não, não creio nisso. Mas não é isso o que *tu* dizes? Tu não acreditas que o mestre de corporação seja apenas uma prostituta do artesanato e que o professor seja simplesmente uma prostituta intelectual?

MARX: Sim – exceto sob o comunismo. Vês, tenho não apenas o diagnóstico, mas também a cura. Assim como uma doença só pode ser curada ao se encontrar sua causa e removê-la, também a única maneira de eliminar a opressão é removendo-lhe a causa, que é o sistema de classes.

SÓCRATES: Não crês, então, que a opressão seja causada pelos opressores, isto é, por indivíduos malignos e por escolhas malignas?

MARX: Não. Os opressores são apenas instrumentos do sistema social, do sistema de classes, e é por isso que a opressão pode ser eliminada – não por apelo à virtude e por pregação contra a maldade, mas apenas por meio da destruição do sistema de classe, sem que, com isso, ele seja substituído por um outro. E isso só pode ser feito pelo comunismo.

SÓCRATES: Essa é uma alegação pretensiosa.

MARX: De fato.

SÓCRATES: Antes de passarmos ao próximo grande ponto de teu livro, gostaria de compreender que sorte de alegação estás a fazer. O que eu quero dizer é: devo olhar para o comunismo como uma espécie de religião ou como uma espécie de ciência?

MARX: O comunismo é completamente irreligioso e completamente científico.

SÓCRATES: Deixa-me ver se estamos entendendo bem um ao outro: por "científico", queres dizer "empírico", ou alguma outra coisa?

MARX: Empírico, é claro. O que poderia ser essa "alguma outra coisa"?

SÓCRATES: Bem, algumas pessoas alegam que a teologia é uma ciência, conquanto não seja empírica, porque ela usa demonstrações lógicas.

MARX: Não, não, uma ciência tem de ser empírica e nada mais que empírica.

SÓCRATES: Acerca disso, entremos em maiores detalhes. Queres dizer que todas as evidências, verificações e provas de uma ciência também devem ser empíricas?

MARX: Sim; de outro modo, não seria realmente uma ciência.

SÓCRATES: E queres dizer também que, a fim de refutar uma alegação científica, igualmente se devem usar evidências empíricas, assim como se têm de usar evidências empíricas para provar uma alegação?

MARX: Certamente.

SÓCRATES: Logo, se alguém fizesse uma alegação religiosa – por exemplo, que um Deus todo-poderoso, onisciente e dotado de amor absoluto havia criado a ti e estava, neste momento, cuidando providencialmente de tua vida, de modo perfeito –, dirias que seria correto chamar essa alegação de não científica?

MARX: Por certo.

SÓCRATES: Deixa-me ver se tua razão para dizeres isso é a mesma que a minha: eu diria que essa alegação a respeito da providência divina, quer seja

verdadeira ou falsa, *não é científica* porque o crente na providência divina não é capaz de responder à seguinte questão: “Dize-me, ó crente na providência, como poderia essa tua crença algum dia ser refutada? Por exemplo, se dois de teus bons amigos, inocentes, morressem repentinamente em um acidente trágico, tal fato empírico refutaria tua crença em teu Deus e em Sua providência?” Penso que o crente responderia “não”, não achas?

MARX: Sim.

SÓCRATES: E se eu persistisse em meu questionamento e perguntasse ao crente se dez, cem ou mil de tais eventos refutariam sua crença, pensas então que ele haveria de responder “sim”?

MARX: Não, ele diria “não”, mais uma vez.

SÓCRATES: Por fim, se eu lhe perguntasse *quantos* desses maus eventos refutariam sua crença em um Deus bom, seria ele capaz de dar-me um número?

MARX: Penso que ele seria incapaz de dar-te um número.

SÓCRATES: E se eu lhe pedisse para descrever qualquer coisa que pudéssemos ver neste mundo que lhe provaria que o bom Deus no qual ele crê é um mito irreal, o que achas que ele responderia?

MARX: Ele seria incapaz de te dar aquilo que pedes.

SÓCRATES: Assim, eu estaria certo em concluir que sua crença não é científica?

MARX: De fato estaria.

SÓCRATES: E isso por que, em princípio, não é possível, mesmo na imaginação, refutá-la empiricamente?

MARX: Sim. Essa é uma crença religiosa, não racional.

SÓCRATES: Bem, ela não é *científica*, certamente. Se tudo aquilo que não é científico, ou seja, que não é verificável ou refutável empiricamente, é, por essa razão, também *irracional* é uma questão que ainda não investigamos – e talvez voltemos a ela mais tarde. Mas não precisamos de pressupor que tudo o que não é científico também não é racional; aliás, esse é um pressuposto do qual muitos discordariam. Tudo o que precisamos fazer para mostrar que uma crença não é científica é demonstrar que o crente não permite que qualquer estado de coisas que seja empiricamente observável a refute.

MARX: De acordo. Se uma crença não é empiricamente refutável em princípio, então ela não é científica, mas religiosa ou quase religiosa.

SÓCRATES: Pois apliquemos agora esse mesmo princípio à frase que dizes ser a frase-chave de teu livro, aquela primeira, a partir da qual todo o resto do livro flui: “A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história da luta de classes”. Na frase seguinte, explicas que isso significa que todas as relações sociais são relações de opressão: “Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, [...] em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada”.

MARX: E continuo a sustentar isso.

SÓCRATES: Quando primeiro citei essa frase, expressei minha surpresa com relação à tua crença de que toda a história humana nada é senão opressão e apresentei um exemplo de relação social – aquela que há entre o aprendiz e o mestre de corporação – que parecia refutar tua crença, já que se trata de um relacionamento de cooperação mútua e não de opressão. No entanto, interpretaste também essa relação como uma relação de opressão e fizeste o mesmo no caso de uma relação entre um professor e um estudante. Assim, agora te pergunto se podes me dizer alguma relação social que poderia possivelmente *não ser opressiva*. Que relação se poderia encontrar algures que refutasse tua primeira frase?

MARX: Posso responder a essa pergunta com facilidade, Sócrates: todas as relações de igualdade que caracterizam uma sociedade comunista são relações não-opressivas.

SÓCRATES: Mas sociedade comunista alguma havia existido, em tempo algum da história, antes de teu próprio tempo, não é?

MARX: Não ainda.

SÓCRATES: Mas tua afirmação, aquela que estamos a investigar, é a respeito da história, do passado, e não do futuro. O que poderíamos buscar na história que refutasse tua afirmação? Podes descrever que coisa refutaria empiricamente tua crença? Supõe que pudéssemos visitar todas as sociedades que já existiram: encontraríamos então algum exemplo de sociedade que não fosse opressiva e, não obstante, ainda não fosse uma sociedade comunista?

MARX: Não encontraríamos.

SÓCRATES: E isso é verdade por que observaríamos ser verdade, ou por que definimos que é assim antes mesmo de começarmos a observar?

MARX: O que queres dizer com essa questão?

SÓCRATES: O que quero dizer é: podes imaginar que o que afirmas não seja verdade? Podes escrever uma fantasia acerca de um mundo no qual isso não seja verdade? Uma fantasia imaginável, tal qual um mundo onde os homens tenham duas cabeças? Ou seria algo literalmente inimaginável, como um mundo onde os homens não fossem homens?

MARX: Suponho que seria possível imaginar o mundo que propões, mas seria um reino de pura fantasia.

SÓCRATES: Então, por favor dize-me como seria uma sociedade assim – na qual não houvesse opressão e, não obstante, não existisse comunismo.

MARX: Não posso fazer isso – é impossível.

SÓCRATES: Pois parece que simplesmente definiste “opressivo” como “não comunista” e “não opressivo” como “comunista”.

MARX: Não, é uma questão de verdade empírica, não de uso arbitrário de palavras.

SÓCRATES: Pergunto-me se estás certo. Deixa-me tentar, mais uma vez, testá-lo acerca desse ponto. Podes imaginar a possibilidade de que algum historiador descobrisse alguma sociedade comunista do passado, ou de alguma ilha remota?

MARX: Certamente.

SÓCRATES: E tal sociedade seria necessariamente não opressiva?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Por quê?

MARX: Ora, porque ela seria comunista, é claro.

SÓCRATES: Haveria alguma outra razão?

MARX: Não.

SÓCRATES: E todas as outras sociedades do passado ou de algum lugar remoto no presente que porventura descobríssemos – também elas seriam opressivas caso não fossem sociedades comunistas?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Simplesmente por não serem comunistas?

MARX: Sim.

SÓCRATES: E todas as sociedades que viéssemos a criar no futuro, se não fossem sociedades comunistas, também seriam opressivas?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Necessariamente?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Só por não serem comunistas?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Logo, parece-me que estás simplesmente a usar esses dois conjuntos de palavras de forma intercambiável e que, com “opressivo”, não queres dizer nada mais que “não comunista”.

MARX: Isso não é verdade.

SÓCRATES: Então, por favor, conta-me o que queres dizer quando falas de uma sociedade “opressiva”. Talvez queiras dizer que uma sociedade assim é aquela que suprime os direitos naturais das pessoas?

MARX: Não, eu não creio em “direitos naturais” universais e imutáveis.

SÓCRATES: E uma sociedade que assassina seus cidadãos simplesmente porque eles não acreditam na filosofia política daqueles que estão no poder? Ou que rouba a propriedade de seus cidadãos? Ou que faz seus cidadãos infelizes, tanto que precisam ser proibidos de viajar e de deixar seu país e têm de ser contidos por uma força policial grande e poderosa que reina pelo terror? Ou simplesmente uma que faz alguma coisa – qualquer coisa – a seus cidadãos que eles consideram opressiva? Tu aceitarias qualquer uma dessas coisas como marcas certeiras de uma sociedade opressiva? Afinal, isso é o que a maioria das pessoas quer dizer com essa expressão.

MARX: E se eu disser que sim?

SÓCRATES: Então usarei tua resposta para julgar a maioria das sociedades comunistas da história como sendo de fato muito opressivas – muito mais ainda que a maior parte das sociedades não comunistas.

MARX: Tu estás a usar tuas próprias definições de opressão para fazer esse julgamento, então.

SÓCRATES: Não, estou usando as tuas, se tu as aceitas.

MARX: Mas eu não as aceito!

SÓCRATES: Então, voltamos onde estávamos alguns instantes atrás: tu não és capaz de especificar outro sentido à palavra “opressão” que “não comunismo”; tornas verdade *por definição* que toda a história anterior ao comunismo é opressão.

MARX: Minha afirmação não é apenas uma tautologia vazia; ela é verdadeira.

SÓCRATES: Talvez ela não seja apenas uma tautologia, e eu não alego ter provado que ela não seja verdadeira; alego apenas ter demonstrado que não se

trata de uma crença científica.

MARX: Mas é claro que ela é científica: ela é a primeira a tornar a história em uma ciência.

SÓCRATES: Assim dizes. No entanto, a ciência é empírica, ou *a posteriori*, como dizem os lógicos, mas acabamos de demonstrar que tua crença não é assim, que ela é uma crença *a priori*.

MARX: Pois o que isso significa, ó grande lógico?

SÓCRATES: De acordo com os critérios sobre os quais concordamos apenas há uns minutos atrás, isso quer dizer que tua afirmação é uma crença religiosa, tal qual a crença de que um Deus bondoso e amoroso existe a despeito da quantia de mal que possamos experienciar no mundo.

MARX: Ridículo! Meu sistema é científico, não religioso; ele é empírico.

SÓCRATES: Tu não demonstraste porque tua crença é empírica. Porém, tu mostraste algo empírico acerca de tua crença: que ela te fez corar bastante.

4

O Tempo Presente: A Natureza Humana Pode Mudar?

MARX: Não corei por ficar envergonhado, Sócrates, ou por ser incapaz de te responder – corei por estar enraivecido com tua injustiça. Até agora, tua crítica de minha filosofia da história – ou melhor, apenas de sua primeira frase – não foi histórica, mas meramente lógica. Usaste aquela lógica abstrata e atemporal que tu inventaste, em vez daquela lógica da história, concreta e mutável, que aprendi de Hegel, de modo que tua crítica é tão injusta quanto se criticasses uma dança por não obedecer às leis da pintura.

SÓCRATES: Muito me agrada que começas a argumentar logicamente, Karl, mesmo ao argumentares contra a lógica, pois mesmo uma lógica ruim é melhor que uma boa propaganda. Também me apraz que apeles a uma justiça universal e atemporal à qual tu esperas que ambos estejamos submetidos, muito embora tua filosofia não aceite a existência dessa sorte de justiça. Tua prática parece contradizer tua teoria. Assim, talvez devêssemos prestar menos atenção à tua teoria que à tua lógica – e o mesmo no referente ao comunismo.

MARX: Não há qualquer contradição. Sustento tanto minha teoria quanto minha prática, e igualmente no que diz respeito ao comunismo.

SÓCRATES: Pois bem, procede então com tua nova lógica dialética e desenvolve-me tua filosofia da história, assim como uma teia de aranha é desenvolvida a partir de seu primeiro fio. Toda a tua filosofia da história se origina daquele pressuposto que acabamos de examinar e que descobrimos ser questionável: que toda história passada não é mais que oposição e conflito de classes. Já examinamos o primeiro fio de tua teia, mas ainda não te demos a chance de mostrar-nos o restante dela.

MARX: Fazes troça de minha aparência, Sócrates, comparando-me a uma aranha?

SÓCRATES: Eu? Caçoar do semblante de outro homem? Olha bem para mim, Karl. Eu te asseguro, já fui chamado de coisas piores que “aranha”. Mas não, não tive a intenção de zombar de ti, apenas de examinar teu livro.

MARX: Pois façamo-lo, Ó mestre teorista, em vez de apenas falarmos em fazê-lo!

SÓCRATES: *Touché*. Após resumires toda a história passada como opressão, resumes também a significância do tempo em que viveste – o século dezenove – como oportunidade. Por fim, tu profetizas que o futuro guardará o triunfo do comunismo. Esse é um sumário justo, em três frases, de tua filosofia da história?

MARX: Até onde ele vai, sim.

SÓCRATES: Pois agora devemos proceder a teu segundo ponto: a diferença entre todas as eras passadas e tua era presente. Em uma palavra, em que dizes constituir essa diferença?

MARX: Na burguesia. Como escrevi em seguida, “Nas primeiras épocas históricas, verificamos, quase por toda parte, uma completa divisão da sociedade em classes distintas...”

SÓCRATES: Perdoa-me por interromper, mas esse ponto me parece digno de nota: quase todas as outras pessoas, se questionadas acerca da diferença entre a sociedade moderna e as sociedades anteriores, diriam que a moderna é *mais* complicada – mas tu dizes que é menos!

MARX: Sim, eu digo. E eu apreciaria se não me interrompesses novamente, porque...

SÓCRATES: Não posso te prometer isso.

MARX: Lá vens tu outra vez! Como se espera que...

SÓCRATES: Quem pensas que está a esperar algo de ti?

MARX: Acabas de me interromper...

SÓCRATES: Novamente. Sim, estou a provocar-te, Karl. Cadê teu senso de humor?

MARX: O *Manifesto* é uma coisa séria!

SÓCRATES: Oh, sim, de fato é – terrivelmente séria. Mas esperava encontrar em ti algumas coisas que não encontrei em teu livro, tal como um senso de humor em tua alma.

MARX: Encontrarás em mim apenas carne, e ossos, e cabelos, e unhas, e cérebro, e sistema nervoso – mas nenhuma “alma”.

SÓCRATES: Hum... é isso que temo. Mas vem, chega de provocações. Termina tua leitura; já terminei minhas interrupções.

MARX:

> Nas primeiras épocas históricas, verificamos, quase por toda parte, uma completa divisão da sociedade em classes distintas, uma escala graduada de condições sociais. Na Roma antiga encontramos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média, senhores, vassalos, mestres, companheiros, servos; e, em cada uma destas classes, gradações especiais.
>
> A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe. Não fez senão substituir novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta às que existiram no passado.
>
> Entretanto, a nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado.

SÓCRATES: Consideremos esse ponto antes de passarmos ao que se segue. Essa é uma versão mais detalhada de teu primeiro ponto – de que toda a história é a história dos conflitos de classe –, e as palavras que usas para todas as relações entre as classes são palavras bélicas: “antagonismos”, “opressão”, “luta” e “campos opostos”.

MARX: Nós já discutimos acerca disso. O que há de novo aí é que a batalha de classes foi reduzida em quantidade: agora existem apenas dois exércitos.

SÓCRATES: Mas, para avaliarmos teu novo argumento, precisamos entendê-lo; a fim de entendê-lo, temos de entender seus termos. Logo, por favor, conta-me exatamente o que queres dizer ao empregares estes dois novos termos com os quais defines a situação social de teu tempo: a “burguesia” e o “proletariado”.

MARX: A burguesia é a classe daqueles que detêm os meios de produção.

SÓCRATES: Produção de quê?

MARX: De riqueza social. E, no capitalismo, esses indivíduos são os capitalistas, isto é, aqueles que têm capital – uma riqueza que está muito além do necessário para a sobrevivência e subsistência básica dessas pessoas, e que elas podem investir com juros, tornando-se, assim, mais ricas. Com efeito, no capitalismo, quanto mais rico alguém é, mais rico pode vir a ser, e mais depressa. Assim, os ricos ficam mais ricos e os pobres ficam mais pobres.

O proletariado, por outro lado, são aqueles que não detêm os meios de produção e que, portanto, a fim de sobreviverem, têm de vender a si mesmos como trabalhadores em troca de salários pagos a eles pela burguesia, pelos capitalistas. Vês, trata-se da relação mestre-escravo em vocabulário econômico.

SÓCRATES: Crês que o conflito entre ricos e pobres, entre aqueles que “têm” e aqueles que “não têm”, é inevitável, então?

MARX: Não é só entre os ricos e os pobres, isto é, entre aqueles que têm riquezas e aqueles que não as têm, mas sobretudo entre aqueles que têm o poder de produzir maiores riquezas e aqueles que não o têm.

SÓCRATES: Logo, concentras-te mais no poder que apenas na riqueza e também mais no controle do futuro que no controle do presente.

MARX: Pode-se dizer que sim, mas meu ponto principal acerca de meu tempo presente é que, a partir de então, passou a haver apenas uma classe de ricos e uma de pobres, de modo que não há mais conflito dos ricos entre si ou dos pobres entre si, mas apenas o conflito remanescente entre essas duas classes, e o significado prático desse fato é enorme: pela primeira vez na história, uma única revolução mundial de proletários pode abolir a burguesia e, assim, abolir o conflito de classe, que é o motor de toda a história.

SÓCRATES: Então tal revolução realmente traria o fim da história!

MARX: Sim.

SÓCRATES: Que alegação extraordinária! Assim, o fim da história ocorrerá em algum momento da história.

MARX: Isso não é uma autocontradição lógica, como parece ser. Na verdade, verás que é perfeitamente lógico, se apenas olhares para seu conteúdo material, em vez de sua forma abstrata – em outras palavras, se fores científico, como eu, e não abstratamente filosófico, como tu. A história é mudança; logo, sem mudanças sociais, não há história. Como a causa das mudanças sociais é o conflito de classe, sem conflito de classe também não há história – ao removeres a causa, removes também o efeito. Porém, o conflito de classe só pode cessar se, e somente se, não houver mais classes, e isso só pode ocorrer quando o número de classes é reduzido a dois, de modo que a eliminação de uma classe pela outra crie uma sociedade sem classes. E isso é a revolução comunista. Portanto, a história só pode acabar por meio da ação histórica da revolução comunista.

SÓCRATES: Essa é certamente uma história fascinante. Resta saber se é fato ou ficção.

MARX: O que queres dizer com “fato ou ficção”?

SÓCRATES: Ora, se o que dizes é verdade, é claro.

MARX: E como pretendes descobrir isso?

SÓCRATES: Já que o fim da história ainda não aconteceu, não podes saber se o que disseste é verdadeiro ou falso por observação empírica.

MARX: Mas dizer que ele ainda não aconteceu, que ainda não foi observado, não prova que o que eu disse é uma ficção. Mas o fim da história *será*

observado, quando ele ocorrer.

SÓCRATES: No entanto, ainda não podemos observar o futuro e, logo, não podemos verificar ou refutar tua ideia agora.

MARX: E, por isso, concluis que ela não é uma ideia científica?

SÓCRATES: Não, eu não disse isso. Mas digo que há uma segunda forma de testar uma ideia, mesmo uma ideia científica, além da observação empírica.

MARX: Impossível. Se algo não é empírico, também não é científico.

SÓCRATES: Supõe que uma teoria científica contenha uma autocontradição lógica: isso não comprovaria a falsidade dessa teoria?

MARX: Na verdade, não! A história é feita de contradições ambulantes. Tua lógica rejeita as contradições porque rejeita a história, mas a lógica de Hegel, a minha lógica, as acolhe. Isto é o que move a dialética da história: a contradição entre tese e antítese.

SÓCRATES: Ah, estou perfeitamente disposto a conceder-te, para fins argumentativos, que Hegel está certo acerca de sua dialética e que tu também estás, mas essa dialética não envolve *contradições* e sim *contrariedades*.

MARX: O que queres dizer?

SÓCRATES: Quente e frio, bem e mal, visível e invisível são pares de opostos ou de *termos* contrários e podem facilmente coexistir; por exemplo, um homem pode ser, ao mesmo tempo, bom e mau, ou visível (em função de seu corpo) e invisível (em função de sua alma). Não são dois *termos* que podem ser contraditórios, ou duas coisas reais designadas por um termo, mas duas *proposições* e, embora dois termos contraditórios possam estar presentes em um ser real ao mesmo tempo, como quando o bem e o mal estão presentes em um só homem, duas proposições contraditórias não podem ambas ser verdadeiras a um só tempo. Por exemplo, conquanto Sócrates possa ser bom e mau simultaneamente, que Sócrates tenha bondade e que Sócrates não tenha bondade não pode ser verdade ao mesmo tempo.

MARX: Mas Sócrates pode ser bom e mau ao mesmo tempo. Tu mesmo admites isso. Tu podes ser essa contradição ambulante.

SÓCRATES: Não, isso é diferente, isso não é uma contradição; por essa razão é que precisamos de uma palavra diferente para designar esse fenômeno. Com efeito, na lógica, a palavra tradicional para ele é *contrariedade*, ou *oposição*, e tu estás equivocado em chamá-lo de contradição.

MARX: Obrigado, criador da lógica, por tua lição sobre jogos abstratos de palavras.

SÓCRATES: Pois hei de transformá-la em uma lição de história prática e concreta. Olha só – dizes que a história terminará por razão de uma revolução comunista. Vós, comunistas, dizeis que essa proposição é verdadeira, não é?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Mas os vossos oponentes, os anticomunistas, dizem que ela é falsa, certo?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Assim, os comunistas e os anticomunistas contradizem uns aos outros, de modo que a proposição na qual alguns acreditam deve ser verdadeira e aquela na qual outros acreditam deve ser falsa.

MARX: É claro. Nisso, não contradigo o mundo.

SÓCRATES: Mas em *que* contradizes o mundo? O que falas acerca da história e da contradição que o mundo não sabe?

MARX: Que tanto o comunismo quanto o anticomunismo são partes necessárias à dialética e que, portanto, ambos são verdadeiros com relação a seu lugar na história. Logo, as contradições são tanto verdadeiras quanto necessárias.

SÓCRATES: Talvez ambos sejam *necessários*, mas, então, um será uma verdade necessária e o outro uma falsidade necessária.

MARX: Podes colocar a coisa dessa forma, mas, embora o capitalismo seja falso desde o ponto de vista comunista, ele é verdadeiro desde o ponto de vista capitalista.

SÓCRATES: Se isso é verdade, então o ponto de vista capitalista, em si mesmo, não é verdadeiro, mas o ponto de vista comunista é. Em outras palavras, o capitalismo é falso, mas o comunismo é verdadeiro.

MARX: Pareces estar concordando comigo, mas não creio que esteja de fato. Suspeito, Sócrates, que quando dizes que “o capitalismo é falso, mas o comunismo é verdadeiro”, estejas fazendo referência a uma verdade universal, abstrata, atemporal e não histórica. É aí que divergimos: eu não creio nesse tipo de verdade. Eu acredito que a verdade mesma muda ao longo da história.

SÓCRATES: Negas, pois, que possamos saber que uma teoria científica é falsa simplesmente por ela contradizer logicamente a si própria?

MARX: Dá-me um exemplo.

SÓCRATES: Supõe que alguém proponha a teoria de que Júlio César tenha sido assassinado por Karl Marx. Digo que podemos saber que essa teoria é falsa pelo

simples fato de que contém uma autocontradição, a qual todos podemos reconhecer – e é por isso que todos sabemos ser falsa essa teoria.

MARX: Que autocontradição?

SÓCRATES: Todos sabemos que um homem vivo não pode ser assassinado por um homem que não está vivo – e todos nós sabemos que César foi assassinado quando tu ainda não estavas vivo.

MARX: Está certo, então. Concordo que uma teoria que se contradiga dessa forma deve ser falsa. No entanto, nada em minha teoria é autocontraditória dessa maneira.

SÓCRATES: É isso que devemos investigar agora, pois se encontrarmos tal contradição em tua teoria, saberemos que a teoria é falsa.

MARX: Mas deves interpretá-la corretamente, pois é muito fácil encontrar contradições aparentes.

SÓCRATES: Deveras. Assim, teremos de compreendê-la antes de testá-la, e é por isso que eu insisto em definir os termos antes de testar as proposições por meio de argumento.

MARX: Vai em frente, então. Já me canso de toda essa lógica geral, abstrata e vazia.

SÓCRATES: Pois eis aqui algo denso, concreto e específico: vejo três coisas na passagem que leste há pouco que parecem conter contradições. Talvez não contenham de fato; talvez eu não as tenha compreendido direito. Logo, deves explicar-me o que queres dizer com cada uma delas.

MARX: Ficarei feliz em esclarecer-te, Sócrates. Se pensas ver qualquer contradição no que falei, tenho certeza de que não o entendeste corretamente.

SÓCRATES: Veremos. Eis minha primeira pergunta: dizes que o conflito *somente* pode cessar quando todas as classes forem eliminadas, exceto uma, correto?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Então, não pode haver conversão, ou mudança de ideia, ou mudança na natureza humana, de belicosa a pacífica, antes de tua revolução?

MARX: Não pode haver e não houve.

SÓCRATES: E em teu presente histórico, teu século dezenove, encontram-se apenas duas classes remanescentes, a burguesia e o proletariado, correto?

MARX: Sim.

SÓCRATES: E é o proletariado que há de se levantar e revoltar-se contra seus opressores, correto?

MARX: Sim. A burguesia certamente não irá se levantar contra o proletariado, pois ela precisa dele, mas o proletariado não precisa da burguesia. É a "dialética senhor-escravo" de Hegel: o senhor é escravizado por seu escravo, isto é, por sua necessidade de seu escravo. Por isso é que os senhores nunca se revoltam contra seus escravos, mas apenas estes contra aqueles.

SÓCRATES: Entendo. Logo, em tua estória, os proletários são os heróis e os burgueses são os vilões.

MARX: Historicamente falando, poder-se-ia dizer isso. Mas não apelo a qualquer verdade atemporal para fazer tal juízo.

SÓCRATES: E os homens dessas duas classes têm duas naturezas diferentes, uma boa e a outra má?

MARX: Não; eles não podem evitar agir da forma que agem.

SÓCRATES: Se pegássemos cada membro da burguesia e os tornássemos proletários, simplesmente privando-lhes de sua posse dos meios de produção, eles agiriam então como burgueses ou como proletários?

MARX: Como proletários.

SÓCRATES: E se pegássemos cada proletário e o fizéssemos um membro da burguesia, dando-lhe a posse dos meios de produção, ele agiria como burguês ou como proletário?

MARX: Como burguês.

SÓCRATES: Logo, os homens não estão divididos entre bons e maus, ou egoístas e altruístas, mas entre burgueses e proletários?

MARX: Sim. Todos os homens são egoístas; eles apenas agem de maneiras diferentes por serem membros de classes diferentes.

SÓCRATES: Entendo. Portanto, se todos os homens são egoístas, e se a natureza humana não se modifica ao mudarmos os homens de classes sociais, então teu comunismo também não irá mudar a natureza humana. Os homens continuarão a ser tão egoístas e competitivos após a revolução quanto eram antes dela. Assim, a história *não* terminará, e a luta há de continuar.

MARX: Não, não, tu não entendeste, Sócrates. A natureza humana é maleável. Se mudarmos a estrutura de classes, mudamos o conteúdo dessa natureza, assim como, ao mudarmos as palavras em um documento, mudamos o significado dele. Assim, a revolução produzirá um novo homem, desprovido de conflitos e

antagonismos. Como eu disse em minha *Crítica do Programa de Gotha*, os homens viverão de uma forma que flua “de cada qual, segundo sua capacidade, a cada qual, segundo suas necessidades”, e na qual “o livre desenvolvimento de cada um é a condição do livre desenvolvimento de todos”. Ninguém será deixado para trás, ninguém será escravizado ou oprimido. A revolução mudará radicalmente tanto a natureza humana quanto a história.

SÓCRATES: Assim, a natureza humana é mutável.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Por que, então, ela jamais pode mudar *antes* da revolução? Por que um homem egoísta não poderia se tornar altruísta antes de 1848? Já não ocorreu de pecadores virarem santos? E por que o mesmo não poderia acontecer a mais de um homem? Por que não uma sociedade inteira de tais homens altruístas e pacíficos?

MARX: Porque a causa suficiente de tal mudança só vem com a revolução. Apelos morais e religiosos não conseguiram operar essa mutação e nada mais serão que ideais abstratos, não realidades concretas, até que a estrutura social seja alterada radicalmente, pois estruturas sociais egoístas produzem indivíduos egoístas.

SÓCRATES: Pergunto-me se faz sentido usar a palavra “egoísta” para descrever não apenas um homem, mas uma estrutura social.

MARX: Não obstante, faz sentido. Uma estrutura social egoísta é aquela que propicia conflitos de classe; por outro lado, uma estrutura social altruísta é aquela que está livre desses mesmos conflitos.

SÓCRATES: Por que não podemos agir de maneira altruísta mesmo quando vivemos em uma “estrutura social egoísta”?

MARX: Porque nossas estruturas sociais determinam a forma como agimos.

SÓCRATES: Pois é essa alegação que devemos investigar agora.

5

A Existência de Santos Refuta o Comunismo?

SÓCRATES: Tu já ouviste falar em santos?

MARX: Isso é o mesmo que me falar em assombrações, Sócrates.

SÓCRATES: Mas a existência de santos, ao contrário da existência de assombrações, é um dado empírico – dado, aliás, que parece refutar tua teoria. Alguns homens boníssimos viveram em sociedades péssimas; um desses homens, Thomas More, escreveu certa vez: “os tempos nunca são ruins demais para que não possa um homem bom viver neles”.

MARX: Essa é a opinião dele, mas palavras idealistas nada provam. Minha filosofia é baseada em ciência, não religião; em fatos exatos, não em belos sonhos.

SÓCRATES: Nós já tivemos oportunidade de questionar essa alegação uma vez, mas creio seja bom testá-la novamente. Dize-me, Karl, e tu? Viveste em tempos ruins?

MARX: De fato vivi.

SÓCRATES: E fizeste o experimento de tentar viver como um santo nesses tempos?

MARX: Por que fazes pergunta tão tola, Sócrates?

SÓCRATES: Porque isso teria te dado ao menos alguns dados experimentais com os quais poderias testar tua teoria de que tal coisa é impossível.

MARX: O que pensas que eu sou, um *católico*?

SÓCRATES: Eu pensava que tu havias sido protestante por um tempo, quando eras jovem.

MARX: Eu tentei ser – quando era jovem e tolo.

SÓCRATES: Mas nasceste judeu, embora jamais tenha tentado ser um, não é?

MARX: Meu pai repudiara seu judaísmo.

SÓCRATES: Conheço tua história. Meu ponto é que tu não fizeste qualquer experimento nesse sentido e tampouco te preocupaste em investigar os diversos experimentos feitos por outros, experimentos de santidade, experimentos que produziram sim dados relevantes com relação à tua teoria, dados estes que parecem contradizê-la. Mas Thomas More fez justamente esse experimento.

MARX: Tu me criticas, então, por eu não compartilhar de suas crenças idealistas?

SÓCRATES: Não, apenas classifico a opinião dele como mais científica, já que ela é baseada em dados históricos, e rotulo a tua como religiosa, porque ela não é.

MARX: Isso é ultrajante e grosseiramente injusto!

SÓCRATES: Concordo.

MARX: Como?

SÓCRATES: Eu concordo que o fato de tu te apropriares do rótulo de "científico", tirando-o de seu lugar adequado – a ideia de Thomas More –, e reivindicares esse rótulo para tua ideia não testada é de fato ultrajante e grosseiramente injusto.

MARX: Não, tu és o ladrão que rouba e desloca rótulos. Ainda que minhas ideias não fossem científicas – mas elas são –, certamente não são *religiosas*! (Cospe! Escarra!)

SÓCRATES: Pois bem, testemos, então, *essa* tua afirmação.

MARX: Tu nunca desistes, não é?

SÓCRATES: Nunca. Dize-me, como definirias uma crença "religiosa"?

MARX: Como um mito idiota, alienante e desumanizador, para mentes entorpecidas e fracas.

SÓCRATES: Talvez devêssemos primeiro definir "definição", a fim de que possamos distingui-la de "denúncia" e "difamação".

MARX: Qual é a *tua* definição, então?

SÓCRATES: Não há nada de "meu" ou "teu" em uma definição. As definições não são propriedades privadas, mas públicas.

MARX: Não há nada em comum entre as definições burguesas dessas ideias-chave e as definições comunistas.

SÓCRATES: Então, de acordo com o comunismo, não há nada em comum? Que irônico que *tu*, o comunista, torne propriedade privada aquilo que outros dizem ser público – no mundo das ideias, ao menos.

MARX: Nós, comunistas, nos preocupamos com propriedades reais, Sócrates; vós, filósofos, é que vos preocupais com ideias.

SÓCRATES: Discutiremos a condição das ideias mais adiante, para determinarmos se são reais ou irreais. Por hora, no entanto, devemos terminar o que começamos: aceitas a definição de crença religiosa dada pelo dicionário como uma definição que, ao menos, é tida em comum ou aceita verbalmente?

MARX: Digamos que sim, apenas para fins práticos.

SÓCRATES: Pois bem, o dicionário nos diz que a palavra religião, literalmente, significa “que relaciona”, ou “relação”, ou “que liga”, ou “que religa”.

MARX: Francamente, Sócrates, pouco me interesso por religião ou etimologia. Mas e daí?

SÓCRATES: E daí que isso é uma religião, de acordo com o dicionário, o qual relata como as palavras de fato são usadas popularmente. Uma crença religiosa é uma crença acerca de uma relação com um objeto religioso, com Deus ou algo divino, seja tal objeto real ou irreal. Essa é uma definição aceitável para ti?

MARX: Sim, mas também é essencial à religião o não ser científica; quero incluir também essa informação em nossa definição.

SÓCRATES: Está bem. Que tal isto, então? As crenças religiosas não se permitem ser refutadas por qualquer dado empírico, pois elas não se baseiam neles.

MARX: Ótimo. Estou completamente de acordo.

SÓCRATES: Bem, apliquemos, assim, nossa definição acordada à questão que estávamos discutindo antes, acerca da crença de Thomas More de que a santidade é possível mesmo em sociedades perversas – questão esta que certamente é religiosa, já que trata da relação entre um homem e Deus. More baseava sua crença – que a santidade é possível mesmo no pior dos tempos – no conhecimento da sua própria vida e da vida dos santos que ele estudara. Tu, por outro lado, não baseias tua crença oposta e referente ao mesmo tema em qualquer dado existente e não permites que aqueles dados, os dados relativos a esse ou outros santos, refutem a tua crença. Logo, concluo que tua crença na hipótese de que todos os homens são determinados por suas estruturas sociais é uma crença religiosa.

6

A Questão da Liberdade

MARX: Pouco me importa como classificas minha crença, pois ela é verdade.

SÓCRATES: Não se ela contém uma contradição.

MARX: Que contradição?

SÓCRATES: Tu mesmo, penso.

MARX: Não compreendo.

SÓCRATES: Creio que tua ideia não preste contas da própria origem.

MARX: Que origem?

SÓCRATES: Tu. Tu escreveste este *Manifesto*, não é?

MARX: Sim.

SÓCRATES: E tu disseste que foste o primeiro a descobrir a fórmula fundamental da história humana, referente à opressão passada, à oportunidade presente e ao futuro triunfo do comunismo, correto?

MARX: Sim.

SÓCRATES: E uma de tuas ideias, um dos princípios de tua filosofia, é que todas as ideias são determinadas por condições sociais, especialmente pelas estruturas de classe, não é verdade?

MARX: Correto.

SÓCRATES: E não que as estruturas sejam determinadas pelas ideias, como pensam os idealistas?

MARX: Certo mais uma vez.

SÓCRATES: Mas tu nasceste em uma sociedade burguesa e de uma família burguesa, uma família típica de “classe média”, não foi? E Engels também?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Podes dizer-me um só nome de um pensador ou militante comunista que conheceste em tua época e cuja origem fosse proletária e não burguesa?

MARX: Ah, em sua juventude eles foram burgueses, mas rejeitaram essas origens; eles viram a luz, e tu mesmo poderias vê-la, Sócrates. Serias um grande acréscimo ao nosso movimento.

SÓCRATES: Pareces apelar à minha capacidade de livre escolha.

MARX: Não vais me pegar com isso. A livre escolha é uma ilusão, e a ciência conhece apenas o determinismo. Não importa o que façamos, escolhamos ou pensemos, ambos somos apenas instrumentos da história.

SÓCRATES: Mas há algo disso que não compreendo: tu e todos os comunistas de tua época vieram da burguesia. No entanto, dizes que os indivíduos não têm como evitar o modo como agem, pensam e escolhem, porque é sua classe social que determina tudo isso. Assim, se aceitamos as duas premissas, chegamos à conclusão de que as ideias e as ações comunistas são completamente burguesas!

MARX: Essa conclusão é tão nojenta que só posso pensar em uma palavra para descrevê-la: ela é burguesa!

SÓCRATES: Mas eu não sou dono de qualquer meio de produção de riquezas. Então, por definição, não posso ser um membro dessa classe odiada; em verdade, fui pobre a minha vida toda.

MARX: E?

SÓCRATES: E acabas de chamar minha ideia de que as *tuas* ideias comunistas devem ser burguesas de uma ideia burguesa.

MARX: E?

SÓCRATES: E tu dizes que todas as ideias são determinadas por classes sociais.

MARX: De fato são.

SÓCRATES: Então como minhas ideias “burguesas” podem ter vindo de minha origem proletária? E como as tuas ideias proletárias vêm de tua origem burguesa?

MARX: Eu rejeitei minhas origens, e tu rejeitaste as tuas.

SÓCRATES: Pois tua sociedade burguesa, teus professores e teus pais disseram-te para rejeitá-las?

MARX: É claro que não.

SÓCRATES: Eles desejavam que tu te acomodasses, que fosses tão burguês quanto eles mesmos.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Mas tu optaste por rebelar-te.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Logo, parece que os indivíduos têm a capacidade de livre escolha, afinal! Tu mesmo és exemplo disso.

MARX: Não, isso não procede. Eu escolhi, sim, mas essa escolha era tão necessária, tão determinada pelo destino da dialética histórica quanto as escolhas dos demais de permanecerem burgueses. Acontece que o destino escolheu a mim, e não a eles, para ser o instrumento de propagação do comunismo.

SÓCRATES: Então não há liberdade alguma para ninguém, de acordo com tua filosofia?

MARX: A coisa não é assim; no entanto, a fim de entendermos porque ela não é assim, precisamos fazer aquilo que sempre insistes em fazer: temos de definir nossos termos. Estamos a usar a mesma palavra, mas não com o mesmo significado. Quando dizes “liberdade”, estás a pensar na liberdade *burguesa,* não na liberdade comunista.

SÓCRATES: Pois o que é liberdade comunista?

MARX: Sob o comunismo, e somente sob o comunismo, todos serão livres: livres de carências e de guerras, livres de crimes e de desemprego, livres da falta de lar e da pobreza.

SÓCRATES: Eles estarão livres para ter pensamentos não comunistas?

MARX: Isso não é liberdade verdadeira. Espera, Sócrates; antes de responderes a isso, deixa-me explicar. Tu não entendes a noção comunista de liberdade porque partes de tua pressuposição de uma essência ou natureza humana universal e imutável e então perguntas se essa coisa tem liberdade. Mas não há tal natureza humana imutável, ou tal “ser de uma espécie”, como eu o chamo.

SÓCRATES: Então crês que não haja espécies reais, que palavras universais como “homem” ou “rio”, em oposição a palavras individuais como “Sócrates” ou “Nilo”, não se refiram a quaisquer realidades comuns ou naturezas universais. Logo, és um nominalista; acreditas que a universalidade se encontra apenas nas palavras, em *nomina.*

MARX: Correto. Assim, não existe uma única “liberdade” ou “justiça” que seja comum a todas as classes e estágios da humanidade. Conforme a história percorre seu caminho dialético e a sociedade muda suas estruturas de classe, são produzidas diferentes formas de humanidade e, logo, de liberdade e justiça, de acordo com as diferentes formas de propriedade.

SÓCRATES: Mas quer a humanidade exista sob uma ou muitas formas, deves falar em formas e, portanto, em universalidade. Mesmo que a humanidade

burguesa e a humanidade comunista sejam duas espécies e não uma, ainda assim há espécies, e um comunista se enquadra na mesma espécie que outro comunista.

MARX: Como eu resolvo o problema lógico abstrato dos termos universais não é importante; o que é importante é que cada etapa da história produz um tipo diferente de liberdade – é sobre isso que estamos falando agora, afinal.

SÓCRATES: Então, no capitalismo, não há liberdade da pobreza, de crimes ou da guerra como há no comunismo.

MARX: Correto.

SÓCRATES: E a razão disso é que o capitalismo ainda se baseia no conflito de classe.

MARX: Sim. Tu entendes, então.

SÓCRATES: Por outro lado, no comunismo, não há economia de livre mercado, ou livre-comércio, como há no capitalismo – e pelo mesmo motivo: não há classes.

MARX: Correto mais uma vez.

SÓCRATES: Pois bem, aceitemos tuas definições e passemos a avaliá-las. Não afirmo saber muito acerca daquilo que chamas de forma capitalista de liberdade e, logo, não posso julgar se ela é boa ou ruim, embora, à primeira vista, pareça ser boa. Mas sei bem que essa liberdade que alegas ser dada pelo comunismo – liberdade da pobreza, da criminalidade e da guerra – é um bem, pois é um desejo natural de todo homem são.

MARX: Concordas comigo cada vez mais.

SÓCRATES: Mas ainda não sei se estás certo em tua alegação de que, de fato, o comunismo dá tais liberdades ao homem e o capitalismo não.

Não obstante, nenhum desses dois tipos de liberdade é o que me interessa mais, mas sim um terceiro tipo, o qual eu chamaria de liberdade de pensamento. Assim, pergunto-te se há liberdade de pensamento sob o comunismo.

MARX: Não há.

SÓCRATES: Admites isso livremente?

MARX: Sim, mas também digo que isso tampouco existe no capitalismo. Trata-se de um fantasma, de um mito, tal qual o próprio pensamento: ele é um efeito, não uma causa. O pensamento de qualquer sociedade é um subproduto de sua estrutura de classes econômicas. Ele não voa livremente, qual um anjo, sem raízes em seu solo social.

SÓCRATES: Esse é um problema crucial ao qual teremos de retornar mais adiante, no momento em que ele surge em teu livro. Apartamo-nos desse livro já há bastante tempo, mas agora devemos voltar a ele. Porém, antes disso, tenho de fazer-te esta pergunta: ainda não entendo como teus pensamentos comunistas floresceram necessariamente de teu solo social burguês; podes me explicar?

MARX: Tentarei esclarecê-lo melhor para ti. Nem eu, nem o meu livro e nem os meus pensamentos somos a causa da revolução – nós somos apenas os seus instrumentos, os fósforos que irão acender aquela chama que há de se espalhar pelo mundo. Mas essa chama se espalhará por necessidade, em função de sua própria natureza, porque as folhas mortas do mundo – os produtos moribundos do capitalismo – jazem sobre o chão, secas e inertes. O destino delas é queimar, pois é da natureza mesma do capitalismo ser auto-destrutivo e do comunismo triunfar, porquanto o capitalismo produz seus próprios coveiros, o proletariado.

SÓCRATES: Eu entendo como uma coisa pode destruir a si mesma, creio, seja essa coisa uma mera pessoa ou um sistema social. Porém, não entendo como algo pode criar a si próprio – e tu?

MARX: É claro que não; nada pode criar a si mesmo ou causar a si mesmo. Isso é uma impossibilidade científica.

SÓCRATES: Eu concordo. Qual é a origem do comunismo, então? Dizes que apenas é necessário um pequeno fósforo – o teu *Manifesto* – e o efeito será a destruição de todo o mundo capitalista no fogo da revolução. Mas quem é que acendeu o primeiro fósforo? Ele acendeu a si próprio? Ele criou a si próprio? O teu livro escreveu a si próprio?

MARX: É claro que não.

SÓCRATES: Tu escreveste o livro. Tu acendeste o fósforo. Então, tu és a causa do fogo.

MARX: É claro que sou. No entanto, sou apenas um instrumento, um elo na cadeia causal da história. Não creio na “teoria histórica do grande homem”; não há, entre os homens, um Prometeu, um Hércules, ou um Zeus que move os mundos. Pelo contrário, nós somos movidos por nosso mundo; nós somos o nosso destino.

SÓCRATES: E o teu destino é ser o profeta do comunismo.

MARX: Se insistes em usar linguagem religiosa, sim.

SÓCRATES: Ou seja, és o profeta da filosofia que ensina que todos as ações dos homens, e mesmo os seus pensamentos, são determinadas por seu sistema de classes, seu sistema social, seu sistema econômico.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Então, não *existe* algo como o pensamento livre; o pensamento é apenas um efeito de condições sociais, tanto quanto a riqueza.

MARX: Exatamente.

SÓCRATES: Logo, os homens não têm a vontade livre para escolher quais pensamentos terão ou quais ações realizarão.

MARX: Eles têm vontade e escolha, mas essas não são livres; elas não são independentes das cadeias causais que os atam, e essas cadeias são sociais.

SÓCRATES: Entendo. Portanto, em teu sistema, presta-se contas de tudo, tudo é explicado, em função de causas necessárias.

MARX: Sim, e é por isso que meu sistema é científico; nada deixo sem causas, nada falta de que prestar contas, nada fica sem explicação.

SÓCRATES: Não, eu acho que há uma coisa que tu não explicaste.

MARX: O quê?

SÓCRATES: Tu mesmo, enquanto escritor desse livro e pensador desses pensamentos.

MARX: Mas eu já te disse, Sócrates: eu fui apenas um instrumento. Tanto os pensamentos quanto as ações, e tanto as ações dos homens quanto as dos animais, das plantas e dos minerais, são todos necessários, não livres. Tudo é predeterminado por correntes causais.

SÓCRATES: Necessariamente, em vez de livremente?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Logo, se essas correntes constrangem necessariamente e não livremente, então é impossível que não funcionem, não atem, não produzam seus efeitos?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Incluindo cada detalhe, mesmo os meios pelos quais esses efeitos ocorrerão e quando ocorrerão?

MARX: Até mesmo isso. Não pode haver exceção, nenhuma rachadura pela qual possa escorrer qualquer sinuosidade transcendente, incomensurável...

SÓCRATES: Fala com simplicidade, por favor!

MARX: Por exemplo, não podemos dizer que a revolução é inevitável e não livre, mas, ao mesmo tempo, dizer que o *momento* em que ela acontecerá ou o *meio* pelo qual acontecerá é livre – isso não seria científico. Somente podemos conhecer e prever atualmente, algo do futuro; assim, podemos saber que a

revolução acontecerá, mas não quando. Mas aquilo que não sabemos também acontecerá realmente, e o que quer que aconteça há de acontecer por necessidade causal, não independentemente dela.

SÓCRATES: Destarte, em teu sistema, não concedes o mais minúsculo recanto ou orifício para a livre escolha?

MARX: Não, nenhum.

SÓCRATES: Nem mesmo para um pequeno evento?

MARX: Não.

SÓCRATES: Como o acender um fósforo?

MARX: Não.

SÓCRATES: Então, por que acendê-lo?

MARX: O que queres dizer?

SÓCRATES: Se o fogo da revolução, seu tempo e seus mais minúsculos detalhes são todos necessários e imutáveis, se nada podes fazer para obstruir a revolução ou para contribuir para a sua inevitabilidade, se tudo está predestinado, por que não apenas comer, beber e ficar feliz, em vez de devotares tua vida ao comunismo? Por que fazer sacrifícios em nome do comunismo, se nada pode pará-lo afinal? Em outras palavras, por que pagar por algo, se podes consegui-lo de graça?

MARX: Sócrates, eu estava errado.

SÓCRATES: Acerca da liberdade?

MARX: Não, com relação a ti; pensei que começavas a entender-me.

SÓCRATES: Ai de mim, acho que estás certo nisso – tu estás certo sobre em que erraste: eu *não* te entendo. É esse o meu destino?

MARX: Por hora, sim, mas talvez teu destino seja ver a luz e te juntares a mim – e, se o fizeres, entenderás.

SÓCRATES: Mas, até lá, continuarei ignorante?

MARX: Provavelmente.

SÓCRATES: Dizes, pois, que mesmo o entendimento significa, para os comunistas, algo diferente do que significa para os não comunistas?

MARX: Sim, de fato.

SÓCRATES: Assim, eu teria de me tornar um comunista a fim de entender o comunismo, em vez de entendê-lo primeiro e então decidir se devo me tornar um comunista ou não?

MARX: Exatamente.

SÓCRATES: O que falas é peculiarmente similar ao que dizem os místicos religiosos, os quais dizem que, antes de mais nada, é preciso se tornar um místico, e só então será possível entender o misticismo – e algumas pessoas dizem o mesmo acerca da fé religiosa: “a não ser que creias, não entenderás”.

MARX: Mas religião é idealismo, não ciência materialista; ela entende tudo ao revés. A religião ignora que o pensamento e o entendimento são efeitos e não causas. O comunismo *enquanto realidade*, por outro lado, não é um efeito do comunismo *enquanto ideia* – muito pelo contrário.

SÓCRATES: Logo, a revolução comunista, e também todas as outras revoluções, não começa no pensamento?

MARX: Não, elas começam nas ruas.

SÓCRATES: Mas por que devem os homens ir às ruas para se revoltarem, a menos que sejam impelidos a fazê-lo por pensarem que tal revolução é boa, sábia ou desejável? Esses são os pensamentos que eles têm de fato, não são?

MARX: Ah, sim, eles têm mesmo tais pensamentos; no entanto, os pensamentos não podem surgir a não ser que, por sua vez, sejam causados por condições materiais reais, e quando os pensamentos surgem de fato, eles não podem causar eventos materiais. Como poderia uma ideia derramar sangue? Como poderia algo como um fantasma apertar os botões de uma máquina qual o corpo humano?

SÓCRATES: Este é verdadeiramente um grande mistério: como nossos pensamentos são capazes de causar eventos físicos em nossos corpos.

MARX: Isso é pior que um mistério: é uma irracionalidade completa, uma impossibilidade.

SÓCRATES: Mas tu és científico – começas com os dados, não com uma teoria, não é verdade?

MARX: Sim.

SÓCRATES: No entanto, pareces negar um dado que todos experienciamos: o poder do pensamento em causar nossas ações e em motivar-nos a agir. Tu rejeitas esse dado misterioso e difícil a fim de preservar tua teoria aparentemente racional de determinismo e materialismo. Assim, concluo, mais uma vez, que teu pensamento não é científico, que ele é mais como uma fé religiosa.

MARX: Sócrates, isso é ultrajante.

SÓCRATES: Totalmente.

7

O que o Capitalismo Produziu?

SÓCRATES: Há muito que estamos navegando para longe da terra de teu livro no barco de nossa conversa; devemos, pois, retornar às docas, a fim de trazer a bordo mais provisões tiradas do livro.

MARX: Já é tempo, assim como já é tempo de pensarmos acerca do tempo, da história, de eventos reais, em vez de a respeito desses teus argumentos lógicos abstratos. Afinal, devíamos estar a discutir meu livro e minha ideologia, não a tua.

SÓCRATES: O conteúdo é teu; a forma lógica não é minha e nem tua, mas universal e inescapável. Está certo, façamos como sugeres. A próxima etapa no argumento do *Manifesto* é teu sumário do que, dizes, a burguesia já realizou. E isso é algo muito concreto. Escreves: "Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia calcou aos pés as relações feudais, patriarcais e idílicas. Todos os complexos e variados laços que prendiam o homem feudal a seus "superiores naturais" ela os despedaçou sem piedade, para só deixar subsistir, de homem para homem, o laço do frio interesse, as duras exigências do 'pagamento à vista'." Esse é teu primeiro ponto, que concerne às relações sociais.

"Afogou os fervores sagrados do êxtase religioso, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta". Esse é teu segundo ponto, acerca dos sentimentos religiosos.

"Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca". Esse é teu terceiro ponto, acerca da dignidade pessoal.

"Substituiu as numerosas liberdades, conquistadas com tanto esforço, pela *única* e implacável liberdade de comércio". Esse é teu quarto ponto, acerca da liberdade.

"Em uma palavra, em lugar da exploração velada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, cínica, direta e brutal".

Creio que esse não é um ponto específico novo, mas apenas teu sumário geral dos pontos anteriores.

"A burguesia despojou de sua auréola todas as atividades até então reputadas veneráveis e encaradas com piedoso respeito. Do médico, do jurista, do sacerdote, do poeta, do sábio fez seus servidores assalariados". Esse é teu quinto ponto, acerca das profissões.

"A burguesia rasgou o véu de sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a simples relações monetárias". Esse é teu sexto ponto, acerca da família.

Então, mais adiante, escreves: "A burguesia submeteu o campo à cidade. Criou grandes centros urbanos; aumentou prodigiosamente a população das cidades em relação à dos campos e, com isso, arrancou uma grande parte da população do embrutecimento da vida rural". Esse é teu sétimo ponto, acerca da cidade e do campo.

"Do mesmo modo que subordinou o campo à cidade, os países bárbaros ou semibárbaros aos países civilizados, subordinou os povos camponeses aos povos burgueses, o Oriente ao Ocidente". Esse é teu oitavo ponto, acerca da globalização.

MARX: De certo vês porque chamo essas mudanças de "revolucionárias"; são todas mudanças que observei em meu mundo, mudanças que já tinham se mostrado revolucionárias, mudanças que acabaram com a sociedade medieval e produziram a sociedade moderna.

SÓCRATES: De fato. No entanto, tenho três perguntas a respeito da descrição que fazes dela.

Em primeiro lugar, essas coisas todas aconteceram mesmo?

Em segundo, se aconteceram, a causa delas foi realmente a burguesia, como dizes?

Em terceiro, pensas que essas mudanças foram boas ou más? Que foram para melhor, ou para pior? Tu as louvas ou as condenas?

MARX: A primeira questão é fácil de responder, Sócrates, a menos que sejas cego, pois trata-se de um fato, não de uma opinião.

SÓCRATES: Espero que me perdoes por não aceitar isso com base apenas em tua autoridade. Esse é um habito consolidado meu, entenda: como um outro filósofo escreveu, "Examinai, porém, tudo: abraçai o que é bom". Ou, em minhas próprias palavras, "uma vida sem esse exame não é digna de ser vivida".

MARX: Faze o que tens de fazer, então.

SÓCRATES: Farei. Revisemos, pois, o que dizes a burguesia ter feito.

Em primeiro lugar, dizes, o que ela fez foi "só deixar subsistir, de homem para homem, o laço do frio interesse, as duras exigências do 'pagamento à vista'." Então, afirmas que os Romeus da burguesia não dizem às Julietas da burguesia "eu te amo", mas "quanto custas?".

Em segundo, ela "afogou os fervores sagrados do êxtase religioso". Então, afirmas que não há mais santos ou místicos nas sociedades burguesas.

Em terceiro, ela "fez da dignidade pessoal um simples valor de troca". Então, afirmas que enfermeiros, assistentes sociais e tipos similares não mais servem aos pobres e necessitados por perceberem que esses têm alguma dignidade pessoal, mas apenas porque eles têm um "valor de troca". Logo, essas pessoas crêem que, de algum modo, ficarão ricas às custas dos pobres.

Em quarto, ela converteu todas as liberdades no livre comércio. Então, afirmas que o capitalismo aboliu todas as liberdades anteriores de uma forma que nenhum tirano do passado conseguiu fazer e que ele criou uma nova liberdade, de uma forma que nenhum comerciante do passado conseguiu fazer.

Em quinto, "do médico, do jurista, do sacerdote, do poeta, do sábio [ela] fez seus servidores assalariados". Então, afirmas que o capitalismo tirou dos médicos o amor pela saúde, dos juristas o amor pela lei, dos sacerdotes o amor a Deus, dos poetas o amor pela beleza e dos cientistas o amor pela verdade, que nenhum desses profissionais ama mais seu trabalho, mas apenas seu salário. E dizes que tal mudança radical de atitude ocorreu simplesmente porque a economia agora se baseia em juros ou capital.

Em sexto, ela "reduziu-as [as relações de família] a simples relações monetárias". Então, afirmas que a nova economia extinguiu um dos instintos mais fortes da natureza: o amor e a lealdade que há entre casais e irmãos – e até mesmo o amor maternal. Vejo porque chamas isso de radical e revolucionário: trata-se de uma mudança na própria natureza humana e até mesmo nos instintos do homem.

MARX: Fico contente que entendas meu argumento, Sócrates.

SÓCRATES: E alegas ter observado tudo isso como fato, em tua época.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Muito embora ninguém mais o tenha feito.

MARX: Eu via a semente; outros viam a planta madura.

SÓCRATES: Logo, um século ou dois bastariam para que essa semente crescesse, de forma que então todos pudessem vê-la.

MARX: Sim.

SÓCRATES: E isso torna tua alegação científica e empiricamente testável.

MARX: Sim.

SÓCRATES: De modo que, se isso não acontecesse – se, digamos, 150 anos após teres escrito teu livro, poucas ou nenhuma dessas mudanças tivessem ocorrido de maneira evidente, tal fato refutaria tua alegação.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Pois talvez tenhas algumas surpresas chocantes quando aprenderes mais sobre a história. Entretanto, ensinar-te isso não é meu propósito agora. Passemos à minha segunda pergunta. Dizes que a causa dessa revolução é um novo sistema socioeconômico, o capitalismo, não é?

MARX: Sim. E sei o que vais dizer a seguir, Sócrates; perguntarás como causa tão pequena poderia produzir efeito tão enorme. Perguntarás também se esse efeito excede o poder de sua causa e, portanto, viola um princípio básico da ciência.

SÓCRATES: Estás certo; isso é exatamente o que eu ia dizer.

MARX: Bem, eu fui o primeiro a descobrir esse fato surpreendente.

SÓCRATES: O fato de que essa causa *é mesmo* forte o bastante para produzir esse efeito? Ou de que esse princípio básico da ciência não é verdadeiro?

MARX: Que a causa é forte o bastante. Em verdade, ela é suficientemente poderosa para explicar tudo na história humana; o determinismo econômico é o que torna a história uma ciência.

SÓCRATES: Logo, a economia é uma “causa primeira”.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Como Deus.

MARX: Não, ela não é como Deus. Darwin e eu, juntos, eliminamos Deus: ele da natureza, eu da história. Sabes que até enviei uma cópia de meu livro a Darwin?

SÓCRATES: Sim. Sei também que ele nunca te respondeu.

MARX: Sabes de muitas coisas.

SÓCRATES: Sei também *por que* ele nunca te respondeu.

MARX: Como sabes isso?

SÓCRATES: Eu dialoguei com ele.

MARX: Oh.

SÓCRATES: Gostarias de saber o que ele pensava a respeito de teu livro?

MARX: Isso não tem importância.

SÓCRATES: E o que tu pensas de *seu* livro? Aceitas sua teoria da evolução?

MARX: Sim, aceito.

SÓCRATES: Assim, dizes que, anteriormente, não existia vida, mas, então, muitos séculos mais tarde, havia; dizes também que, antes, existia apenas vida subumana e, então, séculos mais tarde, havia vida humana.

MARX: Sim. A vida evoluiu por seleção natural. Pode-se até ver analogias entre a seleção natural e a dialética histórica...

SÓCRATES: Eu percebo isso. Mas, penso, também vejo uma outra coisa. Por favor, pondera acerca destas três coisas nas quais dizes acreditar. Primeiro, acreditas na evolução. Segundo, não crês que haja um Deus – um Criador, uma Causa Primeira ou uma Mente Arquiteta – por trás da evolução. Terceiro, acreditas no princípio científico da causalidade, ou seja, crês que os efeitos não podem exceder suas causas, que nada vem à existência sem uma causa adequada – em verdade, tu mesmo dirias, sem uma causa necessária ou determinista. Acreditas nessas três coisas?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Pois vês algum problema nisso tudo?

MARX: Estou um passo à tua frente, Sócrates. Dirás que há uma contradição lógica em se aceitar todas essas três ideias, pois se os efeitos não podem exceder suas causas, então o vivente não pode ser causado pelo não-vivente, as formas superiores de vida não podem ser causadas apenas pelas inferiores e tampouco a inteligência pode ser causada por algo ininteligente ou os planos, os projetos e a ordem pelo puro acaso, a menos que essas causas inferiores sejam só instrumentos de uma causa divina superior. Dirás, então, que devo desistir ou da teoria da evolução, ou de meu ateísmo, admitindo assim um Deus que a explique.

SÓCRATES: Mas que maneira formidavelmente clara de se equacionar o problema! Tens uma solução igualmente clara?

MARX: Sim, tenho. A existência de um Deus sabotaria por completo todo o meu materialismo científico, portanto meu ateísmo não é discutível, e a mesma razão justifica minha crença na evolução: essa é a única alternativa ao desígnio divino que explica a existência de ordem na natureza. A teoria da evolução é o trunfo da

ciência em sua batalha contínua contra a religião e a superstição. Logo, se há de fato uma tensão lógica entre essas três ideias, temos de modificar o princípio mais geral e abstrato dos três, o princípio da causalidade, ou então teremos de alterar um princípio ainda mais geral e abstrato, o qual acolheremos caso haja o mais mínimo problema na aceitação simultânea dessas três ideias: isto é, o princípio lógico da não-contradição. Talvez as contradições lógicas sejam o veículo pelo qual a história se move; talvez tenhamos de aprender a aceitar as tensões lógicas, em vez de evitá-las.

SÓCRATES: Que interessante! Em nome da ciência, modificarias um ou mesmo dois de seus princípios mais fundamentais, o princípio da causalidade e a lei da não contradição lógica. Podes me dizer o nome de um só cientista bem sucedido e reconhecido, em toda a história, que tenha feito isso?

MARX: Penso ser o primeiro.

SÓCRATES: No entanto, há muitos cientistas que rejeitam o teu ateísmo.

MARX: Sim...

SÓCRATES: E há também alguns que rejeitam a seleção natural.

MARX: Talvez. Mas ambos os tipos são assaz tolos.

SÓCRATES: Quiçá. Porém, eles são *cientistas*. Não diria a maioria deles que negas dois dos princípios mais inquestionáveis da ciência em favor de duas das mais questionáveis teorias científicas?

MARX: Não, a menos que fossem loucos. Mas eu não ligo para o que dizem; eu vi algo na história que eles não viram.

SÓCRATES: Voltemos àquela alegação, pois. Afirmas ter visto uma mudança catastrófica, produzida pela burguesia, da própria natureza humana; tratar-se-ia de uma mudança tão radical que a única outra teoria, em toda a história do pensamento, que jamais propôs uma mudança histórica tão radical da natureza humana foi uma teoria da teologia cristã:

refiro-me à ideia da queda de Adão. Quanto mais examino tua filosofia, mais paralelos pareço ver entre ela e a religião.

MARX: Teu propósito é insultar ou argumentar?

SÓCRATES: Argumentar, eu te asseguro. E a questão que farei agora acerca dessa revolução radical que descreves é bem simples. Atribuis a causa de tal revolução à burguesia. (Que elogio fazes a teu inimigo, a propósito! Que poder tremendo atribuis a ele!).

MARX: Qual é tua pergunta, Sócrates? Estás novamente a meandrar.

SÓCRATES: Simples: é verdade o que dizes? Trata-se de um fato que necessite mesmo de uma causa para explicá-lo? Aconteceu realmente?

MARX: O que descrevo de fato aconteceu mesmo, Sócrates, eu garanto. Olhemos mais uma vez para os meus oito argumentos.

SÓCRATES: Não; devemos olhar para o modo como olharemos para eles – ao menos, para os seis primeiros. Eu listei oito pontos, mas não questionei os últimos dois pois sabemos, por observação empírica, que eles ocorreram: a concentração de população nas cidades e metrópoles e a concentração de poder nas mãos das nações mais modernas, isto é, mais avançadas tecnologicamente. Ambas as mudanças são externas e facilmente observáveis; as outras seis, ao contrário, são mudanças internas e mais radicais, mudanças na própria natureza humana, e me pergunto como poderás comprová-las, já que elas não são observáveis diretamente. Quais são teus dados a esse respeito?

MARX: Elas *são* observáveis. Não me escoro em outro método de prova que a observação e previsão científicas. Porém, é claro, um curto panfleto como o *Manifesto* não tinha espaço para todo aquele amontoado de dados que coletei para *O Capital*.

SÓCRATES: Eu não perguntava em que *livro* deveria procurar pelos dados que reuniste, mas onde no mundo tu os encontraste.

MARX: Em toda parte.

SÓCRATES: Bem, procuremos por eles. Quais eram as nações mais avançadas, mais burguesas de tua época?

MARX: A Alemanha e a Inglaterra; talvez também o noroeste da América.

SÓCRATES: E seus dados são fruto da observação empírica?

MARX: Sim.

SÓCRATES: E esses dados se referem ao presente, ou também ao futuro?

MARX: O que queres dizer?

SÓCRATES: Alegas observar o futuro diretamente, qual um profeta, ou apenas prevê-lo com base em tuas observações do presente?

MARX: A segunda alternativa, é claro.

SÓCRATES: Então, olhemos para os países que nomeaste do tempo que era teu presente: encontraremos ali os aspectos que, dizes, já haviam sido produzidos pelo capitalismo burguês? Não encontraremos nenhuma amizade ou lealdade pessoais, nenhuma religião, nada de abolição – em lugar da escravidão –, nada de amor por carreiras ou vocações e nenhum relacionamento familiar exceto os

monetários? Por exemplo, dos romances que, em teu século, retrataram a vida na Inglaterra, na Alemanha ou na América, há algum deles que compartilha de tua visão da vida humana sob o jugo da burguesia?

MARX: Não, seus autores não tinham olhar tão profundo quanto o meu. Eles olhavam para as folhas que ainda pendiam das árvores, eu vejo que elas estão secas e destinadas a cair; eles viam a árvore, mas eu vejo-lhe a podridão interna, a forma moribunda que ali habita. Sou melhor médico que eles, se não vêem que o paciente – a sociedade burguesa – é um doente terminal.

SÓCRATES: E teu prognóstico se baseia em ciência, não em qualquer coisa de tipo religioso?

MARX: Sim. As evidências científicas apresentam-se resumidas n'*O Capital*.

SÓCRATES: Felizmente para nós dois, nossa tarefa aqui não é examinar tal livro em seus detalhes ou argumentos, mas apenas em sua conclusão. Aceitarias o seguinte como suma justa da conclusão histórica prática de teu livro? Seria algo assim: o capitalismo burguês, em tua época, já encontrava-se moribundo e estava condenado a expirar, de uma vez por todas, em um futuro próximo?

MARX: Sim. Posso ter exagerado e simplificado a coisa toda por demais no *Manifesto* – afinal, ele é curto, popular, retórico e foi concebido para despertar a massa, não para fornecer detalhes científicos a estudiosos.

SÓCRATES: Mas defendes todos os seus pontos essenciais?

MARX: É claro.

SÓCRATES: Creio que seja hora de aprenderes um bocado de história.

8

O que o Comunismo Produziu?

SÓCRATES: O que dirias, então, se eu te contasse que, nos 150 anos seguintes após tua morte, o capitalismo continuaria a crescer de forma contínua, tanto em tamanho quanto em poder, com apenas umas poucas interrupções e crises, até que se tornasse, ao fim do milênio, o único sistema economicamente bem sucedido da terra, não apresentando sinais de decomposição, revolução ou mesmo insatisfação, mas sim inúmeros sinais de estabilidade perpétua?

MARX: Isso é verdade, ou estás a me testar com um experimento mental?

SÓCRATES: É tudo verdade, eu te asseguro.

MARX: Se é, então te digo que estou extremamente surpreso com o logo tempo que o paciente levou para morrer e que nós comunistas temos de esperar pacientemente pelo inevitável.

SÓCRATES: E o que dirias se eu te contasse que o comunismo obteria sucesso em sua revolução, mas não nas nações avançadas da Europa ou na América, e sim nos países pobres, especialmente na Rússia e na China?

MARX: O local seria outra surpresa, mas não o sucesso – aliás, fala-me mais sobre ele.

SÓCRATES: O comunismo dominou quase meio mundo durante grande parte do século vinte.

MARX: Ah, essa é uma situação mais crível e previsível! Então, o capitalismo morreu, afinal?

SÓCRATES: Não. O comunismo morreu, após ter dominado meio mundo.

MARX: Impossível! Como? Por outra revolução?

SÓCRATES: Nem mesmo uma gota de sangue foi derramada.

MARX: Pois como ele pôde morrer?

SÓCRATES: Ninguém acreditava mais nele.

MARX: Mentira! Estás a zombar de mim!

SÓCRATES: Sabes que não se trata disso. Nós *não podemos* mentir neste lugar.

MARX: Por que as pessoas deixaram de acreditar? A religião substituiu a ciência, a superstição substituiu a razão e a contemplação monacal substituiu o pragmatismo?

SÓCRATES: Não, muito pelo contrário. Os homens deixaram de acreditar no comunismo porque ele não funcionava.

MARX: O que queres dizer?

SÓCRATES: O comunismo não libertou os proletários, mas os escravizou, tanto econômica quanto politicamente. Ele se estabeleceu pela força e era mantido apenas pela força. Povos inteiros foram massacrados; um só líder comunista assassinou 50 milhões de inimigos políticos. Um outro matou um terço do povo de seu país. Nunca na história humana houve carnificina tão grande da vida e da alegria humanas; nunca na história humana um sistema foi tão odiado e temido pelas pessoas.

MARX: Como isso pôde ocorrer?

SÓCRATES: Porque teu sistema político tinha sua raiz na revolução francesa, e uma vez que os teus discípulos alcançaram o poder, instituíram reinos de terror tal qual os jacobinos haviam feito, mas em uma escala muito mais ampla. Nenhum outro sistema na história moderna foi mais instável que o teu sistema de socialismo internacional, exceto um, chamado nacional-socialismo.

MARX: E o que aconteceu com o capitalismo burguês?

SÓCRATES: Nenhum outro sistema na história humana jamais foi aceito e usado, com maior satisfação e sucesso, por um maior número de pessoas.

MARX: Agora sei que estou em um sonho: um pesadelo. Essas coisas *não podem* ser verdade. No entanto, neste mundo, elas *são*. Sei que não se pode mentir aqui, como dizes – porém, como eu sei disso, eu não sei. Não posso suportar este mundo, o que quer que ele seja, sonho ou não. Como posso escapar daqui? Preferia estar morto em meu próprio mundo que vivo neste.

SÓCRATES: Não podes escapar; tu já estás morto. *Este* é teu mundo agora, o mundo da verdade, não um de mentiras ou sonhos.

MARX: Onde estão as fábricas? Onde estão os salários? Onde está a política?

SÓCRATES: Como eu disse, este é o mundo da verdade, não de mentiras ou sonhos. Deves aprender a viver nele.

MARX: Se tudo isso é verdade, então a história refutou-me tão completamente quanto alguém poderia ser possivelmente refutado algum dia, segundo sou capaz

de imaginar – refutado não apenas por princípios e argumentos, mas por conseqüências concretas.

SÓCRATES: Sim; ideias têm consequências.

MARX: Eu ensinava que as ideias *eram* consequências.

SÓCRATES: Pois agora sabes algumas das terríveis consequências desse ensinamento.

MARX: Então, como poderemos prosseguir? Como ainda poderei discutir contigo e defender o resto de meu livro?

SÓCRATES: Deves cotejar e entender tudo o que pensaste, escreveste e fizeste. Acreditavas em destino e não em livre arbítrio, não é? Bem, esse é o teu destino e não tens o arbítrio livre acerca dele. Tu não podes escapar de ti mesmo aqui, como podias na terra.

MARX: O que será, será, então. Logo, o que devemos fazer em seguida?

SÓCRATES: Ora, terminar o que começamos, é claro. Estávamos investigando três questões acerca da revolução que tu disseste a burguesia ter produzido.

A primeira questão era se as coisas catastróficas que disseste terem acontecido de fato já haviam ocorrido em tua época e, em caso negativo, se aconteceriam logo e se tornariam claramente visíveis mais adiante. Nós já vimos a resposta a essa questão; ela foi resolvida, não por discussão, mas pela história. É o próprio deus de tua escolha, a história, quem te julga.

A segunda questão era se a burguesia seria suficientemente poderosa para causar todos aqueles efeitos, ou se, em vez disso, outras forças não teriam maior poder para trazer felicidade ou infelicidade a indivíduos e famílias, a relacionamentos e a comunidades humanas. Essa é uma questão muito ampla, e devemos discuti-la em detalhes alguma hora, especialmente porque a grande maioria dos homens discorda de ti com relação a isso. Afinal, o sistema econômico é assim tão semelhante a Deus, tão onipotente e onipresente?

Mas nós já fizemos muitos desvios e temos de nos focar em teu livro, de modo que irei me ater agora à minha terceira questão. Dizes que a burguesia aboliu certas coisas que descreveste como “idílicas” e “reverentes” e as substituiu por coisas que descreveste como “sem piedade”, “frios interesses”, “duras”, “geladas”, “egoístas”, “impudentes” e “brutais”.

MARX: Qual é, pois, tua pergunta acerca do que eu disse aí?

SÓCRATES: Estás *contente* que essa coisa “brutal” destruiu aquela coisa “idílica”?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Por que ela é boa ou por que ela é má? Essa coisa brutal é teu herói ou teu vilão? Se é teu herói, por que admiras mais a coisa "brutal" que a "idílica"? Se é teu vilão, por que dizes estar contente por ela ter triunfado?

MARX: Tu não entendes, Sócrates: o bem e o mal são relativos à história; não são ideias abstratas atemporais e estáticas. Do ponto de vista feudal, o capitalismo burguês era mau, porque ele destruiu o feudalismo, mas, do ponto de vista comunista, ele era bom, pois aplainou o caminho para o comunismo.

SÓCRATES: Assim, coisas que todos os homens considerariam más – algumas horrivelmente más –, como tortura, massacres gerais e mentiras deliberadas, elas se tornam boas simplesmente por serem úteis à tua revolução?

MARX: Como eu disse, Sócrates, o bem e o mal são relativos historicamente.

SÓCRATES: Isso significa que tua resposta à minha pergunta é "sim"?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Logo, qualquer coisa – absolutamente qualquer coisa – passa de má a boa quando é um meio para o fim comunista?

MARX: Deve haver *algum* absoluto, Sócrates, algum fim que justifique todos os meios; para alguns, ele é Deus, a família ou o *status quo* social; para outros, é sua própria felicidade pessoal. Mas um homem deve servir a alguma causa, a algum fim.

SÓCRATES: Por certo. No entanto, não distingues entre fins que libertam e fins que escravizam?

MARX: Certamente o faço! Toda a história passada é escravidão; apenas o comunismo é libertação.

SÓCRATES: Mesmo se, de acordo com os critérios normais, de acordo com todos os outros critérios que não sejam os comunistas, ele é exatamente o oposto? Mesmo se todos os seres humanos, exceto os comunistas, o odeiam?

MARX: A verdade é relativa, Sócrates.

SÓCRATES: Isso é verdade?

MARX: Sim, é.

SÓCRATES: Absolutamente?

9

Comunismo é Predestinação?

SÓCRATES: Não haveria sentido em explorar os detalhes de tuas profecias acerca do que aconteceria à burguesia, ao proletariado, às estruturas de classe da sociedade e à sua economia, já que essas previsões não são mais matéria de discussão, mas de fato histórico. No entanto, devemos examinar tua *filosofia* da história.

MARX: Devo te interromper, Sócrates. Estou confuso. Em que ano estamos agora?

SÓCRATES: Não medimos o tempo dessa forma, aqui.

MARX: Então como conheces a história?

SÓCRATES: Todos os tempos históricos da terra são aqui tempos passados.

MARX: Então conheces tudo? Como fosses Deus?

SÓCRATES: Não. Cada indivíduo sabe apenas o tanto que precisa saber de toda aquela vasta soma de tempos que chamei aqui de passado.

MARX: Não entendo como isso pode ser verdade.

SÓCRATES: Mas não tens de saber; precisas apenas compreender a ti mesmo e a teus pensamentos. Assim, façamos um resumo de teu argumento essencial a respeito da inevitabilidade da revolução. Tu escreveste:

> Todos os movimentos históricos têm sido, até hoje, movimentos de minorias ou em proveito de minorias. O movimento proletário é o movimento independente da imensa maioria em proveito da imensa maioria.

Quiseste mesmo dizer essas coisas? Acreditas que são verdadeiras?

MARX: É claro que sim. Sugeres que sou um mentiroso e um hipócrita?

SÓCRATES: Certamente não.

MARX: Confias em mim, então?

SÓCRATES: Apenas duas mentes sabem com certeza se tu mentes ou não: uma delas tu desconheces e, mesmo agora, simplesmente não consegues passar a acreditar na existência dela. Mas isso não é necessário aqui, pois a outra tu

conheces: é tu mesmo. Meu propósito aqui é só ajudar-te, julgando não a ti e sim ao teu livro, a conheceres melhor a ti mesmo.

MARX: Pois qual é tua questão acerca de meu livro?

SÓCRATES: Se acreditas no que escreveste na passagem que mencionei, então seria do interesse próprio do comunismo apoiar a democracia por toda parte, com eleições livres e referendos.

MARX: Mas nós apoiamos as eleições livres.

SÓCRATES: Então, por que dependes do poder político de uma pequena minoria, de uma elite poderosa, e, afinal, do poder físico daquilo que chamas de a "derrubada violenta da burguesia"?

MARX: Dependo dessas coisas como meios para um fim, é claro. É à vontade dos proletários que nós, comunistas, servimos. Servimos ao povo; ele não nos serve.

SÓCRATES: A "vontade dos proletários" é a vontade da maioria?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Mas a maioria não gosta de ti! Ela não gosta do comunismo.

MARX: No fundo, eles gostam, pois todos são a favor de seus próprios melhores interesses, e nós servimos a esses interesses.

SÓCRATES: Mas *eles* não pensam que tu o fazes. Logo, tens de impor tua vontade pela força, quer estejas certo ou errado em que o comunismo serve aos melhores interesses do povo.

MARX: A questão psicológica é inútil, Sócrates. Não precisamos discutir sobre almas e mentes e vontades. Os próprios proletários irão retirar essa discussão de nossas bocas e levá-la às ruas; eles mesmos se levantarão e subjugarão seus opressores.

SÓCRATES: Mesmo que não se sintam oprimidos?

MARX: Mas é claro que eles se sentem oprimidos.

SÓCRATES: Tens razões que justifiquem essa tua crença, eu suponho?

MARX: Por certo.

SÓCRATES: Aposto que consegues adivinhar qual será minha próxima pergunta.

MARX: Eu te digo as razões – minhas razões e as deles, pois elas são idênticas. Pra começo de conversa – como escrevi naquele mesmo trecho – "O proletário não tem propriedade".

SÓCRATES: Nenhuma mesmo, de tipo algum?

MARX: Trata-se apenas de um leve exagero. Ademais, “suas relações com a mulher e os filhos nada têm de comum com as relações familiares burguesas”.

SÓCRATES: Absolutamente nada?

MARX: Sócrates, o *Manifesto* é um panfleto popular. Exageros leves e simplificações excessivas são necessárias.

SÓCRATES: Continua a ler, por favor.

MARX: “O trabalho industrial moderno, a sujeição do operário pelo capital [...] despoja o proletário de todo caráter nacional”.

SÓCRATES: Dizes, então, que os pobres são menos patriotas que os ricos? Devemos investigar essa alegação, confrontando-a com estatísticas?

MARX: O livro é um panfleto, Sócrates, e não uma lâmina acadêmica de estatísticas; ele fala a respeito da direção em que o mundo anda, não acerca de onde ele já está – trata-se da direção do futuro.

SÓCRATES: Portanto, prevês um término para o nacionalismo.

MARX: Não apenas para o nacionalismo, mas para as nações.

SÓCRATES: E, conseqüentemente, para as guerras.

MARX: Sim. A última guerra será a revolução mundial do proletariado de todos os países, não apenas contra a burguesia, mas contra a própria nacionalidade burguesa.

SÓCRATES: Prossegue com tua descrição da vida proletária nas nações burguesas. Precisamos ver todo o teu panorama, se pretendemos compará-lo justamente aos fatos.

MARX: Ademais, “as leis, a moral, a religião são para ele meros preconceitos burgueses”. Notarás, Sócrates, que, quando defini “opressão”, fui tão específico quanto permite um curto panfleto e que organizei logicamente essas especificidades em uma hierarquia, partindo do mais ao menos importante.

SÓCRATES: Mas, para a maioria dos próprios proletários, o último argumento é o mais importante, e não o menos.

MARX: Minha análise não é psicológica, mas histórica; eu classifico os argumentos segundo seu poder causal. As relações de propriedade causam esses elementos intermediários, tais quais as nações e a lei; já a moralidade e a religião são os efeitos mais fracos e estão no fundo da corrente.

SÓCRATES: Nos certifiquemos de voltar, mais adiante, a essa tua alegação filosófica central. No entanto, por hora, quero fazer-te apenas uma pergunta puramente factual.

MARX: Pois pergunte, Sócrates. Os fatos são o meu forte.

SÓCRATES: Algum dia viveste entre esses proletários, cujas vidas descreves de maneira tão notável?

MARX: Eu não preciso ir até eles; eles vêm a mim.

SÓCRATES: Eles vieram a ti, de fato? Quantos proletários se juntaram ao teu partido comunista durante todos os anos de tua vida? Quantos amigos proletários tens? Ou mesmo conhecidos? Serias capaz de me dizer mesmo o nome completo de um só proletário?

MARX: Que pergunta ridícula! É claro que sim.

SÓCRATES: Estou a esperar.

MARX: Lenchen.

SÓCRATES: Ah, sim, aquela mulher camponesa que tua família mantinha como escrava, sem jamais pagar-lhe um só centavo como salário. Estás certo: realmente tens alguma experiência da exploração.

MARX: O que sabes sobre Lenchen?

SÓCRATES: Sei que conseguiste tudo o que queria dela, não apenas financeiramente, mas também sexualmente. Sei que te recusaste a reconhecer como teu filho o menino que tiveste com ela, que te recusaste também a encontrar-te com ele e que o proibiste de ser visto à frente de tua casa por teus amigos ricos e influentes, de modo que ele só podia visitar sua mãe na cozinha dos fundos.

MARX: És um mentiroso, Sócrates!

SÓCRATES: Nós não podemos e nem precisamos discutir sobre isso, Karl, pois sabes a verdade.

MARX: Chamo-te de mentiroso por teres alegado que estás aqui para julgar meu livro, não minha alma.

SÓCRATES: Eu não conheço tua alma. Mas eu conheço a tua vida, e ela esclarece teu livro; portanto, ela é, com justiça, parte de minha investigação.

Voltemos, porém, ao teu livro. Escreveste:

> A sociedade não pode mais existir sob sua [da burguesia] dominação. [...] A condição essencial da existência e da supremacia da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos dos particulares, a formação e o crescimento do capital; a condição de existência do capital é o trabalho assalariado. Este baseia-se exclusivamente na concorrência dos operários entre si. O progresso da indústria, de que a burguesia é agente passivo e inconsciente, substitui o isolamento dos operários, resultante de sua competição, por sua união revolucionária mediante a associação. Assim, o desenvolvimento da grande indústria socava o terreno em que a burguesia assentou o seu regime de produção e de

> apropriação dos produtos. A burguesia produz, sobretudo, seus próprios coveiros. Sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis.

MARX: Estou assaz orgulhoso desse parágrafo, se posso dizê-lo eu mesmo.

SÓCRATES: E justamente. Eu te congratulo, de certo, pelo poder de tua escrita. Combinas aí um longo argumento lógico com uma retórica memorável.

MARX: Mas tu te perguntas se isso é tudo *verdade*.

SÓCRATES: Começas a me conhecer bem. Sim, é isso o que me pergunto, pois, por trás de tua retórica, há uma alegação muito importante: de que tu descobriste o mecanismo pelo qual a máquina funciona, isto é, a máquina da história social.

MARX: Então, agora queres tentar refutar minhas alegações por meio de algumas observações empíricas e talvez de algumas estatísticas, não é isso?

SÓCRATES: Não, quero pegar um caminho mais curto: desejo testar tua alegação por meio da lei da não-contradição.

MARX: Não há qualquer contradição naquele parágrafo, eu te asseguro.

SÓCRATES: Talvez haja alguma contradição entre algo que está nele e algo que está fora dele: teu próprio ato de escrevê-lo.

MARX: O que queres dizer?

SÓCRATES: Alguém escreve livros para tentar persuadir as partes de uma máquina a fazer o trabalho que devem realizar por necessidade mecânica? Tu já viste algum *Manifesto da Alternância de Engrenagens*?

MARX: Não, mas foi tu quem usou a imagem da máquina, não eu. Prefiro uma analogia biológica. Eu descobri o mecanismo pelo qual a sociedade evolui, assim como Darwin descobriu o mecanismo pelo qual as espécies evoluem.

SÓCRATES: Mas, em ambas as analogias, a necessidade é igual.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Bem, alguém escreve livros para persuadir a seleção natural a continuar com seu trabalho? Tu já viste algum *Manifesto dos Anfíbios?*

MARX: Isso é tolice, Sócrates.

SÓCRATES: Sim, mas penso que seja tua a tolice, não minha. Mas prossigamos testando o que eu penso. Dize-me, por favor, alguém tenta persuadir os triângulos a conservarem seus três lados? Alguém tenta exortar duas maçãs a continuarem a ser metade de quatro maçãs? Alguém argumenta com a chuva para fazê-la cair, ou com o corpo para persuadi-lo a envelhecer?

MARX: É claro que não.

SÓCRATES: E por que não?

MARX: Porque cada um desses argumentos é desnecessário.

SÓCRATES: E por que eles são desnecessários?

MARX: Porque as próprias coisas a que se referem são necessárias.

SÓCRATES: Creio que tu estás precisamente certo. Todas essas coisas são inevitáveis, em vez de serem escolhidas livremente. No entanto, dizes que a revolução proletária também é inevitável e necessária – e não acreditas que o livre arbítrio ou a livre escolha existam de fato. Pois por que, então, escreveste teu livro para tentar persuadir o proletariado a fazer aquilo que, de acordo com o teu livro, o proletariado não pode deixar de fazer? Para que pregar à máquina?

MARX: Porque, muito embora a revolução seja inevitável, ela precisa de causas. Ela acontecerá necessariamente, mas o fará por meio de causas necessárias – e uma dessas causas é meu livro. Assim, não preciso introduzir parcela alguma de livre arbítrio; eu sou um instrumento do destino, da história.

SÓCRATES: Entendo. Teu ato de escrever o livro é necessário.

MARX: Sim.

SÓCRATES: E o que é necessário não é uma livre escolha da vontade?

MARX: Correto.

SÓCRATES: Portanto, teu ato de escrever não é uma livre escolha da tua mente ou da tua vontade?

MARX: Certo. Como explico no capítulo 2:

> As concepções teóricas dos comunistas não se baseiam, de modo algum, em ideias ou princípios inventados ou descobertos por tal ou qual reformador do mundo. São apenas a expressão geral das condições reais de uma luta de classes existente, de um movimento histórico que se desenvolve sob os nossos olhos.

SÓCRATES: Assim, não podes controlar como ocorre de tua língua se agitar ou de tua caneta se mover.

MARX: Ou mesmo como meu cérebro pensa.

SÓCRATES: Logo, os pensamentos presentes nesse teu livro são tão necessários, tão cativos, quanto aqueles que vêm a um homem insano porque um pedaço de osso está a pressionar uma parte de seu cérebro.

MARX: Sim, por certo. Todas as coisas têm causas que são necessárias e materiais, e essa lei se aplica também aos pensamentos.

SÓCRATES: Tanto aos pensamentos sãos quanto aos insanos.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Então, por que alguém deveria prestar a mais mínima atenção aos seus pensamentos, mas não aos do lunático?

MARX: Porque os meus são científicos e, por conseguinte, tudo explicam e de tudo prestam contas.
SÓCRATES: Exceto, talvez, de seu próprio autor. Mas retornaremos a isso mais tarde.

10

Propriedade Privada

MARX: Sócrates, teu propósito realmente é examinar meu livro de forma justa?

SÓCRATES: De fato é.

MARX: Então, deves seguir seus tópicos e sua ordem de maneira mais cuidadosa, em vez de sair continuamente pelas tuas tangentes filosóficas e idealistas acerca do livre arbítrio, da mente e do "eu".

SÓCRATES: Esses assuntos não são tangentes e tampouco são particularmente meus. Eu não obrigo os argumentos a me seguirem, mas obrigo a mim mesmo a seguir os argumentos. No entanto, estás certo ao dizer que devemos ser mais conscienciosos ao seguir os tópicos e a ordem de teu livro. Assim, olhemos para a relação que há entre o capítulo 1 e o capítulo 2. O primeiro, "Burgueses e proletários", é sobre o passado e sobre o problema. Já o segundo, "Proletários e comunistas", é sobre o futuro e sobre a solução. Esse é um esboço adequado?

MARX: É curto, mas acurado. Além do que disseste, no capítulo 2 eu destruo qualquer objeção ao comunismo. Dessa forma, tu, como filósofo, deverias gostar desse capítulo, já que gostas de argumentos.

SÓCRATES: Gosto de argumentos apenas como gosto de mapas: eles são meios para um fim – e meu fim é a descoberta da verdade. Não obstante, fico contente que tu, que não compartilhas de meu fim, compartilhes ao menos de meus meios, os argumentos.

MARX: Por que dizes que não compartilho de teu fim?

SÓCRATES: Tu mesmo o disseste. Falas explicitamente que o fim do comunismo é o poder, não a verdade: "O objetivo imediato dos comunistas é [...] [a] constituição dos proletários em classe, [a] derrubada da supremacia burguesa, [a] conquista do poder político pelo proletariado".

MARX: Mas é claro que nosso objetivo é o poder: nós, comunistas, fazemos política, não filosofia. E política gira em torno de poder. Logo, que mais poderia ser nosso objetivo?

SÓCRATES: Eis aqui outra coisa: a política poderia girar em torno da justiça, da verdadeira justiça. A força poderia ser colocada nas mãos da retidão, em vez da retidão ser determinada pela força. Essa é a alternativa clássica ao teu sistema.

MARX: Oh, referes-te à filosofia idealista que foi feita famosa por teu discípulo Platão em sua *República*, aquela ilusão que Maquiavel refutou de uma vez por todas?

SÓCRATES: Ah, refutou? Algum dia tenho de te contar acerca da conversa que tive com ele aqui; mas, em todo caso, tu realmente usas argumentos nesse capítulo, e eu fico contente de examiná-los.

MARX: Por favor. Gastas quase tanto tempo dizendo o que vais fazer quanto gastas fazendo-o. Eu já sabia que vós, filósofos, preferíeis pensar a agir, mas não percebera que havia algo de que gostáveis ainda mais que de pensar.

SÓCRATES: E o que é isso?

MARX: De pensar sobre o pensar.

SÓCRATES: *Touché*. Parabéns, Karl, começas a desenvolver um senso de humor. O ar nestas terras faz maravilhas à mente.

MARX: Vamos ao que importa, por favor?

SÓCRATES: *Touché*, outra vez. Bem, nesse capítulo, não tentas mesmo responder a "toda" objeção ao comunismo, como disseras instantes atrás, mas àquelas nove que são provavelmente as mais sérias e as mais comuns. E todas essas objeções estão colocadas da mesma forma: o objetante alega que o comunismo não é um benefício, mas um malefício; que ele destrói, em vez de criar, ou que tira, em vez de dar, nove coisas que são preciosas à raça humana: a propriedade privada, a individualidade, a motivação para o trabalho, a cultura, a família, a educação privada, a monogamia, as nações e, finalmente, a religião e a filosofia.

MARX: Estás correto. E nota que ordeno essas coisas em uma hierarquia, na qual o item mais importante vem em primeiro e o menos importante em último. Portanto, digo que "[...] os comunistas podem resumir sua teoria nesta fórmula única: abolição da propriedade privada". Mas vós, idealistas, entendestes a coisa da forma exatamente oposta.

SÓCRATES: Mas que tolice nossa, pensarmos mais na verdade que no dinheiro! Bem, seguiremos tua ordem e investigaremos seus fundamentos mais tarde. Começaremos, como tu fizeste, pelo argumento acerca da propriedade privada.

Primeiro, formulaste a objeção de teu objetante (a propósito, essa é uma técnica que raramente usas em tua escrita; pareces ter aversão ao diálogo); depois, deste tua resposta. Eis a objeção:

> Censuraram-nos, a nós comunistas, o querer abolir a propriedade pessoalmente adquirida, fruto do trabalho do indivíduo, propriedade que se declara ser a base de toda liberdade, de toda independência individual.

E essa é tua resposta:

> A propriedade pessoal, fruto do trabalho e do mérito! Pretende-se falar da propriedade do pequeno burguês, do pequeno camponês, forma de propriedade anterior à propriedade burguesa? Não

> precisamos aboli-la, porque o progresso da indústria já a aboliu e continua a aboli-la diariamente. Ou por ventura pretende-se falar da propriedade privada atual, da propriedade burguesa?
>
> Mas, o trabalho do proletário, o trabalho assalariado cria propriedade para o proletário? De nenhum modo. Cria o capital, isto é, a propriedade que explora o trabalho assalariado e que só pode aumentar sob a condição de produzir novo trabalho assalariado, a fim de explorá-lo novamente. Em sua forma atual a propriedade se move entre os dois termos antagônicos: capital e trabalho. [...]
>
> Horrorizai-vos porque queremos abolir a propriedade privada. Mas em vossa sociedade a propriedade privada está abolida para nove décimos de seus membros. E é precisamente porque não existe para estes nove décimos que ela existe para vós. Acusai-nos, portanto, de querer abolir uma forma de propriedade que só pode existir com a condição de privar de toda propriedade a imensa maioria da sociedade.
>
> Em resumo, acusai-nos de querer abolir vossa propriedade. De fato, é isso que queremos.

Tua retórica é mesmo de alto nível, Karl. Mas vejamos se ela também é convincente à razão.

A objeção poderia ser resumida da seguinte forma, penso: o comunismo abole a propriedade privada. Mas a propriedade privada é uma boa coisa; logo, o comunismo abole uma boa coisa. Porém, tudo que abole uma boa coisa é coisa ruim; logo, o comunismo é uma coisa ruim.

Esse argumento é logicamente válido, de modo que, se desejas responder a ele, deves achar ou uma premissa falsa ou um termo ambíguo. E tu concordas com a primeira premissa do argumento – que o comunismo abole a propriedade privada –, mas não com sua conclusão – que o comunismo é uma coisa ruim. Correto?

MARX: Sim. E o termo ambíguo é “propriedade”. Esse é o cerne lógico de minha resposta à objeção, naquele longo trecho que citaste. O capitalismo burguês já aboliu a propriedade *feudal*, o tipo de propriedade que a burguesia idolatra. Não foi o comunismo quem aboliu isso, mas o *capitalismo*. O comunismo irá abolir a propriedade *burguesa*.

SÓCRATES: Entendo. E dizes que essa propriedade burguesa *tem* de ser abolida, que ela é uma coisa ruim, não uma coisa boa (a segunda premissa de meu resumo da objeção alegava que era uma coisa boa). Ademais, tu também ofereces uma razão para o que dizes: que a propriedade burguesa é uma coisa ruim porque existe apenas para os proprietários, às custas dos trabalhadores. Minha análise está correta, até agora?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Então, por que ela é ruim? Por que é algo ruim que sejam negadas propriedades às massas, de modo a permitir que os proprietários possam acumular esses bens?

MARX: Estás a fazer-me troça?

SÓCRATES: De maneira alguma.

MARX: Então, sugeres que uma sociedade governada por barões larápios é uma boa coisa?

SÓCRATES: Não, estou apenas pedindo que apresentes tua razão para achar que se trata de coisa ruim.

MARX: Mas ninguém nega que uma tal sociedade seja ruim. Os capitalistas não negam essa premissa; eles negam apenas que essa coisa ruim esteja sendo feita sob o capitalismo.

SÓCRATES: Portanto, se capitalistas e comunistas concordam acerca disso, *por que* eles o fazem? Qual é sua razão?

MARX: Ora, porque é exploração e opressão, é claro; é uma imposição de poder aos fracos da parte dos fortes.

SÓCRATES: E por que *isso* é ruim?

MARX: Essa é uma pergunta tola, que ninguém jamais faz. Não há discordância de que isso seja ruim.

SÓCRATES: Mas pode haver discordância acerca de *por que* isso é uma coisa ruim.

MARX: Que discordância tens em mente?

SÓCRATES: Bem, alguns, como eu, diriam que isso é ruim porque é injusto. É isso o que dizes?

MARX: Eu não acredito em uma forma ou essência de justiça que seja imutável, universal e transcendente, ao contrário de ti. Creio que as ideias são apenas produtos das sociedades, de suas estruturas de classe e modelos de produção, e essas coisas mudam conforme a dialética da história se desdobra. Dessas duas premissas, segue-se que a validade de todas as ideias muda, que não há nenhum reino de verdades universais imutáveis, como “justiça”, que possa ser um padrão comum para comparar e julgar as diferentes sociedades, as diferentes eras e as diferentes classes.

SÓCRATES: Foi o que pensei. Logo, não dirias que falamos de algo que é ruim simplesmente por ser injusto.

MARX: Não.

SÓCRATES: No entanto, chamas essa coisa de ruim.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Por razão alguma, ou por alguma razão?

MARX: Por uma boa razão.

SÓCRATES: Então, pergunto-me qual é tua razão.

MARX: Essa coisa é ruim porque não avança a revolução.

SÓCRATES: Mas por que a revolução é boa?

MARX: Porque ela resulta na sociedade sem classes.

SÓCRATES: E por que isso é bom?

MARX: Porque ela acaba com a opressão e com a luta de classes.

SÓCRATES: E essas coisas são ruins?

MARX: Sim – de acordo com os critérios comunistas, mas não de acordo com os critérios das classes vencedoras. É isso que tu não entendes, Sócrates: que nossas ideias do bem e do mal são completamente relativas à nossa era histórica e à nossa classe social.

SÓCRATES: Essa é a nossa diferença filosófica mais profunda, penso.

MARX: É a nossa diferença *filosófica* mais profunda, mas as diferenças filosóficas não podem ser as mais profundas das diferenças. E isso mesmo se trata de nossa diferença filosófica mais profunda: acerca do status da filosofia, acerca do status das ideias.

SÓCRATES: Queres dizer que não tens muita estima pela filosofia.

MARX: Quero dizer que sou um realista, e tu és um idealista.

SÓCRATES: É assim que geralmente somos classificados. No entanto, o que exatamente queres dizer com esses dois termos?

MARX: Eu acredito que eventos reais causam ideias; tu acreditas que ideias causam eventos reais.

SÓCRATES: Eu creio que o pensar é um evento real. Tu não?

MARX: Olha, deixa-me ser teu Sócrates por um minuto. Concordas que os critérios ou padrões pelos quais julgamos os eventos reais são ideias?

SÓCRATES: Sim: eles são ideias acerca do que realmente é bom ou ruim.

MARX: Agora, supõe que tens um estudante – vamos chamá-lo Platão – o qual pensavas ser teu amigo. Supõe, então, que um dia ele entra em tua casa e rouba todo o teu dinheiro. Tu não mudarias de ideia acerca dele e não deixarias de pensar que ele é teu amigo, passando a achar que ele é teu inimigo?

SÓCRATES: Isso me é difícil de imaginar.

MARX: Por quê? Por teres tanta confiança em Platão?

SÓCRATES: Não, porque eu nunca tive dinheiro para que o roubassem.

MARX: É sério, Sócrates, imagina o que eu disse, apenas para o bem da discussão.

SÓCRATES: Alguns dizem que isso de fato ocorreu comigo, mas no reino das ideias, não do dinheiro. Posso usar essa situação em vez da tua?

MARX: Não! Meu objetivo é justamente falar a respeito da impotência das ideias e do poder de coisas como o dinheiro. *Ach*3, o que estou a fazer? És provavelmente a última pessoa no mundo a respeito de quem eu poderia ter esperança de convencer *disso*. Olha aqui, tudo o que preciso de ti é que admitas que tuas ideias acerca de uma pessoa mudariam em função da forma diferente com que a pessoa agiu.

SÓCRATES: Isso é verdade, é claro, e eu o admito.

MARX: Pois não vês? A coisa é simples: nossas ideias são produtos de eventos reais, não as causas deles.

SÓCRATES: Com eventos “reais”, queres dizer apenas eventos materiais e não outros como o pensamento.

MARX: Sim, a menos que admitas que também o pensamento é também um evento material.

SÓCRATES: Não admito que seja um evento meramente material.

MARX: Estás a desviar-me de meu argumento!

SÓCRATES: Estou apenas respondendo tuas questões.

MARX: Admites que as ideias são produtos de eventos materiais?

SÓCRATES: Certamente. O exemplo do ladrão mostra isso.

MARX: Bem, então, suposto mestre da lógica, não percebes as implicações lógicas de tal admissão? Tu devias ser um materialista como eu, não um idealista.

SÓCRATES: Mas eu também creio que os eventos materiais são produtos de eventos mentais, que um homem move seu braço porque pensa que deveria mover seu braço. Negas que isso aconteça?

MARX: Continuas a desviar-me para esse problema metafísico, não importa por onde comecemos!

SÓCRATES: Eu pensara que a própria lógica do argumento é que fazia isso. Entretanto, supõe que fosse mesmo eu quem te desviasse e não o argumento; por que eu não deveria fazê-lo?

MARX: Porque deverias examinar meu livro, e ele não é sobre nenhum de teus assuntos favoritos, como essências supostamente objetivas, universais e

imutáveis do homem, da mente, da justiça ou da verdade – mas sobre o poder, a riqueza, a história e o conflito de classe.

SÓCRATES: Logo, é desleal de minha parte essa mudança de assunto.

MARX: Sim.

SÓCRATES: E, com "desleal", queres dizer, *grosso modo*, a mesma coisa que com "injusto"?

MARX: Suponho que sim.

SÓCRATES: Assim, recorres à justiça a fim de criticar-me por pensar acerca da justiça.

MARX: Estou já impaciente com toda essa esgrima lógica.

SÓCRATES: Isso nos diz algo acerca de teus gostos e desgostos, mas nada sobre a natureza da realidade que está fora de teus gostos e desgostos.

MARX: Pois deixa-me dizer-te algo a respeito da natureza da realidade, se tiveres paciência o bastante para escutar.

SÓCRATES: Tenho esperado pacientemente justo por isso.

MARX: Não somente a justiça, mas a própria natureza humana é maleável. É por isso que a justiça humana muda. Existe justiça feudal, e existe justiça capitalista burguesa, e existe justiça comunista proletária, e elas são incompatíveis entre si. O que é justiça para uns é injustiça para outros, e a propriedade privada é o primeiro exemplo disso. Toda a burguesia chama injusto o fato de que, sob o comunismo, a propriedade é pública, e todos os comunistas chamam injusto o fato de que, sob o capitalismo burguês, a propriedade é privada e se acumula entre a burguesia às custas do proletariado.

Vês, Sócrates? Justiça é um conceito de classe: não um conceito de classe *lógico* abstrato, um *gênero* – não existe uma justiça genérica –, mas um conceito de classe *social*. A justiça capitalista é a justiça burguesa; a justiça comunista é a justiça do proletariado.

SÓCRATES: Entendo. Segundo a tua explicação, cada classe social busca seu interesse próprio e chama isso de "justo", e a justiça se resume a isso.

MARX: Exatamente. Agora enxergas, Sócrates.

SÓCRATES: Mas não vejo, então, qual a diferença entre justiça e interesse próprio, entre justiça e egoísmo ou entre justiça e poder.

MARX: Por que deve haver qualquer diferença, em última análise?

SÓCRATES: Porque temos aí duas palavras muito diferentes: "justiça" e "poder", as quais usamos de formas muito diferentes. Caso significassem a

mesma coisa, não precisaríamos de duas palavras, mas de uma apenas. No entanto, temos duas, pois todos nós – até mesmo tu – julgamos que alguns usos do poder são justos e outros injustos; nós julgamos o poder pela justiça. Ademais, tentamos moldar e limitar o egoísmo e o interesse próprio por essa outra coisa que chamamos de justiça. Ao menos, a vasta maioria da humanidade o faz, em qualquer era, tempo, cultura e classe social. Porém, tu pareces discordar deles; pareces dizer que não existe aquilo que chamamos justiça, que se trata apenas de uma outra palavra para poder ou para interesse de classe – apenas uma outra *palavra*, não uma outra *coisa*.

MARX: Concordo que é nisto que diferimos: pensas que a justiça é coisa real, mas eu não o faço. Todavia, como pretendes descobrir se ela é uma coisa ou apenas uma palavra? Essa discussão não passa de um argumento abstrato, desprovido de fatos empíricos que possam refutar os argumentos, de modo que estamos como pássaros a voar pelo ar vazio.

SÓCRATES: Proponho que comecemos pelo conhecimento daquilo a respeito de que estamos discutindo. Precisamos ter algum conceito de justiça a fim de afirmarmos que ela existe e, igualmente, precisamos ter algum conceito dela para afirmarmos que ela não existe. Logo, qual é esse conceito que as massas acreditam ser uma coisa e tu acreditas ser uma mera palavra?

MARX: Essa é precisamente a nossa diferença, Sócrates: eu digo que a justiça é um mero conceito, um fantasma, um devaneio, uma fantasia, não uma coisa real.

SÓCRATES: Mas eu não perguntei sua condição na realidade; perguntei o seu significado. Queria saber sua essência, mas tu me falaste de sua existência (ou inexistência, segundo tu). Contudo, ainda que estejas certo e a justiça seja uma mera fantasia, temos de saber *o que* é essa coisa que é uma mera fantasia.

MARX: Eu me recuso a gastar meu tempo e pensamento em jogos de palavras como os que tu e Platão jogavam.

SÓCRATES: Em outras palavras, não queres ou não podes responder à minha questão.

MARX: O que posso e quero fazer é insistir que retornes aos dados, àquilo que escrevi em meu *Manifesto* em resposta à objeção acerca da propriedade.

SÓCRATES: Com prazer. O objetante diz que o comunismo é ruim porque destrói a propriedade privada, a qual é boa, e tua resposta é que o comunismo *não* destrói a propriedade privada, pois o capitalismo já o fizera. Assim, o capitalismo é o vilão. Esse é um resumo justo?

MARX: Expresso à tua maneira, sim. O comunismo apenas destrói a propriedade privada “maléfica”, isto é, a propriedade capitalista, a propriedade burguesa. O que não entendes, pois, acerca disso?

SÓCRATES: Isto: se o capitalismo destruiu algo bom, por que não restaurar essa coisa boa? Por que se unir aos capitalistas em se opor a toda a ordem medieval pré-industrial de forma ainda mais veemente que a do capitalismo, se essa ordem é boa? Mas, se essa ordem é ruim, então o capitalismo não é o vilão, mas o herói, por tê-la destruído.

MARX: Novamente, pressupões critérios absolutos e imutáveis de bem e mal, Sócrates. Eu rejeito tua pressuposição. Toda a tua lógica é baseada nessas tuas “formas eternas”, as quais simplesmente não existem.

SÓCRATES: Então, tu te recusas a satisfazer requisições lógicas simples como “define teus termos” ou “prova que não estás a contradizer a ti mesmo” porque não crês que nada exista de imutável, mesmo na lógica?

MARX: Eu não disse isso. Posso fazer lógica formal tão bem quanto tu, assim como posso fazer matemática.

SÓCRATES: Assim, por favor, responde à minha pergunta: qual é o termo ambíguo, a premissa falsa ou a falácia lógica no argumento contra o comunismo ao qual estás a responder aqui?

MARX: Eu já te disse: o termo ambíguo é “propriedade”. A dialética histórica não produz uma única forma eterna e imutável chamada “propriedade”, mas muitas formas diferentes e incompatíveis de propriedade, muitas coisas diferentes que são todas chamadas pelo mesmo nome. E digo o mesmo a respeito do “bem” e do “mal”: eles são relativos historicamente. O que é bom em um estágio, por servir à marcha da história, é mau em um outro, porque retarda essa marcha – da mesma forma que um homem passa pelo mesmo nível intermediário de água do mar conforme afunda até as profundezas e se afoga e, de novo, à medida em que sobe à superfície ao ser resgatado: em direção ao fundo, é um regresso; em direção ao topo, é um progresso.

SÓCRATES: Logo, o capitalismo é como esse nível intermediário de água do mar.

MARX: Sim. O capitalismo é bom por servir o propósito da história ao abrir caminho para o comunismo, e é ruim ao ser o último obstáculo a uma ordem mundial comunista.

Vê, eis aí o erro fundamental de vós, idealistas e absolutistas. Mesmo quando não falais de Deus, imbuis em vossas ideias atributos divinos. Presumis, de novo

e de novo, a existência de um padrão imutável, atemporal, ideal, perfeito e imaterial de bondade ou justiça – algo que está fora da história e acima dela, julgando-a qual um deus. Portanto, vós sois seus profetas; julgais cada era e sociedade mutável pelo mesmo critério imutável. Digo, porém, que os vossos critérios nada mais são que vossos preconceitos, produzidos em vós pelas formas mutáveis de vossas sociedades. Mudanças sociais concretas e reais são as causas de vossas ideias. As sociedades produzem essas ideias nas mentes de seus cidadãos; as mudanças sociais causam as ideias, em vez de as ideias causarem as mudanças sociais.

SÓCRATES: Congratulo a ti por teres identificado o ponto-chave de diferença filosófica entre nós – entre todos vós materialistas, comunistas ou não, e todas as pessoas comuns: vós pensais que as árvores movem o vento, enquanto nós pensamos que o vento move as árvores.

MARX: Não compreendo tua metáfora. Tanto o vento quando as árvores são coisas materiais. Nós divergimos a respeito de como a matéria e o pensamento se relacionam, não a respeito de como duas coisas materiais se relacionam.

SÓCRATES: Desculpa-me: eu me esqueci do quanto vós, materialistas, tendeis a interpretar tudo literalmente. Eu pretendia usar as árvores como símbolos de todas as coisas materiais, visíveis, e o vento como símbolo de todas as coisas invisíveis, espirituais, como ideias e escolhas.

MARX: Portanto, estás a usar uma analogia como argumento, e isso é uma falácia lógica.

SÓCRATES: Minha analogia nada visa provar, apenas iluminar; ela não é um argumento, mas uma explicação.

MARX: Bem, ela falha, ela engana. Podes chamar-nos de literalistas, mas nós, materialistas, somos científicos, e vós, idealistas, não o sois.

SÓCRATES: Por que, pensas, isso é assim?

MARX: Porque a ciência descobriu as causas materiais da mente. Cientificamente falando, a mente humana é insignificante.

SÓCRATES: Como pode ser? Cientificamente falando, a mente humana é o cientista!

MARX: Isso é um jogo abstrato de palavras! Prefiro ser concreto, em vez disso. É por isso que digo que, não importa o que o indivíduo seja, mente ou matéria, o indivíduo é insignificante, historicamente falando.

SÓCRATES: Mas, historicamente falando, o indivíduo é o historiador!

MARX: És ótimo em retórica, Sócrates.

SÓCRATES: Não, não sou. Isso não é retórica, é lógica.

MARX: Chama do que preferir. Eu recorro aos fatos, não à lógica. Tu podes servir à lógica, mas eu sirvo à história, e os vencedores e perdedores da história não são determinados por quem tem o maior número de argumentos lógicos. Minha filosofia vencerá como fato histórico, de modo que não me importo se ela vencerá nesse joguinho que chamas de diálogo ou argumento.

SÓCRATES: Então, por que discutir, afinal? Por que não usar armas de fogo, em vez disso?

MARX: Há armas de fogo aqui?

SÓCRATES: Não. Deves usar argumentos; eles são as tuas únicas armas aqui.

MARX: Pois hei de usá-los, mas não de servi-los.

SÓCRATES: Por que os usas?

MARX: Para mover alguns homens, algumas vezes, “a pena é mais forte que a espada”.

SÓCRATES: Logo, o poder sobre os homens é que é teu objetivo.

MARX: Eu sou um político, Sócrates, não um filósofo.

SÓCRATES: Tomarei isso como um “sim”. Buscas o poder, pois, pelo próprio poder, ou como um meio a serviço de algo superior, como a justiça?

MARX: Eu já te disse, Sócrates: não há qualquer espécie de justiça universal e genérica.

SÓCRATES: E dizes o mesmo acerca da verdade que dizes sobre a justiça?

MARX: Sim. Ela muda com a história.

SÓCRATES: Por conseguinte, não existem quaisquer verdades universais e imutáveis.

MARX: Não.

SÓCRATES: Então, todas as verdades mudam?

MARX: Sim.

SÓCRATES: E *essa* verdade, ela é uma verdade universal e imutável?

MARX: Cansam-me esses teus belos joguinhos de lógica, Sócrates.

SÓCRATES: Falas de teus sentimentos, mas nada me dizes dos fatos. É isso o que queres dizer com ser científico?

MARX: Conhecemos os fatos com os nossos sentidos, Sócrates, não com argumentos e ideias abstratos.

SÓCRATES: Mas esse princípio é, ele mesmo, uma ideia, ou um argumento.

MARX: Deixa-me dizê-lo de maneira bem clara: sou um empirista. Nós apenas sabemos o que vemos; o resto é especulação.

SÓCRATES: “Vemos”, com os nossos sentidos?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Mas nós não vemos *isso* com os nossos sentidos, pois *isso* não é uma *coisa*, dotada de cor, ou um *evento*, que se movimenta no espaço. Trata-se de uma ideia, uma crença, uma proposição. Ninguém pode vê-la. Portanto, se estás certo em dizer que apenas conhecemos aquilo que vemos, então não conhecemos *isso*.

MARX: Sócrates, eu pensava que teu propósito aqui fosse examinar meu livro.

SÓCRATES: E é.

MARX: Mas não falamos dele há muito tempo.

SÓCRATES: Não obstante, não o esquecemos. Estamos a explorar suas duas capas, por assim dizer: seus pressupostos e suas implicações, suas fundações e suas consequências.

MARX: Bem, passemos a explorá-*lo*, em vez disso. Por que devemos lutar em teu território e não no meu?

SÓCRATES: Para começar, porque não estamos lutando. Ademais, porque, embora teu livro possa ser teu, as leis do raciocínio lógico não são mais tuas do que minhas, no mais mínimo; elas são como as leis da física, da geometria ou da aritmética. Mas sim, devemos retornar ao teu livro.

---

3 N.T.: Interjeição alemã que expressa descontentamento.

11

Objeções ao Comunismo

SÓCRATES: As sete próximas objeções ao comunismo que listas, e tuas respostas a todas elas, parecem todas se enquadrar no mesmo padrão lógico. Portanto, consideremos todas as sete objeções ao mesmo tempo. Eis aqui um resumo do que tu escreveste:

[Objeção 2] “[...] A burguesia verbera [...] a abolição da individualidade [...] [sob o comunismo].

[Resposta] Confessais, pois, que quando falais do indivíduo, quereis referir-vos unicamente ao burguês, ao proprietário burguês. E este indivíduo, sem dúvida, deve ser suprimido.

[Objeção 3] Alega-se ainda que, com a abolição da propriedade privada, toda a atividade cessaria, uma inércia geral apoderar-se-ia do mundo.

[Resposta] Se isso fosse verdade, há muito que a sociedade burguesa teria sucumbido à ociosidade, pois que os que no regime burguês trabalham não lucram e os que lucram não trabalham.

[Objeção 4] As acusações feitas contra o modo comunista de produção e de apropriação dos produtos materiais têm sido feitas igualmente contra a produção e a apropriação dos produtos do trabalho intelectual. Assim como o desaparecimento da propriedade de classe equivale, para o burguês, ao desaparecimento de toda a produção, também o desaparecimento da cultura de classe significa, para ele, o desaparecimento de toda a cultura.

[Resposta] A cultura, cuja perda o burguês deplora, é, para a imensa maioria dos homens, apenas um adestramento que os transforma em máquinas.

Mas não discutais conosco enquanto aplicardes à abolição da propriedade burguesa o critério de vossas noções burguesas de liberdade, cultura, direito, etc. Vossas próprias ideias decorrem do regime burguês de produção e de propriedade burguesa, assim como vosso direito não passa da vontade de vossa classe erigida em lei, vontade cujo conteúdo é determinado pelas condições materiais de vossa existência como classe.

[Objeção 5] Abolição da família! Até os mais radicais ficam indignados diante desse desígnio infame dos comunistas.

[Resposta] Sobre que fundamento repousa a família atual, a família burguesa? No capital, no ganho individual. A família, na sua plenitude, só existe para a burguesia, mas encontra seu complemento na supressão forçada da família para o proletário e na prostituição pública.

A família burguesa desvanece-se naturalmente com o desvanecer de seu complemento, e uma e outra desaparecerão com o desaparecimento do capital.

Acusai-nos de querer abolir a exploração das crianças por seus próprios pais? Confessamos este crime.

[Objeção 6] Dizeis também que destruímos os vínculos mais íntimos, substituindo a educação doméstica pela educação social.

[Resposta] E vossa educação não é também determinada pela sociedade, pelas condições sociais em que educais vossos filhos, pela intervenção direta ou indireta da sociedade, por meio de vossas escolas, etc.? Os comunistas não inventaram essa intromissão da sociedade na educação, apenas mudaram seu caráter e arrancam a educação à influência da classe dominante.

As declamações burguesas sobre a família e a educação, sobre os doces laços que unem a criança aos pais, tornam-se cada vez mais repugnantes à medida que a grande indústria destrói todos os laços familiares do proletário e transforma as crianças em simples objetos de comércio, em simples instrumentos de trabalho.

[Objeção 7] Toda a burguesia grita em coro: ‘Vós, comunistas, quereis introduzir a comunidade das mulheres!’

[Resposta] Para o burguês, sua mulher nada mais é que um instrumento de produção. Ouvindo dizer que os instrumentos de produção serão explorados em comum, conclui naturalmente que haverá comunidade de mulheres...

Os comunistas não precisam introduzir a comunidade das mulheres. Esta quase sempre existiu.

Nossos burgueses, não contentes em ter à sua disposição as mulheres e as filhas dos proletários, sem falar da prostituição oficial, têm singular prazer em cornearem-se uns aos outros.

O casamento burguês é, na realidade, a comunidade das mulheres casadas. No máximo, poderiam acusar os comunistas de querer substituir uma comunidade de mulheres, hipócrita e dissimulada, por outra que seria franca e oficial.

[Objeção 8] Além disso, os comunistas são acusados de querer abolir a pátria, a nacionalidade.

[Resposta] Os operários não têm pátria. Não se lhes pode tirar aquilo que não possuem."

Pronto! Creio que esse tenha sido um excerto longo o suficiente para saciar, por enquanto, tua sede por dados escritos. Ora, vejo o mesmo padrão lógico em cada uma dessas objeções; elas dizem que o comunismo é ruim porque abole algo bom: a propriedade, a individualidade, o trabalho, a cultura, as famílias, a educação do lar, a monogamia e as nações. E vejo o mesmo padrão lógico em cada uma de tuas respostas: que é o capitalismo, não o comunismo, quem promoveu já essa abolição. Minha análise está correta, até aí?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Assim, em cada caso, não negas o argumento factual feito pelo objetor em cada objeção: que, sob o comunismo, nenhuma das coisas discutidas em cada caso poderá existir.

MARX: Não em sua forma antiga.

SÓCRATES: Mas negas o argumento de valor, isto é, a valoração do fato realizada pelo objetor. Deslocas a culpa pelo estrago do comunismo para o capitalismo, tal como uma criança, acusada de brigar, poderia responder: "mas ele começou!". No entanto, continuas a mesma luta de forma ainda mais radical, não é? Qual uma criança acusada de incendiar coisas com um fósforo, apontas para os fósforos de uma outra criança e, em seguida, retornas a teu próprio maçarico.

MARX: Teus insultos infantis pouco importam; o que eu digo é verdade.

SÓCRATES: Meu ponto aqui não é que te falte verdade, mas que te falta lógica. A forma lógica de todas as tuas respostas é a falácia à qual os lógicos chamam de *tu quoque* ("tu também", em latim).

MARX: Explica isso, por favor.

SÓCRATES: Para usar uma analogia bélica ou esportiva, substituis uma ofensa por uma defesa, ou, para usar um termo psicológico, fazes "transferência", que é a necessidade de culpar teu acusador por aquilo que ele te pega fazendo.

MARX: Mas ele *está* a fazê-lo!

SÓCRATES: Talvez esteja. Porém, o que dizes revela mais acerca de ti do que dele. Tu pareces ficar mais contente de provar que teu acusador está errado que de provar que tu estás certo, mais contente em admitir que ambos causaram males que em admitir que ambos fizeram bens. O mal do capitalismo parece a ti tão mais importante que o bem do comunismo que nem mesmo tentas responder à acusação de que o comunismo é mal! Tudo o que tentas fazer é mostrar que o capitalismo também é mal. Ora, eu não sou um psicólogo, mas parece bem óbvio, mesmo a mim, que tens uma obsessão por teu inimigo, ou por teu próprio ódio ardente por ele.

MARX: Ele merece ser odiado! Houvesse um Deus, Ele também o odiaria!

SÓCRATES: Logo, vês a ti mesmo como o profeta Dele – desse Deus frio e colérico?

MARX: Tu leste meus poemas, não foi?

SÓCRATES: Sim, de fato li. Achei sua linguagem muito poderosa e cativante – especialmente nas *Canções Selvagens* que publicaste em 1841, nas quais chamas a nós, humanos, de "símios de um Deus frio" e dizes: "hei de lançar terríveis maldições sobre a humanidade".

MARX: Obrigado por perceberes o poder que há nelas.

SÓCRATES: Também percebi, creio, o ódio e a misantropia que há ali. Frequentemente citaste, com aprovação, uma fala do diabo em *Fausto*: "tudo o que existe merece perecer". Em verdade, a maioria dos teus escritos vicejam sobre catástrofes, violências, apocalipses, pactos com o diabo e suicídios. Houvesses vivido no século vinte, penso que irias te comprazer em ver uma bola de fogo destrutiva incinerar toda uma cidade ou uma missão suicida explodir os edifícios mais altos do mundo. Ademais, penso ter visto algo ainda pior, algo que não vejo em muitos outros que também iriam se comprazer de tal destruição: que tu *não* te comprazes em ver uma mãe amamentar um bebê ou uma família privada feliz, contente e amorosa em seu próprio lar, desfrutando da companhia um do outro e dos prazeres simples da natureza.

MARX: Que baboseira nojenta e baixa lanças em mim, Sócrates! És verdadeiramente um idiota burguês, afagando em tua mente essas imagens de bebês e mães a amamentar enquanto o velho mundo queima e muda para sempre.

SÓCRATES: Não mais estás nesse velho mundo, Karl.

MARX: A que mundo te referes?

SÓCRATES: Ao mundo que era cheio de famílias e de natureza, ao mundo que foi criado por teu Inimigo.

MARX: A burguesia matou esse velho mundo, não eu.

SÓCRATES: Ela não o fez. Esse mundo continuará a existir, séculos mais tarde, quando teus sonhos febris houverem morrido, após levarem milhões de vidas com eles.

MARX: Conta-me mais sobre o futuro.

SÓCRATES: Contar-te-ei apenas isto, Karl: que, no final das contas, tuas ideias são responsáveis por um maior número de mortes, maior destruição, maior número de assassinatos, maior miséria e maior caos que aquelas de quaisquer outros pensadores ou escritores que já viveram.

MARX: A história atribuiu-me este destino: ser o profeta do apocalipse! Sabes, em minha versão original de *A Ideologia Alemã*, profetizei um Juízo Final: "quando os reflexos das cidades em chamas forem vistos nos céus [...] e quando as 'harmonias celestiais' consistirem das melodias da *Marseillaise* e da *Carmagnole*, tendo como acompanhamento canhões ribombantes, enquanto a guilhotina marca o tempo e as massas inflamadas gritam *Ça ira*, *ça ira*, e a autoconsciência está pendurada no poste de luz".

SÓCRATES: Devo parabenizar-te: essa é uma descrições mais poderosas da mente do Inferno que o mundo já viu. Achei a última linha especialmente profunda.

MARX: Ultrapassas teus limites, ironista cruel. Devias examinar meu livro, como um homem, e não minha alma, como um deus. Quem pensas que és?

SÓCRATES: Minha tarefa durante toda a minha vida foi descobrir isso. Talvez eu tenha mesmo ultrapassado os limites de minha tarefa de filósofo, mas todo filósofo é homem antes de ser filósofo. Já com relação a ultrapassar limites ao pretender ser um Deus que julga – essa é precisamente minha acusação contra ti. E, nessa acusação, tudo o que fiz foi ler as tuas palavras e elogiar-te por seu poder.

MARX: Não podes julgar minha alma.

SÓCRATES: De fato não posso – especialmente se não tens uma, como alegas em tua filosofia. Mas posso julgar as palavras que publicaste; isso não é ultrapassar meus limites.

MARX: Abandonaste meu livro no meio da discussão. Deixaste sete bons argumentos pairando no ar.

SÓCRATES: Pois voltarei a eles agora.

MARX: Por quê? O que te motiva?
SÓCRATES: O desejo de ajudar-te a conheceres a ti mesmo.
MARX: E se eu não te acompanhar nessa estrada?
SÓCRATES: Essa escolha não está mais aberta a ti.
MARX: Como? Por que não?
SÓCRATES: Porque estás morto.
MARX: Onde estou, então?
SÓCRATES: Estás naquele lugar onde a autoconsciência não pode ser pendurada no poste.

12

Individualidade

SÓCRATES: Temos de completar nossa análise de teu livrinho. Não podemos deixar de vasculhar nenhum canto importante dele, não interessa que criaturas possam se esconder ali.

Já exploramos a primeira objeção ao comunismo, acerca da propriedade privada. A segunda concerne à individualidade. Em resposta à objeção de que o comunismo abole a individualidade, dizes duas coisas: primeiro, que ele abole apenas a individualidade *burguesa* e, em segundo, que a burguesia já aboliu a individualidade.

MARX: Sim. E isso não é uma contradição, ao contrário do que provavelmente dirás, porque "individualidade" não é uma coisa só, mas várias. Ela é, como dizeis vós, lógicos, "equívoca".

SÓCRATES: Queres dizer que não há nada em comum entre a individualidade burguesa e a individualidade comunista?

MARX: É exatamente isso que quero dizer.

SÓCRATES: Nada mesmo?

MARX: Nada de nada. Apenas te surpreendes com isso, Sócrates, porque ainda pensas tudo em função daquela superstição velha e pré-científica chamada "natureza" ou "natureza das coisas", ou porque pensas que as coisas têm aquelas superstições chamadas "essências" ou "espécies", que seriam objetivamente reais. Chamo isso de a ilusão da "espécie-ser". Eu sou um nominalista, como a maior parte dos filósofos modernos, e também um relativista histórico. Portanto, digo-te que as "espécies" nada mais são que conceitos artificialmente construídos pela mente, isto é, pela mentalidade produzida por diferentes eras e diferentes sistemas de classe – esse é o meu nominalismo –, e que esses sistemas mudam radicalmente de acordo com a dialética da história – esse é o meu relativismo histórico.

Essa é a grande divisa que há entre nós, Sócrates. Vós, pensadores pré-científicos, românticos, idealistas, tradicionais e religiosos, permaneceis no lado antigo, o lado moribundo, o lado que tenta desesperadamente apreender fantasmas e espíritos e impedir que eles definhem. Já nós, pensadores científicos e progressivos, estamos do outro lado, o lado nascente. Estamos livres de vossos fantasmas, sejam eles Deus, deuses, almas ou espécies. As "espécies" são apenas a forma aristotélica enfraquecida das "Ideias eternas" platônicas, as quais, por sua vez, eram apenas a forma platônica enfraquecida dos velhos deuses.

SÓCRATES: Aceitas, então, a lei histórica dos três estados, de Augusto Comte: um progresso ascensional que vai do “religioso” para o “filosófico” e daí para o “positivo-científico”.

MARX: Com relação às ideias, sim; no entanto, as ideias, em si, são apenas sombras causadas por eventos materiais reais. Teu discípulo Platão estava tão errado quanto podia estar, em sua famosa alegoria da caverna. Eu virei Platão do avesso.

SÓCRATES: A maioria dos historiadores diz que viraste Hegel de ponta-cabeça, mas teu trabalho volta para além de Hegel, até Platão.

MARX: Por favor, quando retornaremos ao meu texto? Parece-me que, não importa qual problema específico exploramos, sempre chegamos outra vez nesse problema filosófico geral acerca das ideias.

SÓCRATES: Isso ocorre porque um problema está ligado ao outro. Por exemplo, como podemos voltar ao tópico “específico” da individualidade se não existem “espécies”?

MARX: Astuto jogo de palavras, Sócrates. Mas não passa de uma máscara para encobrir teu fracasso em compreender-me.

SÓCRATES: Pois deixa-me tentar novamente. Quando falas sobre “individualidade”, negas que a palavra tenha apenas um sentido, não é? Quero dizer, negas que haja uma natureza, espécie, ou quididade imutável e universal para isso que chamamos de individualidade humana que não mude ao longo do tempo, ao menos não em sua substância ou essência, muito embora suas qualidades acidentais estejam a transformar-se. Até agora, estou te compreendendo corretamente?

MARX: Sim – contanto que também entendas a razão que orienta minha posição. O fato é que a individualidade humana não é determinada por natureza, como o é o sistema circulatório humano, por exemplo. Ela não é produto da biologia, da evolução, mas do pensamento, o qual é produto, ele mesmo, da estrutura de classe e das mudanças sociais, as quais têm sua raiz nas mudanças econômicas.

É por isso que respondo à objeção burguesa que alega que “o comunismo abole a individualidade” dizendo que de fato ele o faz, mas que abole apenas a individualidade *burguesa*. Vês, a posse privada de propriedades já criou um tipo de individualidade para a burguesia inteiramente diferente daquele que existia para um indivíduo no velho sistema feudal, e o comunismo criará ainda uma

outra individualidade, completamente diferente, ao abolir a propriedade privada e a posse privada.

SÓCRATES: Entendo. Se a causa da individualidade é a economia, logo mudar a economia é mudar a individualidade.

MARX: É exatamente isso. Então, entendes *afinal* meu argumento.

SÓCRATES: Creio que sim. Para expressá-lo de forma mais simples, quando crescemos em uma sociedade capitalista, somente aprendemos a dizer "eu" após aprendermos a dizer "meu", e somente aprendemos a dizer "meu" quando possuímos algo que podemos chamar de "meu", isto é, quando temos propriedade privada.

MARX: Eu não poderia tê-lo expressado melhor.

SÓCRATES: Não, acho que não poderias. Portanto, não há o "penso, logo existo" cartesiano – não há uma autoconsciência mental, privada, natural e inata.

MARX: Exatamente! Isso é o que eu quis dizer com "a autoconsciência está pendurada no poste de luz". Entendes agora a lógica de meu argumento.

SÓCRATES: Sim, mas ainda não entendo o que queres dizer com individualidade no comunismo.

MARX: É claro que não; és irremediavelmente burguês.

SÓCRATES: Pois deixa-me tentar. Em teu mundo comunista, ninguém mais diria "eu", mas apenas "nós"? É isso o que queres dizer? Se essa é a propaganda de teu paraíso, surpreendo-me de pensares que muitos irão comprá-lo, pois ele se parece mais com aquilo que a maioria das pessoas chamaria de inferno.

MARX: Novamente, dizes isso porque tens uma mente burguesa. Não dirias isso se fosses um proletário. Os proletários nada têm a perder, mas têm um mundo a ganhar.

SÓCRATES: Mas – para citar um famosíssimo economista – que benefício teria um homem ao ganhar o mundo inteiro e perder seu próprio eu?4

MARX: Vós, velhos moralistas, sempre entendeis tudo ao contrário. O eu é produto do mundo, não o oposto. A auto-consciência é determinada pela economia, não o oposto. O pensamento é efeito da matéria, não o oposto.

SÓCRATES: De novo voltamos a essa ideia crucial, o teu materialismo. No entanto, és tu enquanto pensador quem pensa a ideia, quem aprova a ideia e quem prova a ideia – a ideia de que o pensamento é um efeito apenas da matéria, não da mente. Assim, parece que teu pensamento refuta a si mesmo; ele destrói as próprias credenciais.

MARX: Eu não vejo por que.

SÓCRATES: Se os pensamentos nada mais são que os efeitos necessários das colisões cegas entre átomos ininteligentes, por que alguém deveria escutar as palavras que saem de tua boca em função dessas colisões cegas particulares de átomos em teu cérebro, em vez de escutar as palavras de outrem? Ou por que alguém deveria escutar os pensamentos causados por eventos materiais que aconteceram quando escreveste teu *Manifesto*, em vez de escutar aqueles que ocorreram quando eras um bebê ou quando estavas bêbado?

MARX: Porque alguns pensamentos são verdadeiros e outros são falsos, é claro.

SÓCRATES: Porém, se o que dizes é verdade, então todos os pensamentos, tanto os verdadeiros quanto os falsos, são igualmente materiais.

MARX: Correto.

SÓCRATES: E não há qualquer diferença *material* entre os verdadeiros e os falsos. O cérebro do homem que fala a verdade não é maior, mais redondo, ou mais cinzento que o cérebro do homem que diz mentiras. Ademais, não conseguimos saber qual deles diz a verdade em função da altura de suas vozes.

MARX: Não vejo onde queres chegar.

SÓCRATES: Por que alguém deveria escutar aquela onda particular no oceano da matéria chamada Marx e não aquela outra chamada Sócrates?

MARX: Não optamos livremente por escutar uma onda particular no oceano da matéria. Tudo está determinado, tanto as ondas quanto a audição; a história nos escolhe, nós escolhemos a história. A propósito, a imagem da onda é uma ótima imagem, pois a onda não é tão individual quanto parece – sua individualidade é uma ilusão, assim como a individualidade da burguesia.

SÓCRATES: Quem, então, é vitimizado por essa ilusão de individualidade, senão um indivíduo real? E, se não há qualquer indivíduo particular, como é que tu, Karl Marx, e não um outro homem, refutas a ilusão de individualidade pela qual outros são vitimizados? Não percebes a ironia que há nisso? Negas a realidade de teu próprio “eu”, do “eu” mesmo com que negas tua realidade! Negas o “eu” e idolatras o “nós”; no entanto, é o “eu”, o “eu” solitário, quem o faz.

MARX: Tais argumentos individualistas e ditos “internos” não me movem.

SÓCRATES: Pois usarei um argumento social e externo. Idolatras o “nós” e negas o “eu”; no entanto o “nós”, a sociedade, as massas – sim, mesmo o proletariado – acreditam no “eu” e não em tua filosofia que nega o “eu” em prol do “nós”. Apenas alguns poucos indivíduos da elite, apenas os letrados, os

alienados, os desarraigados acreditam em ti. As massas se compõem de camponeses supersticiosos, de tradicionalistas religiosos, de velhos e antiquados conservadores como eu. Eles temem a tua revolução.

MARX: É porque não sabem o que é melhor pra eles – e é por isso que precisam de meu livro e por isso que eu o escrevi.

SÓCRATES: Sabes o porquê de eles temerem a tua revolução?

MARX: É claro: porque são conservadores.

SÓCRATES: E sabes por que são conservadores?

MARX: Porque são estúpidos.

SÓCRATES: Não, porque são felizes.

MARX: Isso é uma baboseira completa.

SÓCRATES: Vejamos. Por que eles são chamados de “conservadores”?

MARX: Porque se opõem à mudança.

SÓCRATES: E por que eles se opõem à mudança?

MARX: Porque querem conservar a ordem antiga.

SÓCRATES: Certo. Agora, nós buscamos conservar as coisas que nos fazem felizes ou as coisas que nos fazem infelizes?

MARX: As que nos fazem felizes.

SÓCRATES: E nós buscamos mudar as coisas que nos fazem felizes ou as coisas que nos fazem infelizes?

MARX: As que nos fazem infelizes.

SÓCRATES: Portanto, os conservadores, por definição, são felizes; eles são conservadores *porque* são felizes. Já os radicais, por definição, são infelizes; eles são radicais *porque* são infelizes. Com efeito, alguns deles são tão apoquentados que tudo o que desejam é destruir tudo o que vêem e escrever palavras apocalípticas, como “tudo o que existe merece perecer”.

MARX: Esse é um argumento sagaz, Sócrates, mas é como um sonho: impotente. Ele existe apenas dentro dos limites de tua lógica abstrata e nada tem a ver com a história e com o mundo real. Podes ter ganho o argumento, mas eu ganharei o mundo. O pensamento é o teu mestre, mas a história é o meu – e não temo o teu mestre.

SÓCRATES: Bem, espero que temas o teu – a história é um deus que consome seus adoradores.

4 N.T.: Evangelho de São Marcos, 8:36. A palavra grega que aqui se encontra traduzida por “eu” é yuxh/ (*psychê*), que significa alma, vida, sopro, razão, inteligência, coração. As traduções mais comuns para essa palavra nesse trecho específico da bíblia são alma e vida; no entanto, a palavra que Peter Kreeft usa aí é “self”, de modo que a palavra “eu” se torna aqui a mais apropriada, sobretudo em vista do contexto.

13

A Natureza Humana Pode Ser Mudada?

SÓCRATES: Agora devemos considerar tua resposta à próxima objeção, de que o comunismo abole a motivação para o trabalho, já que abole o incentivo para a competição, o incentivo para se alcançar a excelência, o incentivo para que algumas pessoas se tornem melhores que as outras.

MARX: Essa questão, na verdade, concerne àquilo que chamas "justiça", creio. A justiça comunista é bem diferente da justiça burguesa; ela não necessita e nem encoraja a competição. Não há perdedores no comunismo. Eis a fórmula da justiça comunista: "de cada qual, segundo sua capacidade, a cada qual, segundo suas necessidades", como eu disse em minha *Crítica do Programa de Gotha*.

SÓCRATES: Isso soa muito elevado; no entanto, desejo ver o que exatamente isso significa na realidade concreta. Acho que um exemplo rústico é o que melhor testa um princípio elevado, e já que sei mais a respeito de ensino que de economia, deixa-me tomar um exemplo do mundo que conheço melhor. Supõe que eu fosse um professor e que estivesse para dar um teste a meus alunos e avaliá-los. Eu diria que o justo seria dar a cada indivíduo aquilo que ele merecesse. Logo, eu trataria igualmente os iguais e desigualmente os desiguais; não haveria de dar a mesma nota aos bons trabalhos e aos maus trabalhos. Esse é o meu conceito "burguês" de justiça. E isso nutre a competição – competição do indivíduo para com si próprio, quando nada, e competição contra o fracasso. Agora supõe que eu praticasse a justiça comunista como professor, em vez disso. Imagino que isso significaria que eu haveria de recolher os trabalhos de meus estudantes e dar uma nota a cada, para então calcular a média da sala e, após isso, dar a mesma nota a todos os estudantes, de modo que todos compartilhassem da nota igualmente e não houvesse perdedores e nem competição. Ora, crês realmente que os estudantes dariam tão duro na classe comunista quanto na outra classe? Não é da natureza humana ter preguiça, a menos que sejamos premiados ou punidos?

MARX: Esquece-te, Sócrates, de que essa tal de "natureza humana" não existe. Estudantes burgueses não trabalhariam se regidos por um professor comunista, mas estudantes comunistas sim, bem como os estudantes burgueses se esforçam quando regidos por professores burgueses.

SÓCRATES: Então, tu hás de mudar a natureza humana.

MARX: Certamente.

SÓCRATES: Seria uma mudança radical, de fato. Pois eu nunca vi ninguém – nenhum indivíduo e nenhuma família – cuidar menos de sua propriedade privada que da propriedade pública. Ninguém limpa primeiro os banheiros da Prefeitura, antes de limpar o seu próprio, e ninguém corta a grama de um parque público de forma mais cuidadosa com que corta a grama de seu próprio quintal. O que fará as pessoas mudarem seu forte instinto de colocar o privado em primeiro lugar?

MARX: Mais uma vez, Sócrates, entendes a coisa ao revés. Esse instinto foi criado pela propriedade privada e será removido ao removermos sua causa.

SÓCRATES: Pensas que as pessoas simplesmente deixarão de desejar a propriedade privada, apenas porque ela lhes foi tirada?

MARX: Não, não aqueles que ainda têm lembrança dela e anseiam por ter de volta sua droga. Mas seus filhos deixarão; a geração seguinte deixará. Iremos erradicar as velhas memórias. Iremos controlar o passado, bem como o futuro.

SÓCRATES: Logo, tornarás egoístas interesseiros em santos abnegados simplesmente mudando a economia?

MARX: Se a causa econômica é poderosa o suficiente para mudar o próprio "eu", a individualidade mesma, então certamente ela é forte o bastante para mudar as conseqüências da individualidade, tais como a necessidade – ou falta dela – da motivação para o trabalho pela propriedade privada.

SÓCRATES: Portanto, a resposta é "sim".

MARX: Sim.

SÓCRATES: Tu vais criar na natureza humana diferença maior que alguém jamais criou, diferença maior que a criada por Cristo ou Buda.

MARX: É claro. Por que mencionas eles?

SÓCRATES: Porque eles também alegaram mudar a natureza humana mesma.

MARX: E por que dizes que minha alegação excede a deles?

SÓCRATES: Porque mesmo eles não alegam produzir neste mundo o que tu afirmas que produzirá: uma sociedade de santos sociais abnegados e impecáveis.

MARX: Pois tenho dito.

SÓCRATES: O efeito é verdadeiramente impressionante, mas olhemos para a sua causa, causa que dizes ser poderosa o bastante para produzir esse efeito radical, essa revolução, esse novo homem – ela deve ser realmente tremenda; deve exceder as causas às quais Buda e Jesus apelaram, pois que elas ainda não criaram aquela sociedade perfeita de santos abnegados que tu prometes. O budismo recorre ao "Nobre Caminho Óctuplo" para produzir a abolição de todos

os desejos, o que, por sua vez, traria a consciência nirvânica, a beatitude perfeita. Já o cristianismo recorrera ao milagre de Deus que se fez homem, que morreu e que ressuscitou, a fim de subjugar o pecado e a morte e trazer a salvação ou "renascimento", que é a posse da alma do homem pelo Espírito Santo. No entanto, nem o budismo e nem o cristianismo foram capazes de produzir uma sociedade inteira de santos abnegados. Assim, tua causa deve ser real e incrivelmente grande para que seja capaz de trazer mudança maior que essas duas jamais trouxeram.

MARX: Essas religiões apenas *alegaram* causar tais mudanças.

SÓCRATES: Como a tua.

MARX: Ah, mas a história fará a entrega de meu produto.

SÓCRATES: Infelizmente, tua profecia é verdadeira. A história fará a entrega de teu produto; entretanto, ele não será aquele que imaginas.

MARX: E o motivo pelo qual o comunismo irá funcionar, enquanto a religião não o faz, é porque a religião recorre ao livre arbítrio do homem. O comunismo, porém, não há depender de fundação tão fraca.

SÓCRATES: Infelizmente, de novo tu profetizas a verdade. De qualquer forma, que causa todo-poderosa é essa, que fará enfim aquilo que nenhuma outra foi capaz de fazer?

MARX: Estás a brincar comigo, Sócrates. Sabes minha resposta a essa questão – trata-se do comunismo.

SÓCRATES: O qual é essencialmente um novo sistema econômico, a abolição da propriedade privada.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Portanto, tudo o que temos de fazer para efetivar a mudança é remover esse obstáculo chamado propriedade privada.

MARX: Sim.

SÓCRATES: E isso se faz tirando da burguesia seu dinheiro e sua propriedade.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Contra a sua vontade, é claro.

MARX: É claro.

SÓCRATES: Logo, a grande causa dessa transformação de pecadores em santos é, em verdade, o *furto*.

MARX: Isso é como a burguesia chamaria esse ato, o que pressupõe, no entanto, que a propriedade privada é boa. Mas eu pressuponho que ela é má – o que

chamas de furto, eu chamo de salvação.

SÓCRATES: Então, porque essa transformação não foi realizada anteriormente? A história certamente foi palco de muitos furtos – perdoa-me, de muita "salvação".

MARX: A história foi palco apenas de transferências de poder e de propriedade de uma pessoa privada para outra, ou de algumas poucas para outras poucas.

SÓCRATES: Assim, o furto em grande escala, o roubo global, realizará aquilo que os pequenos furtos não puderam realizar?

MARX: Teu sarcasmo burguês não altera os fatos, Sócrates. O que chamas de "furto" está destinado a produzir igualdade e justiça para todo o sempre.

SÓCRATES: Creio ter escutado tal argumento antes: "os fins justificam os meios"; "façamos o mal para que venha o bem"; "é vantajoso matar um homem inocente para o bem do povo".

MARX: Onde queres chegar, Sócrates?

SÓCRATES: Apenas quero dizer que agora compreendo teu argumento, penso, e quão enormemente a "justiça" comunista é diferente da ideia usual de justiça. No entanto – desculpa-me –, desviei-me uma vez mais para longe de minha tarefa de examinar teu livro. É hora de considerarmos a próxima objeção ao comunismo.

14

Cultura Comunista: Um Oxímoro?

SÓCRATES: A próxima objeção e tua resposta a ela dizem respeito à cultura. Foste deveras profético nessa resposta, pois que nos séculos que se seguiram ao teu, quando o comunismo dominou meio mundo, a cultura que ele produziu foi notável em dois sentidos. Em primeiro lugar, a despeito de serem muito numerosos, nem mesmo um só comunista ortodoxo chegou a ser escritor, artista ou músico de primeiro calibre...

MARX: De acordo com critérios burgueses, é claro.

SÓCRATES: No entanto, o comunismo veio a produzir muitos grandes escritores, artistas e músicos, todos eles protestadores, dissidentes ou heróicos odiadores do comunismo e sofredores nas mãos do comunismo, dos quais muitos foram mártires desse sistema – nenhum deles, porém, era amante do comunismo.

MARX: Eu previ essa objeção em minha resposta, na qual eu dissera que o capitalismo burguês já havia destruído a cultura, mas também que “a cultura, cuja perda o burguês deplora, é, para a imensa maioria dos homens, apenas um adestramento que os transforma em máquinas”.

SÓCRATES: É assim que descreves Dickens, Blake, Words-worth, Coleridge, Pope, Tennyson, Goethe, Cézanne, Milton, Emerson, Rembrandt, Monet, Tchaikovsky, Beethoven, Mozart, Dostoiévski, Tolstói...

MARX: Onde queres chegar, Sócrates?

SÓCRATES: Quero dizer que vês todos esses artistas como meros agentes de uma cultura que é “apenas um adestramento que os transforma em máquinas”.

MARX: Isso é exatamente o que afirmo.

SÓCRATES: Falas mesmo com seriedade?

MARX: Novamente te pergunto: onde queres chegar, Sócrates?

SÓCRATES: Talvez eu queira chegar a mais um elogio de teus poderes proféticos. Mais ou menos um século após tua morte, a técnica que usas aqui ganharia fama nas mãos de um mestre da propaganda, o qual a chamaria de “A Grande Mentira”. O argumento dele era que facilmente se refutam as pequenas mentiras e se vê o que está por trás delas, mas que uma mentira verdadeiramente grande com frequência atordoa as pessoas e as leva a aceitá-la.

Entretanto, devemos olhar para o teu argumento, em vez de trocarmos insultos.

MARX: Ainda estou aguardando.

SÓCRATES: Teu argumento aqui não parece ser nada novo; trata-se do mesmo argumento que usaste para responder às demais objeções. Dizes que o objetor apenas está a aplicar suas noções burguesas a coisas comunistas, mas que suas "próprias ideias decorrem do regime burguês [material] de produção e de propriedade burguesa" – em outras palavras, o dinheiro determina *tudo*, mesmo as ideias, e a economia é a rainha das ciências, como a teologia costumava ser.

MARX: E voltamos ao mesmo problema.

SÓCRATES: Ademais, nessa passagem, também negas claramente a existência do que chamam de justiça e a reduzes a uma propaganda da força: "assim como vosso direito não passa da vontade de vossa classe erigida em lei".

MARX: Mas não falo aí de uma força pessoal, individual, mas da força da história. Não sou nenhum Maquiavel (o que murmuras em voz baixa, Sócrates?). Não, falo da vontade de uma classe, não de um indivíduo; e mesmo ela é resultado inevitável de coisas materiais: é uma "vontade cujo conteúdo é determinado pelas condições materiais de vossa existência como classe".

SÓCRATES: Bem, parece-me que esclarecemos tua posição, mas que não a provamos ou refutamos. Provamos apenas que realmente queres dizer aquilo que dizes – e talvez esse seja o ponto mais importante para o homem médio que está a investigar teu pensamento: ver claramente, entender o que o comunismo é, a fim de que nenhum subterfúgio ou nuance possa camuflá-lo. Para a maior parte das pessoas, não será necessária nenhuma discussão: a percepção será suficiente.

15

A Família

SÓCRATES: Chegamos agora ao teu próximo ponto, o clamor comunista pela abolição da família. Aqui, mais do que nunca, creio que a compreensão – mais que a discussão – é suficiente, que a simples percepção de que falas com seriedade e que queres dizer aquilo que dizes será suficiente para a grande maioria das pessoas, especialmente para aquelas a quem apelas: o proletariado, os pobres.

Talvez eu devesse começar elogiando-te por tua consistência lógica, pois percebes que a família, a religião e um "eu", ou uma alma, e também aquilo que chamas de senso burguês de individualidade vigoram ou fenecem juntos.

Tua resposta à objeção de que o comunismo abole a família começa pela asserção de que "a família atual, a família burguesa [...] baseia-se no capital, no ganho individual". Portanto, crês que ela desaparecerá uma vez que sua causa houver desaparecido. Estou certo?

MARX: Sim.

SÓCRATES: E sua causa é – o capital!

MARX: Sim, é.

SÓCRATES: Acreditas realmente no que escreveste, que, para o marido burguês, "sua mulher nada mais é que um instrumento de produção"?

MARX: Eu teria escrito isso se não acreditasse no que digo?

SÓCRATES: Não sei; terias?

MARX: Digamos apenas que aquilo que eu escrevi, eu escrevi.

SÓCRATES: Esse dito me soa familiar. Pergunto-me se... deixa para lá. Dize-me, formulaste os princípios do comunismo antes ou depois que conheceste a mulher com quem te casaste?

MARX: Depois.

SÓCRATES: Então, antes disso, não eras um comunista.

MARX: Verdade.

SÓCRATES: E em que tipo de sociedade cresceste? Uma sociedade feudal?

MARX: Em uma sociedade burguesa.

SÓCRATES: Logo, eras um dos membros da burguesia, então?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Assim, como burguês, quando pediste tua mulher em casamento, disseste algo como isto? – “Ó Jenny, consentes em ser meu instrumento de produção?”

MARX: Sarcasmo não é lógica, Sócrates.

SÓCRATES: Respondes à minha questão?

MARX: Pensei que tudo sabias aqui.

SÓCRATES: Oh céus, não. Apenas tu e Jenny sabem a resposta a essa pergunta, e ela chegou aqui anos atrás, ao que foi para um lugar muito mais alto e luminoso do que tu serias capaz de suportar.

MARX: Meu argumento é simplesmente que a família burguesa se baseia na opressão.

SÓCRATES: De mulheres ou crianças?

MARX: De ambos.

SÓCRATES: E a tua própria experiência confirma esse juízo?

MARX: Sim, eu cresci em uma família opressiva.

SÓCRATES: E tu, por tua vez, oprimiste a tua mulher e teus filhos? Como fazem todos os pais burgueses, de acordo com a tua própria teoria?

MARX: Injusto, injusto!

SÓCRATES: Mas, se Jenny estivesse aqui, tenho certeza de que confirmaria tua teoria, assim como o fariam o “Mosquinha”5 e Franziska. No entanto, eles também já seguiram adiante, e Freddy não virá antes de muitos anos.

MARX: Como sabes acerca de Henry Frederick?

SÓCRATES: Engels, antes de sua morte em 1895, contou a Tussy6 que Freddy era teu filho bastardo.

MARX: Então Eleanor sabe? Engels contou à minha Eleanor? Traidor! Mas como podes saber do futuro?

SÓCRATES: Aqui, todo tempo é presente.

MARX: Isso é simplesmente intolerável. Não hei de suportá-lo! Quem quer que esteja por trás de ti, tua imitação de Sócrates, hei de aniquilar-te e a eles também!

SÓCRATES: Agora pareces exatamente com o homem descrito pelo irmão de Bruno Bauer: “Estourando de fúria, cerra-se o punho maligno, e o homem urra interminavelmente, como se dez mil demônios estivessem a puxá-lo pelos cabelos”. Ou, melhor ainda, tu te pareces com a descrição que Karl Heinzen fez

de ti: “um cruzamento entre um gato e um símio [...] a cuspir jatos de fogo cruel”. Ou Lassalle...

MARX: Lassalle era um tolo completo. Deves primeiro ouvir minha descrição dele e, sob essa luz, avaliar a descrição que ele fez de mim.

SÓCRATES: Se insistes. Em uma carta a Engels (30 de julho de 1862), descreveste teu amigo, o primeiro grande líder trabalhista alemão, como “o Preto Judeu” e “um judeu ensebado que se disfarça sob brilhantina e jóias baratas. Como o formato de sua cabeça [...] indica, ele descende dos pretos que se juntaram à fuga de Moisés do Egito (a menos que sua mãe ou sua avó paterna tenham cruzado com um negro)”.

MARX: Onde queres chegar?

SÓCRATES: Quero dizer apenas que teus leitores poderão decidir por si mesmos se és aquele homem em quem podem confiar para substituir a instituição da família por um suplente radicalmente novo, de tua própria criação.

MARX: Eu hei de abolir a exploração das crianças por seus pais!

SÓCRATES: Farias isso, de fato – e o farias pela abolição das crianças e dos pais! É como abolir uma doença pela abolição de todos aqueles que sofrem dela. Devo admitir que isso realmente parece ser cem por cento efetivo. Mas a um custo de cem por cento. De acordo com a tua economia, pois, essa é uma boa relação custo-benefício?

MARX: Sim, é! Pois que o Estado será a família universal, o pai universal e a criança universal, já que o Estado será as pessoas e as pessoas serão o Estado.

SÓCRATES: Entendo: com a abolição da propriedade privada, vem a abolição da família privada, já que mulheres e filhos nada mais são que propriedades.

MARX: No capitalismo, sim.

SÓCRATES: E a própria privacidade desaparecerá quando sua causa econômica, a propriedade privada, for abolida.

MARX: Sua forma burguesa, sim. A forma comunista será totalmente diferente.

SÓCRATES: Teus contemporâneos já sabem, em função de seu presente e de sua experiência, qual é a forma burguesa da privacidade. Porém, nada podem saber da forma comunista ainda, não até que ela se torne presente e deixe de ser futuro. Até que isso ocorra, essa forma não é um dado de experiência, mas uma mera “ideia” – categoria da qual pareces escarnecer, embora dependas aqui da ideia para mudar a realidade. E certamente o futuro, em si mesmo, é apenas uma ideia no tempo presente, enquanto o presente e o passado são, ambos, dados e fatos reais, das formas mais concretas, materiais e científicas possíveis. Entretanto,

destruirias o presente e o passado em prol de teu sonho de futuro. Creio que és precisamente o idealista que criticas!

MARX: Por um momento, pensei que tu me compreendias.

SÓCRATES: Acho que te entendo até bem demais.

---

5 N.T.: Apelido do filho de Marx, Edgar.

6 N.T.: Apelido da filha de Marx, Eleanor.

16

Educação

SÓCRATES: A próxima objeção e tua resposta a ela dizem respeito à educação, e tua resposta segue o mesmo padrão lógico: desloca a culpa para o teu acusador, ao mesmo tempo que permanece ambígua com relação a se o crime deve ser elogiado ou censurado. O que há de ser abolido pelo comunismo é a educação no lar, ou educação privada. Presumo que incluirias nessa categoria não apenas a educação domiciliar, mas também todas as instituições educacionais controladas e financiadas por meios privados, e que, no comunismo, substituirias todas elas por uma só forma de educação que estaria sob o controle do Estado. Correto?

MARX: Sim, mas, no comunismo, o Estado se tornará, afinal, indistinguível do povo, da sociedade, após um breve período de transição durante o qual o Estado deve centralizar o poder a fim de fazer guerra à burguesia...

SÓCRATES: A propósito, essa guerra será política ou militar?

MARX: Será econômica, mas seus meios serão políticos.

SÓCRATES: E supondo que ela não tenha sucesso nas urnas?

MARX: Os comunistas não são pacifistas, Sócrates. Em países onde não há democracia, devemos usar meios não democráticos para tomar o poder. Isso é óbvio.

SÓCRATES: E esses meios são militares.

MARX: Confessamos isto com franqueza: a revolução será sangrenta.

SÓCRATES: Em outras palavras, como meio para vosso sucesso, pretendeis matar um vasto número de pessoas. Obrigado por esclareceres-me isso.

MARX: Mas após o fenecimento do Estado...

SÓCRATES: Por que ele fenecerá, a propósito?

MARX: Para que cumpra o seu destino, como a placenta de uma mulher fenece após o parto. É a dialética da história.

SÓCRATES: Dize-me, quem administra um Estado?

MARX: Os homens o administram, é claro. Mas eles são apenas instrumentos de um poder superior.

SÓCRATES: E os homens possuem arbítrio?

MARX: Por certo, mas ele não é livre.

SÓCRATES: E seu arbítrio é material ou espiritual?

MARX: Material.

SÓCRATES: E dois corpos materiais podem ocupar o mesmo espaço, ao mesmo tempo?

MARX: Não.

SÓCRATES: Então eles estão em competição, inevitavelmente.

MARX: Sim, até então. Mas, no comunismo...

SÓCRATES: Atenhamo-nos por agora aos dados que temos. A lei de todas as coisas materiais é a lei da divisão, ou da subtração, não é? Se dois homens dividem uma torta, uma fortuna ou um espaço físico, cada um perde qual parte seja que o outro ganhe.

MARX: Sim. É por isso que a abolição da propriedade privada é tão radical...

SÓCRATES: Porém, quando um professor compartilha seu conhecimento com um estudante, um homem compartilha seu amor com sua mulher ou um artista compartilha sua criatividade com seu público, essas coisas diminuem? Ou se multiplicam ou se somam?

MARX: Onde queres chegar, Sócrates?

SÓCRATES: Quero dizer que a matéria e o espírito seguem leis opostas e que quando observamos que certas coisas não seguem as leis da matéria, podemos concluir que não são coisas materiais.

MARX: Pensei que estavas a falar sobre o fenecimento do Estado no comunismo. No entanto, escapas novamente para a metafísica.

SÓCRATES: Escaparei de volta para a política.

MARX: E qual é teu argumento aqui?

SÓCRATES: Que o Estado é dirigido por homens, e os homens possuem arbítrio, e esse arbítrio é egoísta porque, de acordo contigo, ele é material. Logo, o que motivará esses homens egoístas a sacrificar seu poder e “fenecer”?

MARX: Eu não usei essa frase na escrita, a propósito, mas é uma boa frase. Eles fenecerão como uma folha no outono, porque é chegada a hora. A força motora da história não é os arbítrios individuais, Sócrates, mas o destino coletivo. Entretanto, continuas a olhar tudo sob tua perspectiva burguesa e individualista.

SÓCRATES: Então, o “destino” se tornará egoísta de chofre, e ladrões sedentos por poder e violentos assassinos se tornarão santos mártires. Aqueles que crêem em um Deus onipotente dizem que nem mesmo Ele pode realizar tal milagre contra o nosso livre arbítrio; é por isso que existe um inferno. Talvez sejas mais religioso, mais pio, mais submisso à vontade onipotente de teu deus que qualquer judeu, cristão ou muçulmano.

MARX: Que coisas ultrajantes dizes, Sócrates!

SÓCRATES: Sinto muito que estejas ultrajado, em vez de estares refutado ou refutando. Parece-me que nossa discussão se degenerou em insultos, em lugar de se apoiar sobre argumentos lógicos. E, novamente, desviei-nos de teu texto. É por isso que é bom teres um texto à tua frente quando tens uma discussão longa e profunda dele, com muitas tangentes: ele te dá um lar a que retornar. Portanto, retornemos.

Desejas eliminar a educação privada, mas teu oponente objeta a isso, ao que tu lhe contas que o capitalismo já fez esse estrago. Dizes que toda educação, na verdade, é social, mas que, no capitalismo, seu agente não é nem os indivíduos e nem as famílias, como a burguesia alega, nem a sociedade como um todo, nem o Estado, como será no comunismo, mas a burguesia enquanto classe. Esse é um bom resumo?

MARX: Sim. Podes ser bastante lógico quando tentas, Sócrates, bem como sarcástico. Sabes, eu realmente poderia usar-te em minha causa, se mudasses de ideia algum dia.

SÓCRATES: De fato poderias, mas não usando-me como teu servo e sim como teu professor. Eu jamais responderia a uma objeção com escárnio e uma cuspidela.

MARX: Quando eu fiz isso?

SÓCRATES: Bem aqui neste texto: “As declamações burguesas sobre a família e a educação, sobre os doces laços que unem a criança aos pais, tornam-se cada vez mais repugnantes...”. Revelas muito de teu próprio sentimento subjetivo e ódio profundo aqui, mas pouco acerca da realidade objetiva.

MARX: Mas eu falo da realidade objetiva! Eu estou irado com a hipocrisia burguesa.

SÓCRATES: E qual é essa hipocrisia?

MARX: Defender as famílias e as crianças com palavras, de modo farisaico, enquanto, em suas vidas, essas famílias e crianças estão a ser oprimidas e exploradas.

SÓCRATES: Onde? Como?

MARX: Em todos os países capitalistas, nos países industrializados de toda a Europa, nas fábricas.

SÓCRATES: Especialmente na Inglaterra, onde fazias tua pesquisa, todo dia, sentado no *British Museum*?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Como és um empirista e não um idealista, deves ter feito muitas visitas a fábricas reais a fim de coletar teus dados. É claro que, fosses tu apenas um idealista, terias mantido tua cara enfiada em um livro, o dia todo. Mas, fosses científico, terias procurado também, e prestado conta deles, por dados que *contrariassem* a tua teoria, tais como as leis de reforma industrial produzidas pelo capitalismo.

MARX: Esses dados nada provam. Quer dizer, eles provam a existência de uma opressão maciça que se tentou corrigir debilmente.

SÓCRATES: Eles provam que as sociedades capitalistas burguesas eram capazes de corrigir os próprios abusos e opressões.

MARX: Isso é matéria de discussão.

SÓCRATES: Pois olhemos para uma matéria de dados. Podes listar ou contar o números de vezes nos quais verdadeiramente puseste os pés em uma daquelas fábricas que alegaste serem os centros e agentes da auto-destruição certeira do capitalismo?

Creio escutar um silêncio ensurdecedor. Mesmo Engels visitara uma fábrica inglesa certa vez e te convidara para acompanhá-lo, mas tu não quiseste. Não é?

E podes me apontar uma só passagem, em todos os teus escritos, na qual confrontas não os *argumentos* de teu inimigo, mas os seus *dados*?

Hummm... devo estar ficando surdo, pois não escuto de ti uma resposta. Ou talvez eu esteja surdo para o que *tu* queres dizer com “científico”.

17

Mulheres

MARX: Estás te tornando mais sarcástico e menos filosófico, Sócrates.

SÓCRATES: Isso te faz feliz ou infeliz?

MARX: Por que haveria de fazer-me feliz?

SÓCRATES: Porque, se estou me tornando sarcástico e deixando de ser filosófico, estou ficando mais parecido contigo e menos parecido comigo.

MARX: Isso me faz infeliz, pois tu estás no controle aqui.

SÓCRATES: Oh, não. Tu estás!

MARX: Como?

SÓCRATES: Sempre que me dás uma razão para ser filosófico, irenista ou objetivo, eu o sou; porém, quando me dás uma razão para ser sarcástico, eu sou sarcástico. Eu sou um espelho – minha tarefa é apenas refletir-te, iluminar-te, ajudar-te a conheceres a ti mesmo.

Portanto, devemos continuar a percorrer a estrada que teu livro abriu para nós. A próxima objeção concerne ao teu substituto para a família: uma comunidade de mulheres (e, podemos presumir, também de crianças – pois, em tua época, ainda não se haviam inventado contraceptivos eficazes).

MARX: Trata-se de um substituto para a família *privada*; o que vossas mentes burguesas chamam simplesmente "a família" é apenas uma das muitas formas que ela pode assumir.

SÓCRATES: Então, não objetarias a famílias sem pai, com muitos pais ou muitas mães, ou com dois ou mais "pais" homossexuais?

MARX: Eu aceitaria essas formas do mesmo modo que aceitaria qualquer revolução, ainda que não sejam totalmente comunistas, pois que são etapas, são desestabilizadoras.

SÓCRATES: Queres dizer que elas eliminam o inimigo.

MARX: Elas realizam uma limpeza do solo para a nova construção, a nova sociedade; ajudam a cobra a mudar sua velha pele; ajudam a libertar a mariposa de seu casulo, a libertar o filhote de pássaro de seu ovo. É preciso quebrar o ovo para chocar o pássaro.

SÓCRATES: Queres dizer que elas eliminam o inimigo.

MARX: Se o ovo resiste a ser quebrado, então ele se torna o inimigo do passarinho.

SÓCRATES: Há qualquer coisa material que *não* resista a ser quebrada?

MARX: Não, nem mesmo o menor dos átomos. Mas, quando ele se quebra, quem sabe que energia não poderá ser liberada?

SÓCRATES: Ninguém, de fato. E tu destruirias a velha ordem que conhecemos, uma ordem a qual todos admitem ser uma mistura de bem e mal, em prol de uma ordem que ninguém sabe ao certo quão boa ou má será, porque ninguém jamais a viu.

MARX: As pessoas podem vê-la em meus livros.

SÓCRATES: És um empirista, não é?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Como empirista, deves concordar que o conhecimento depende da visão.

MARX: Sim.

SÓCRATES: Porém, tu apenas pensaste, mas não viste, a tua nova ordem.

MARX: Até agora.

SÓCRATES: E destruirias a ordem que se vê em prol da ordem que não se vê; destruirias pessoas, famílias, muitas vidas e a felicidade em prol de uma ideia.

MARX: Onde queres chegar, Sócrates?

SÓCRATES: Penso que tu és secretamente um idealista.

MARX: Eu sou o martelo que abrirá o ovo da história.

SÓCRATES: O novo pássaro que emergiria desse ovo, a nova energia que seria liberada pela destruição do átomo, ou do átomo da família – quem sabe se esse gênio desconhecido que pretendes libertar da lâmpada será bom ou mau?

MARX: Não afirmo saber tudo com certeza, mas tenho esperança de que o homem possa ser melhor, muito melhor, do que aquilo que já vimos dele.

SÓCRATES: Logo, o teu fervor revolucionário deve ser motivado pelo ódio do homem tal como ele é em vez de pelo amor do homem tal como ele poderia ser; pois apenas o homem de hoje é real e conhecível – a menos que sejas um idealista radical, como meu aluno, Platão. Também ele clamava pela abolição da família, bem como da propriedade privada, em sua imagem de uma sociedade ideal presente na *República*, mas não para toda a sociedade; apenas para uma pequena classe dominante, a qual ele concebia como uma classe servente, tal como os padres na Igreja Católica. Ele era muito menos radical que tu.

MARX: Eu também modero o meu radicalismo, embora não por números, como fez Platão, mas pelo tempo. A revolução ocorrerá em etapas; pode levar uma

geração ou duas até que algumas sociedades estejam prontas para a conclusão da tarefa de substituir a família burguesa.

SÓCRATES: Mas, mais cedo ou mais tarde, esperas e trabalhas por uma "comunidade de mulheres" mundial?

MARX: Sim. *Todas* as mulheres devem ser liberadas.

SÓCRATES: Dos maridos.

MARX: De maridos burgueses e privados.

SÓCRATES: E as crianças, de seus pais.

MARX: De pais burgueses e privados.

SÓCRATES: Então, as mulheres comunistas não terão maridos e as crianças comunistas não terão pais?

MARX: Não. Todos pertencerão a todos.

SÓCRATES: Sexualmente também?

MARX: Como a privacidade poderia ser abolida se o controle privado do sexo não fosse abolido?

SÓCRATES: Entendo. Pensas no sexo como forma de *controle*.

MARX: Certamente.

SÓCRATES: Não me espanta que tenhas tido dificuldade em experienciar felicidade sexual. Não, não percas tempo cerrando teu punho para mim. Sei que isso foi um golpe baixo; desculpa-me. Tenho essa obsessão com a verdade, ao que presumo erroneamente que a verdade do que é dito justifica qualquer grosseria e impropriedade. Peço desculpas pelo insulto pessoal, mas não por minha pergunta; é que as questões que surgem acerca de tua ordem social radicalmente nova parecem uma grande manada de elefantes.

MARX: Eu ainda não resolvi todos os detalhes referentes à minha nova ordem.

SÓCRATES: Acho que essa não será uma resposta muito reconfortante para alguém que está a ver os elefantes vindo em sua direção.

MARX: Eu dei uma resposta à objeção em meu *Manifesto*, na verdade.

SÓCRATES: Deu? Perdoa-me, não devo tê-la visto. Onde?

MARX: Nas próprias palavras que estão naquela página, teu suíno sarcástico!

SÓCRATES: Referes-te a estas palavras: "Os comunistas não precisam introduzir a comunidade das mulheres. Esta quase sempre existiu."?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Bem, se essa é a tua resposta, examinemos as evidências relativas à sua veracidade. Alegas que o adultério é a norma na maior parte das sociedades primitivas?

MARX: Sim.

SÓCRATES: E, por “norma”, não queres dizer um ideal moral, mas uma prática social habitual?

MARX: Sim.

SÓCRATES: E quão prevalente dirias que tal hábito deva ser, a fim de que seja a norma?

MARX: Oh, digamos, ele deve ocorrer em oito ou nove de cada dez casos.

SÓCRATES: Portanto, afirmas que 80 por cento dos homens, em sociedades primitivas, eram infiéis.

MARX: Esse parece um número razoável.

SÓCRATES: Mesmo na Roma antiga? E na Cristandade medieval?

MARX: Mesmo aí, com toda probabilidade.

SÓCRATES: Logo, uma vez que não se conheciam contraceptivos eficazes, muitíssimas crianças devem ter sido ilegítimas; em verdade, a maioria.

MARX: Isso procede; porém, é fácil esconder tal fato.

SÓCRATES: Aqui, de fato, temos alguns dados empíricos, embora apenas um exemplo.

MARX: O que queres dizer?

SÓCRATES: Quero dizer que aqui, finalmente, falas por experiência.

MARX: És um grosseirão, Sócrates.

SÓCRATES: Sou um espelho. Nada se pode esconder por muito, aqui. Então, dizes que, em uma sociedade burguesa – por exemplo, na Inglaterra Vitoriana na qual viveste por um tempo –, os maridos não eram mais fiéis do que eram em tribos primitivas.

MARX: Provavelmente. Quem sabe?

SÓCRATES: *Tu* pareces saber. Não é isso o que escreveste, com efeito?

> Nossos burgueses, não contentes em ter à sua disposição as mulheres e as filhas dos proletários, sem falar da prostituição oficial, têm singular prazer em cornearem-se uns aos outros. O casamento burguês é, na realidade, a comunidade das mulheres casadas. No máximo, poderiam acusar os comunistas de querer substituir uma comunidade de mulheres, hipócrita e dissimulada, por outra que seria franca e oficial.

MARX: Deixa estar. *Stet*![7]

SÓCRATES: Gostarias de saber os números exatos? Somos excelentes

estatísticos aqui.

MARX: Não, vamos prosseguir com o meu livro.

SÓCRATES: Isso é exatamente o que eu pensei que estávamos a fazer.

MARX: Próxima pergunta, por favor.

SÓCRATES: Praticarei minha misericórdia, em vez de minha justiça, e farei exatamente isso, já que minha inquisição fez com que suasses de forma bem aflitiva. A propósito, também temos ótimos sabonetes, chuveiros e perfumes aqui, caso tenhas vontade de alterar tua aparência um pouco.

MARX: Qual é o preço?

SÓCRATES: Apenas que por cá não pode haver conflito entre aparência e realidade, então terias de abraçar uma limpeza interior correspondente; a qual, até agora, não tenho sido muito bem sucedido mesmo em começar a convencer-te de abraçar.

MARX: Hei de reter minhas próprias roupas e personalidade, obrigado. Podemos prosseguir com a pergunta seguinte, por favor?

SÓCRATES: Ei-la aqui, pois: por que não falas de uma “comunidade de homens”, mas apenas de uma “comunidade de mulheres” no comunismo?

MARX: Há igualdade total entre nos sexos no comunismo.

SÓCRATES: Entendo. Assim, fosses um bom comunista e não um hipócrita, ficarias tão contente com o caso de Jenny com Engels quanto estás com o teu caso com Lenchen.

MARX: Engels? Engels! Até tu, Brutus? Hei de aniquilá-lo! Aquela narceja, aquele chacal, aquele judeu seboso!

SÓCRATES: Devo interromper esse experimento de presto. Não posso suportar o mau cheiro.

MARX: Experimento? O que queres dizer?

SÓCRATES: Que Engels não teve tal caso. Mas agora todos podemos ver, por tua resposta à minha questão, o quão feliz tu estarias em tua própria utopia comunista.

MARX: Tua cobra burguesa gosmenta! Teu – teu advogado! Disseste que não se podia mentir aqui.

SÓCRATES: Eu não disse que o caso de Jenny com Engels era real. Apenas levantei a bandeira de teu pensamento – o pensamento da mesma igualdade entre homens e mulheres que alegas pregar –, mas não bateste continência a ela.

MARX: Que truque sujo!

SÓCRATES: Um truque, sim. O espelho usa truques de luz súbita, mas a sujeira que revela vem apenas do homem à sua frente. Desejarias um pequeno sabonete agora? É de graça, não sabes?

MARX: Eu preferiria uma pequena arma. Elas também são de graça aqui?

SÓCRATES: Não podem existir armas neste lugar, e seus espelhos não podem ser quebrados.

MARX: Isso é insuportável!

SÓCRATES: Espero verdadeiramente que essa não seja a tua última palavra sobre o assunto. Pois, se for, terei falhado. Se essa for a tua última palavra, então ela será a tua última palavra.

MARX: Eu não compreendo.

SÓCRATES: Bom! Nisso reside tua esperança e a minha oportunidade – para ajudá-lo a compreender.

MARX: Também não compreendo isso.

SÓCRATES: Bom; aprendes a primeira lição.

MARX: Queres chegar a algum lugar com tudo isso?

SÓCRATES: Sim.

MARX: Não há esperança.

SÓCRATES: É a tua única esperança.

MARX: Então, prossegue. Eu não tenho escolha – ou tenho? Há aqui algum outro lugar? Uma outra estrada, que me leve para fora daqui?

SÓCRATES: Por hora, não há outro lugar e não há outra estrada. Deves andar pela mesma estrada que percorreste em vida. Ninguém pode andar pela estrada de um outro. Podes apenas escolher andar ou não andar.

MARX: E supondo que eu escolha o “não”?

SÓCRATES: Tu já escolheste andar, embora relutantemente; é por isso que estás aqui, comigo, na morada da esperança. Tua estrada é extremamente longa, penosa e lenta, mas estás nela, então há esperança. Prossigamos, pois?

MARX: Prossigamos.

---

7 N.T.: Em latim, *stêt*, 3a pessoa do singular do subjuntivo presente de *stâre*, estar de pé, parar, ficar. Antigamente, usado de forma imperativa como indicação, em um manuscrito, para que se retivesse uma passagem que fora cancelada previamente.

18

Nações

SÓCRATES: Mal vale a pena mencionar a próxima objeção, pois ela segue exatamente o mesmo padrão. Ela diz que “além disso, os comunistas são acusados de querer abolir a pátria, a nacionalidade”. Ao que respondes: “os operários não têm pátria. Não se lhes pode tirar aquilo que não possuem”.

Mais uma vez, não está claro se dizes que o capitalismo é mau por ter roubado do proletariado algo que é bom – as nações – ou que o capitalismo é bom porque as nações são más e ele destruiu essa coisa ruim.

Ademais, não está nada claro que tua premissa seja verdadeira: os trabalhadores, geralmente, são mais patriotas, não menos, que as classes mais ricas e mais educadas.

E também não está claro se tua futura ordem mundial única, excluídas as nações, será melhor ou pior que a velha ordem, que as incluía. Como as famílias, as nações são coisas que quase todo mundo concorda que produziram tanto bens quanto males. E trocar um bem imperfeito, mas conhecido, por algo totalmente desconhecido pareceria ser motivado, como antes, mais por ódio da coisa real conhecida que por amor da coisa ideal desconhecida (que se desconhece, a menos, é claro, que sejas um idealista em vez de um empirista). Pois como podemos amar aquilo que não conhecemos? Mas, se a conhecemos, é apenas como uma ideia, pois que ela ainda não é real. Logo, mais uma vez, valorizas a ideia acima da realidade. És um idealista, não um realista.

Mas essas perguntas não são novas; são as mesmas que já fizemos acerca de quase todas as questões controversas que levantaste – e elas ainda não foram respondidas.

O que *é* novo e básico é o teu último argumento, a última das nove objeções, aquela acerca das ideias, das ideologias, da filosofia e da religião. Portanto, eu gostaria de passar a essas coisas, a menos que desejes acrescentar algo a respeito da questão sobre as nações.

MARX: Eu quero. Trata-se de algo muito simples: um só mundo significaria ausência de guerras.

SÓCRATES: Sim. No entanto, se as nações são boas coisas, isso não seria como matar o paciente para curar a doença? Ou como amputar um membro para curar uma unha encravada?

MARX: Algumas vezes, apenas tratamentos radicais curam. Nada mais foi capaz de eliminar as guerras; enquanto houver nações, haverá nacionalismo, e enquanto houver nacionalismo, haverá guerra.

SÓCRATES: E, enquanto houver egos individuais, haverá egoísmo. Assim, a única cura para o egocentrismo, para o egoísmo e para a opressão é eliminar sua causa...

MARX: Então *de fato* entendes meu argumento.

SÓCRATES: ...eliminando o próprio "eu" e substituindo-o pelo "nós".

MARX: Sim, é isso mesmo.

SÓCRATES: Logo, toda essa empreitada com a qual agora estamos engajados, esse "conhece-te a ti mesmo", é assaz supérfluo, se não *tens* um "eu".

MARX: Muito bem. Posso prosseguir, então?

SÓCRATES: Quem é o "eu" que pede para prosseguir?

MARX: Estás a brincar comigo novamente?

SÓCRATES: Estou. Mas, ao mesmo tempo, falo mortalmente a sério – e pergunto-me se um "nós" pode algum dia falar mortalmente a sério.

MARX: Por que não?

SÓCRATES: Porque, se não há um "eu", se não há família, nação, conflito e guerra, então quem é o "outro"? Se há apenas um "nós" espalhado por todo o mundo, para sempre, se "nós somos o mundo", então o que "nós" poderemos fazer que tenha importância, que faça a diferença?

MARX: Estás a defender a guerra?

SÓCRATES: Não, mas estou defendendo a sua possibilidade.

MARX: O que queres dizer com isso?

SÓCRATES: As nações, e o amor à própria nação, parecem bastante com uma família ou com um "eu". Os três podem facilmente ser infectados por doenças de egocentrismo. No entanto, a tua cirurgia para os três casos parece ser uma eutanásia.

MARX: Tudo tem sua hora de morrer, Sócrates, mesmo essas três coisas.

SÓCRATES: Tudo exceto o comunismo?

MARX: O comunismo viverá para sempre; ele sobreviverá às nações, às famílias e à individualidade burguesa.

SÓCRATES: Algumas surpresas te aguardam.

Três Filosofias do Homem

SÓCRATES: A última objeção que consideras, aquela que concerne à filosofia, é, para ti, a menos importante.

MARX: É por isso que a deixei por último.

SÓCRATES: No entanto, gastas mais tempo a respondê-la que a todas as outras, exceto a primeira, que trata da propriedade privada.

MARX: Faço isso porque a maioria das pessoas – como tu –, a maioria dos filósofos e certamente todos os idealistas entendem a coisa toda do avesso – e é necessário dar-lhes uma resposta.

SÓCRATES: Eis aqui, então, o trecho crucial – o qual é, filosoficamente, o trecho mais importante de teu livro, pois a escolha que expressa é a mais básica e fundamental, além de fazer a maior diferença possível para o maior número de coisas.

MARX: Eu discordo. Penso que ela não faz diferença alguma, exceto em pensamento. A questão do *status* das ideias só é importante quando se parte do pressuposto idealista de que o pensamento causa as coisas e não o contrário. Mas, do ponto de vista materialista, isso vem por último, não em primeiro – tanto em poder quanto em importância.

SÓCRATES: Que são as ideias, então, de acordo com as tuas ideias? Poderíamos dizer que, uma vez que uma ideia não é material, ela não é material para as nossas vidas?

MARX: Não nego de todo sua realidade, então não percas teu tempo pavoneando tuas objeções lógicas astutas contra essa posição; isso é auto-contraditório. Eu explico as ideias em função de coisas materiais reais; as ideias são efeitos, não causas, e não são fenômenos observáveis, mas apenas epifenômenos.

SÓCRATES: Esses são os dois argumentos resumidos pelo termo "epifenomenismo", termo dado pelos filósofos à tua posição relativa ao *status* das ideias. O que queres dizer ao falar que elas não são causas de eventos reais?

MARX: As ideias acompanham os eventos reais como os espectadores podem acompanhar uma batalha militar, a fim de observá-la, mas elas não afetam o resultado da batalha. Os fenômenos são as coisas reais; são materiais e, portanto, observáveis. Já os epifenômenos repousam sobre os fenômenos – "epi" é um prefixo grego que significa "sobre". Logo, os epifenômenos são como nuvens a

flutuar sobre os eventos que têm lugar na superfície da terra; são como o calor gerado pela eletricidade que corre ao longo de um fio, em direção a uma máquina. A eletricidade realiza todo o trabalho e faz com que a máquina trabalhe – esse é o produto ou efeito da eletricidade. Mas ela também gera um subproduto: o calor que se pode sentir sobre o fio. No entanto, esse calor simplesmente se dissipa no ar; ele não afeta a máquina. Assim, as ideias são como esse calor, e a matéria é como a eletricidade. Entendes de máquinas e de eletricidade, Sócrates? Elas não existiam em teu mundo e não parecem existir neste daqui.

SÓCRATES: Sei sobre tudo o que havia em tua vida.

MARX: Então, pondera sobre a diferença que há entre um motor a vapor e uma outra máquina, que gere vapor como um subproduto. Em um motor a vapor, é esse que efetua o trabalho; em outras máquinas, o vapor é simplesmente despejado no ar, por meio de tubos ou escapamentos. A causa imediata ou próxima do vapor que são as nossas ideias é o cérebro, e a causa última – ou primeira – dessas ideias é o nosso sistema socioeconômico, a estrutura de classe da sociedade. Ela molda tanto os nossos pensamentos quanto as nossas ações.

SÓCRATES: Em outras palavras, o sistema monetário.

MARX: No sentido amplo, sim.

SÓCRATES: Por conseguinte, se desejas encontrar a Causa Primeira, deves seguir o rastro de dinheiro. Esse é, de fato, um novo caminho até Deus.

MARX: A causa primeira é a matéria, não Deus, assim como a causa de nossos pensamentos é nosso cérebro, não algum espírito ou fantasma chamando “mente”.

SÓCRATES: Queres dizer que nossos pensamentos são descargas de nossos cérebros?

MARX: Pode-se dizer isso.

SÓCRATES: Talvez pudéssemos chamar isso de “a teoria da consciência como flatulência cerebral”.

MARX: Chama-la do que quiseres, ela é uma descoberta da ciência.

SÓCRATES: Eu pensava que a ciência descobria dados. Afirmas que ela descobre teorias?

MARX: Ela descobre que o cérebro está cheio de químicos e de nervos físicos, um tanto como os fios, e que, quando se toca um certo nervo com um pedaço de metal eletricamente carregado ou quando se despeja sobre ele certos químicos,

pode-se produzir ou modificar um certo pensamento ou sentimento. Quando se alteram os produtos químicos, altera-se também a consciência. Isso são dados.

SÓCRATES: Isso é verdade. E quando esbarras na caneta de um escritor, mudas a sua mensagem.

MARX: O que essa analogia prova?

SÓCRATES: Nenhuma analogia prova nada; as analogias apenas mostram ou ilustram algo, e essa aqui mostra que os dados aos quais fazes referências poderiam ser explicados por uma outra teoria: que o cérebro é o *instrumento* do pensamento e não a *causa* dele; que há uma mente, alma, espírito ou um "eu" que usa o corpo e seu cérebro, assim como um escritor usa a caneta. Os dados são compatíveis com ambas as hipóteses, a tua e a minha.

MARX: Nada disso. Eu te desafio: nomeia qualquer ato de pensar, de sentir, ou de qualquer outra coisa que alegues ser imaterial – mesmo as experiências místicas, a paixão, o remorso moral ou os cálculos matemáticos – e encontrarei um cientista que possa dizer exatamente que parte do cérebro ou que mudança química é causa dessa coisa. Corte-se uma parte do cérebro, e um não homem poderá mais sentir dor; corte-se uma outra parte, e ele não poderá mais raciocinar; corte-se ainda uma terceira parte, e não poderá mais fazer escolhas morais. Pode-se mesmo realizar uma "conscienciotomia". Não há um só dado que comprove que algo exista de imaterial, um só ato de tua suposta alma que não possa ser explicado por algum acontecimento no corpo, especialmente no cérebro, que seja material e observável.

SÓCRATES: Esse é um argumento impressionante – e real, pois se baseia em dados reais; portanto, ele merece ser respondido.

MARX: Estou aguardando.

SÓCRATES: Traçaste duas colunas, cada qual com uma longa lista de itens. A coluna um corresponde à matéria, ao corpo ou cérebro. A coluna dois corresponde ao espírito, à alma ou mente. Dizes, então, que não há nenhum item que esteja na coluna dois que não possa ser explicado por um item correspondente da coluna um e que, portanto, a coluna dois é supérflua, uma mera cópia ou imagem fantasma da coluna um. Estou certo?

MARX: Sim. Mas o argumento é ainda mais forte que isso. Cada item correspondente da coluna um, cada parte, estado ou ato químico ou físico do cérebro é, como se pode mostrar, a *causa* de seu evento mental correspondente, pois quando se estimula uma parte do cérebro com um pedaço de metal, uma carga elétrica ou um químico, pode-se fazer um homem ver a cor roxa; quando

se estimula uma outra, pode-se fazê-lo ter medo; e, quando se extrai um pedacinho da massa cerebral, ele não pode mais contar até dez. Tudo isso são fatos, e não se pode argumentar contra fatos.

SÓCRATES: Mas posso argumentar contra a tua teoria. Ela não é a única que dá conta desses fatos; há, na verdade, três teorias que dão conta de todos eles, creio.

MARX: Eu duvido, mas quais são elas?

SÓCRATES: Uma delas é uma teoria na qual nem eu e nem tu acreditamos: que a matéria não existe, que tudo é mente. Se eu acreditasse nessa teoria, eu te desafiaria então exatamente com o mesmo argumento que usaste contra mim, mas em reverso.

Primeiro, eu te desafiaria a apresentar um único item da coluna um, um único evento ou coisa supostamente material que não tivesse um evento mental correspondente, um item correspondente da coluna dois. Jamais poderias fazê-lo, porque o próprio ato de pensar, ou de expressar o pensamento, *é* o evento mental ou ideia correspondente. Se a ideia *não* corresponde à coisa, ela não é uma ideia verdadeira, não é uma ideia daquela coisa.

Em segundo, eu diria que meu argumento era ainda mais forte, porque eu podia demonstrar causalidade, além de correspondência, pois quando eliminas o pensamento de um homem acerca de qualquer coisa, não resta qualquer evidência daquela coisa, assim como, quando eliminas o sonhador, eliminas qualquer evidência do sonho.

Sei que podes explicar os mesmos dados de forma oposta. Porém, o que quero dizer é que o imaterialista também pode – e eu também, pois creio em uma terceira teoria. Sou um dualista: creio que ambas as colunas, que tanto a mente quanto a matéria, são reais e que essas duas coisas interagem dentro de nós; uma pode influenciar a outra, de maneiras diferentes. Ou, talvez, a relação entre elas seja melhor expressada dessa maneira: são duas dimensões da mesma pessoa que não podem ser reduzidas a uma só, similarmente a como ocorre com as sílabas e o significado de um poema.

Meu argumento é simplesmente que todas as três teorias explicam os dados, pois há sempre uma correspondência entre as duas colunas e, quando um item é removido, seu item correspondente também desaparece.

MARX: Então, qual é tua conclusão? Em que pé nos deixa todo esse argumento?

SÓCRATES: Prontos, enfim, para ler o argumento que está em teu livro.

20

Materialismo

SÓCRATES: Escreves: “Quanto às acusações feitas aos comunistas em nome da religião, da filosofia e da ideologia em geral, não merecem um exame aprofundado”.

Esse é um truque muito astuto de debatedor: quando não tens uma resposta à objeção mais forte de teu oponente, usas então de insultos. Essa “cortina de fumaça” pode intimidá-lo. É o truque dos pregadores: “se tens um argumento fraco aqui, grita qual fosse o fim do mundo”.

MARX: Mas eu respondo, *sim*, à objeção. Continua a ler.

SÓCRATES: “Será preciso grande perspicácia para compreender que as ideias, as noções e as concepções, numa palavra, que a consciência do homem se modifica com toda mudança sobrevinda em suas condições de vida, em suas relações sociais, em sua existência social?”

Eu poderia responder à tua questão retórica no mesmo nível, dizendo que isso *não* requer uma intuição profunda, mas uma intuição superficial – que requer uma confusão.

Pois que podes dizer duas coisas muito diferentes com a tua frase. Primeiro, podes falar simplesmente que sempre que há uma mudança no mundo material da qual estejamos cientes – por exemplo, a mudança da noite para o dia, ou de um beijo num rosto para um tapa –, também há uma mudança correspondente em nossa consciência. A apreensão disso, de fato, não requer uma intuição profunda; o fenômeno é verdadeiro, como todos admitem, tanto os idealistas quanto os materialistas, e nada prova. Certamente não prova o materialismo; as mudanças materiais produzem mudanças mentais correspondentes simplesmente porque o pensamento *observa* essas mudanças materiais, e, para que qualquer pensamento seja verdadeiro, ele deve corresponder à realidade, inclusive à realidade material. Nós, dualistas, não acreditamos menos nisso que vós, materialistas.

Logo, imagino que queiras dizer uma outra coisa com a tua frase que citei. Deves querer dizer que as condições sociais materiais são *causas únicas e suficientes* e que os pensamentos são *apenas seus efeitos*. Isso excluiria o idealismo (seja a minha versão de idealismo, à qual chamei de dualismo, ou aquela versão na qual não creio, que alega que *tudo* são ideias, mesmo a matéria).

MARX: A tua segunda interpretação está correta.

SÓCRATES: Mas isso deve requerer uma intuição de fato muito profunda para que seja compreendido, pois eu não consigo entender como as leis da aritmética podem mudar na mente de um homem, quando a economia muda de um sistema de escambo, como o que havia na idade média, para um sistema monetário, como o que há no capitalismo; ou quando muda de um sistema capitalista para um comunista. Quer o homem conte carneiros, moedas ou as cabeças de seus inimigos burgueses, dois mais três sempre será cinco.

MARX: Estou falando de ideias ideológicas, não de matemática. A ideologia de um homem é que muda com o sistema de classe.

SÓCRATES: É claro que muda! Porque um sistema de classe *é* uma ideologia; no entanto, dizes que a religião e a filosofia também mudam, não é?

MARX: Sim. Lê minha próxima frase.

SÓCRATES: "Que demonstra a história das ideias senão que a produção intelectual se transforma com a produção material?"

Francamente, creio que a história das ideias prova quase qualquer coisa, *menos* isso. Queres dizer realmente que, quando as minhas fábricas deixam de depender de rodas d'água e passam a depender de dínamos elétricos, minha mente deixa de ser lenta e aquosa para se tornar fagulhenta e elétrica? A verdade não é quase o oposto? A mente primeiro não mudou e se tornou astuta, inventando assim o poder elétrico, e então fez uma cópia material daquilo que havia inventado?

E esta tua frase estranha: "produção intelectual"; pensas mesmo que a mente é um tipo de fábrica ou linha de montagem para produzir ideias?

MARX: La Mettrie provou que a mente é uma máquina, assim como fez Hobbes.

SÓCRATES: Eles afirmaram isso, mas não o provaram.

MARX: Pois lê a próxima frase.

SÓCRATES: "As ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante".

MARX: É *isso* o que eu quis dizer com a minha frase anterior. Certamente *não* podes negá-lo.

SÓCRATES: Estás a usar tua "cortina de fumaça" novamente? Não há nada do que disseste que eu poderia negar com maior facilidade.

MARX: Agora és tu quem usa a "cortina de fumaça".

SÓCRATES: De forma alguma. Listemos os sete pensadores mais influentes de todos os tempos, estejam eles certos ou errados, sejam bons ou maus, verdadeiros ou falsos. Eu os enumeraria da seguinte maneira: Jesus, eu próprio, Buda, Maomé, Confúcio, Moisés e tu.

MARX: Colocas a ti mesmo atrás apenas de Jesus?

SÓCRATES: Em influência, não em valor. Aqui, nenhuma falsa modéstia é capaz de sobreviver. Eu fui o pai da filosofia, e a filosofia foi a mãe das ciências, e a ciência é a religião da modernidade. Eu fui o primeiro a saber como argumentar logicamente.

MARX: Está certo, está certo; estou em sétimo, de qualquer forma.

SÓCRATES: Essa lista não é infalível. Meu ponto é simplesmente que a existência de cada um desses sete, inclusive nós dois, refuta teu princípio. *Nenhum* de nós veio da classe dominante da sociedade; todos nós a desafiamos e todos fomos temidos por ela. Todas as pessoas mais influentes da história não foram conformistas. Logo, nada poderia estar mais longe da verdade que a ideia de que todos sofremos determinação da sociedade naquilo que pensamos. Que filosofia conservadora, pró *status quo* é essa para um radical autonomeado como tu!

MARX: Já respondi à tua calúnia em meus próximos parágrafos.

SÓCRATES: Pois vou lê-los e verei.

> Quando se fala de ideias que revolucionam uma sociedade inteira, isto quer dizer que, no seio da velha sociedade, se formaram os elementos de uma nova sociedade e que a dissolução das velhas ideias marcha de par com a dissolução das antigas condições de vida.
>
> Quando o mundo antigo declinava, as velhas religiões foram vencidas pela religião cristã; quando, no século XVIII, as ideias cristãs cederam lugar às ideias racionalistas, a sociedade feudal travava sua batalha decisiva contra a burguesia então revolucionária. As ideias de liberdade religiosa e de liberdade de consciência não fizeram mais que proclamar o império da livre concorrência no domínio do conhecimento.

Aqui, mais uma vez, está a tua ideia fundamental, teu pressuposto fundamental: que os pensamentos são meros ecos do tilintar das moedas; que a liberdade da mente ou de consciência nada é senão o eco mental do livre comércio mercante. Se isso é verdade, então, antes do advento do capitalismo, não havia nada de liberdade de consciência ou da mente, nem no pensamento e nem na realidade. Mas textos abundantes de sociedades pré-capitalistas te refutam simples e literalmente, com dados e não argumentos.

MARX: Essa é a objeção à qual meus próximos parágrafos respondem.

SÓCRATES: Então, voltemo-nos a eles.

MARX: Em primeiro lugar, formulo a objeção:

> “Sem dúvida, – dir-se-á – as ideias religiosas, morais, filosóficas, políticas, jurídicas, etc, modificaram-se no curso do desenvolvimento histórico, mas a religião, a moral, a filosofia, a política, o direito mantiveram-se sempre através dessas transformações. Além disso, há verdades eternas, como a liberdade, a justiça, etc, que são comuns a todos os regimes sociais. Mas o comunismo quer abolir estas verdades eternas, quer abolir a religião e a moral, em lugar de lhes dar uma nova forma, e isso contradiz todo o desenvolvimento histórico anterior”

E então a respondo:

> A que se reduz essa acusação? A história de toda a sociedade até nossos dias consiste no desenvolvimento dos antagonismos de classe, antagonismos que se têm revestido de formas diferentes nas diferentes épocas. Mas qualquer que tenha sido a forma desses antagonismos, a exploração de uma parte da sociedade por outra é um fato comum a todos os séculos anteriores. Portanto, nada há de espantoso que a consciência social de todos os séculos, apesar de toda sua variedade e diversidade, se tenha movido sempre sob certas formas comuns, formas de consciência que só se dissolverão completamente com o desaparecimento total dos antagonismos de classe.
>
> A revolução comunista é a ruptura mais radical com as relações tradicionais de propriedade; nada de estranho, portanto, que no curso de seu desenvolvimento, rompa, do modo mais radical, com as ideias tradicionais.

SÓCRATES: É essa a tua resposta a tal objeção?

MARX: Sim.

SÓCRATES: Mas isso não é, de forma alguma, uma resposta a essa objeção, mesmo de acordo com a tua formulação dela. Tudo o que fizeste foi repetir a ideia à qual se havia objetado.

MARX: Em um panfleto popular, minha preocupação não é provar cada argumento por lógica silogística, mas afirmar a verdade de maneira clara e contrastá-la ao erro prevalecente.

SÓCRATES: Assim, a “verdade” que afirmas aí é que não há nada de universal à humanidade ao longo da história, nada de inato à natureza humana, nenhuma definição do homem enquanto tal que seja distinta do homem comunista, do homem capitalista, do homem feudal, do homem clássico, do homem cristão ou do homem moderno – exceto uma: o homem é o explorador, o ladrão, o escravagista. “[...] a exploração [...] é um fato comum a todos os séculos anteriores”.

MARX: É isso o que digo.

SÓCRATES: Que filosofia estonteantemente sombria! Todo altruísmo, todo afeto, toda amizade, toda santidade, todo sacrifício pessoal, todo amor materno, toda honra e todo martírio ao longo da história – tudo isso não passa de exploração! Essa ideia é tão estonteante que me deixa mudo e incapaz de refutá-la – é como alegar que todas as coisas viventes da terra são, na verdade,

morcegos-vampiros disfarçados, ou que o número oito é na verdade o número dois, mas que nossas mentes não são capazes de perceber isso.

E teu outro pressuposto fundamental, de que as ideias nada mais são que os títeres do titereiro que é a economia; que Deus, a Liberdade, a Imortalidade, a Verdade, a Bondade, a Beleza, a Justiça, a Sabedoria, o Amor e a Santidade nada mais são que sombras projetadas nas paredes de nossas consciências pelos atores reais do drama humano: as moedas!

MARX: Não sejas tão educado, Sócrates; dize-me o que realmente pensas de minha filosofia. Vê, também eu posso ser sarcástico.

SÓCRATES: Não há como esconder nada aqui, portanto te direi. Penso que essas tuas duas ideias são tão completamente absurdas, tão logicamente autocontraditórias, tão insultantes e aviltantes à humanidade que elas somente poderiam proceder da mente de um grande odiador dos homens e de si mesmo, de um desejo de morte espiritual, de uma filosofia cujo princípio fundamental, de acordo com tua citação de *Fausto*, é que “tudo o que existe merece perecer”. Eu examinei milhares de filosofias ao longo de milhares de anos e poucas vezes, se não jamais, encontrei uma só que fosse tão destrutiva quanto a tua. Trasímaco e Maquiavel eram apenas tiranos; tu és um terrorista.

MARX: Ora, obrigado, Sócrates. És um grande adulador!

As Etapas até o Comunismo

MARX: Realmente esperas que eu fique por cá e tenha diálogos lógicos polidos contigo, após *isso*?

SÓCRATES: Não tens escolha, e nem eu. Nossa tarefa não acabou. Devemos explorar ainda três questões: em primeiro lugar, a estratégia e as etapas que trarão o mundo à tua ordem comunista mundial, as quais listas a seguir em teu texto; em segundo, a tua conclusão; e, em terceiro, as razões para ignorar quase tudo o que se encontra na última metade de teu livro, a qual está tão cheia de detalhes triviais e totalmente desatualizados que seu tédio se torna fascinante. Uma poça de lama com meio metro de profundidade é tediosa, mas uma poça de lama com dois quilômetros de profundidade é fascinante.

MARX: Vejo que ainda estás em modo adulador.

SÓCRATES: Como a maioria dos tiranos que têm egos enormes, dizes ao mundo exatamente qual é a tua estratégia para escravizá-lo, qual um terrorista cheio de autoconfiança anunciaria o local que atacará, antes que o fizesse: “Vimos acima que a primeira fase da revolução operária é o advento do proletariado como classe dominante, a conquista da democracia”. Assim, propicias aos teus inimigos o meio de frustrar tua estratégia em seu primeiríssimo estágio: nas urnas eleitorais.

Em seguida, assim que subir ao poder, “o proletariado utilizará sua supremacia política para arrancar pouco a pouco todo capital à burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado em classe dominante [...] Isso naturalmente só poderá realizar-se, a princípio, por uma violação despótica do direito de propriedade [...]”

Então, admites francamente que tomarás o poder por quaisquer meios que sirvam aos teus fins: pela “derrubada violenta” de todas as condições existentes, onde quer que isso seja possível, ou pelos métodos mais lentos da persuasão e da propaganda, nas democracias livres – devem-se persuadir os homens livres a vender sua liberdade e tornarem-se escravos. Mas, uma vez que tiveres o poder, tomarás o dinheiro da burguesia de forma “despótica”.

Especificas, pois, as formas pelas quais farás isso: mudando as leis das nações nas quais chegares ao poder e fazendo revoluções e guerras sangrentas onde fores derrotado.

Eis aqui as tuas dez etapas que levam ao comunismo. Muitas delas foram instituídas até mesmo em países não comunistas, após a tua morte; com efeito, a maior parte dos leitores dessa tua lista que vivem 150 anos após o teu tempo ficará muito surpresa com alguns dos itens que especificas como ideias radicais e comunistas, uma vez que elas já se tornaram bem comuns. Escreves:

> Essas medidas, é claro, serão diferentes nos vários países.
>
> Todavia, nos países mais adiantados, as seguintes medidas poderão geralmente ser postas em prática:
>
> 1. Expropriação da propriedade latifundiária e emprego da renda da terra em proveito do Estado.
> 2. Imposto fortemente progressivo.
> 3. Abolição do direito de herança.
> 4. Confiscação da propriedade de todos os emigrados e sediciosos.
> 5. Centralização do crédito nas mãos do Estado por meio de um banco nacional com capital do Estado e com o monopólio exclusivo.
> 6. Centralização, nas mãos do Estado, de todos os meios de transporte.
> 7. Multiplicação das fábricas e dos instrumentos de produção pertencentes ao Estado [...]
> 8. Trabalho obrigatório para todos, organização de exércitos industriais, particularmente para a agricultura.
> 9. [...] medidas tendentes a fazer desaparecer gradualmente a distinção entre a cidade e o campo.
> 10. Educação pública gratuita de todas as crianças [...]

Um de teus discípulos, um italiano chamado Gramsci, foi ainda mais profético do que tu com relação às prioridades dessa lista; ele colocou em primeiro aquilo que colocaste em décimo e último lugar: a propaganda. Nas escolas, chama-se isso “educação”; fora delas, chama-se “comunicação” e “mídia”. Gramsci disse que o Marxismo não venceria no campo de batalha ou na urna eleitoral, mas nas salas de aula.

Assim, tu e Gramsci, juntos, alertam bem francamente o mundo de quais serão seus campos de batalha. Certamente não é vossa culpa se eles ignoram esses alertas claros.

E, agora, hei de concluir com mais dois comentários amigáveis.

MARX: Amigáveis? Ah, tenho certeza que sim – e o sol nascerá no oeste e os triângulos terão cinco lados.

SÓCRATES: Primeiro, elogiarei tua retórica. Tua peroração realmente reverbera, sabias?

MARX: Eu sei.

SÓCRATES: Muito embora nenhuma outra revolução, partido ou líder tenha prestado a ela a mais mínima atenção em 1848, o “ano das revoluções” ao longo de toda a Europa.

MARX: Eu era original demais para eles.

SÓCRATES: As tuas melhores frases não eram nada originais; com efeito, foram todas plagiadas. Roubaste “os operários não têm pátria” de Marat, assim como “os proletários nada têm a perder a não ser suas cadeias”. Roubaste “a religião é o ópio do povo” de Heine, “proletários de todos os países, uni-vos!” de Schapper, “a ditadura do proletariado” de Blanqui e “de cada qual, segundo sua capacidade, a cada qual, segundo suas necessidades” de Louis Blanc. És um grande propagandista apenas porque és um grande ladrão.

MARX: São os efeitos que contam, não as causas. Qualquer que seja sua fonte, uma grande propaganda tem grande poder para produzir efeitos – ela é atrativa.

SÓCRATES: De fato. Mas para quem a propaganda é atrativa? Quem é o par apropriado a um ganso apropriado senão uma gansa apropriada?

MARX: Já que vais me humilhar com o teu “humor”, concedes-me ao menos a justiça de um último pedido?

SÓCRATES: O que desejas?

MARX: Posso ter a última palavra e citar as últimas palavras de meu próprio texto?

SÓCRATES: Podes citar a ti mesmo, porém não podes ter a última palavra. Tal privilégio deve ser reservado a um Outro, o qual também teve a primeira Palavra.

MARX: Escutemos, então, a conclusão de todos os afazeres do livro, o “argumento final”.

> Os comunistas não se rebaixam a dissimular suas opiniões e seus fins. Proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados pela derrubada violenta de toda a ordem social existente. Que as classes dominantes tremam à ideia de uma revolução comunista! Os proletários nada têm a perder a não ser suas cadeias. Têm um mundo a ganhar. PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!

SÓCRATES: Essas palavras estavam destinadas, de fato, a caírem como um fósforo para incinerar teu mundo. Há bilhões de almas e milhões de corpos que irão te confrontar neste mundo com suas queimaduras. Se enfrentares aqui essas feridas que te recusaste a enfrentar então, mesmo tu poderás encontrar purificação e luz, no final.

MARX: E o que é que tens a ver com isso, Sócrates?

SÓCRATES: Eu continuarei a ajudar-te com o “conhece-te a ti mesmo” até após o fim desta conversa.

MARX: E como poderás fazê-lo?

SÓCRATES: Conquanto não creias no “eu”, na oração, em Deus ou na alma, rezarei para que Deus tenha piedade da tua alma, embora eu não tenha tido piedade de teu livro. E agora meu segundo comentário amigável...

MARX: Oh, aquele foi o teu primeiro comentário “amigável”? Devo tê-lo deixado passar desapercebido.

SÓCRATES: Como eu deixei passar o nascer do sol no oeste e os triângulos de cinco lados. Minha última observação amigável é um pouco de piedade. Hei de eximir a nós dois: a ti por teres escrito o resto de teu livro, os capítulos três e quatro, e a mim de lê-los.

MARX: Por quê?

SÓCRATES: Ora, porque aquilo que contêm é tão mesquinho e insuportavelmente tedioso – pequeninos detalhes, todos locais, que rapidamente se tornaram ultrapassados.

MARX: Ultrapassados! Por quê?

SÓCRATES: Porque estavam por demais atualizados. Como disse um homem sábio certa vez, “aquele que esposa o Espírito dos Tempos logo há de se tornar viúvo”.

MARX: Mas há coisas muito importantes nesses capítulos.

SÓCRATES: Não, não há. Tiveste sempre uma visão fantasticamente exagerada de pequenas coisas e uma visão fantasticamente reduzida de coisas grandiosas; pensavas que o sol e a lua nasciam e sentavam-se em teu colo.

MARX: Esse é o teu comentário “amigável”?

SÓCRATES: Não. O comentário amigável é que eu queria eximir-te de culpa por teres escrito esses capítulos, pois que os escreveste apressadamente, sob a pressão da data limite imposta por teu editor.

MARX: Isso é verdade.

SÓCRATES: Porque, como de costume, havias gasto todo o dinheiro que tinhas, e a maior parte dele não fora fruto de teu trabalho, mas de presentes ou de empréstimos que raramente pagavas de volta. Foste um fracasso desastroso e contínuo em gerenciar tempo e dinheiro. Apenas alguém que fosse tão fracassado em economia pessoal poderia ter idolatrado a economia como fizeste; e apenas alguém que não fosse capaz de gerenciar o próprio tempo poderia ter idolatrado dessa forma a História, a qual teus ancestrais vilipendiavam, chamando-a de “a meretriz Fortuna”.

MARX: Oh, obrigado por seres tão “amigável”.

SÓCRATES: Foste também, muito simples e literalmente, um mentiroso.

MARX: Prova-o! Com informações específicas e com dados de meus escritos públicos, por favor.

SÓCRATES: Isso é tão fácil que uma criança poderia fazê-lo. E aquela citação famosa e influente de Gladstone, a qual citaste, deliberadamente, de forma equivocada e torceste a fim de que dissesse o oposto exato daquilo que realmente dizia? Insististe em colocá-la em todas as edições de *O Capital* e te recusaste a corrigi-la ou a omiti-la, mesmo após teu erro ter sido exposto e refutado. Defendeste-a com infinitos oceanos de ofuscação por todo o resto de tua vida. Além disso, mudaste deliberadamente as palavras de Adam Smith e seu sentido quando o citaste. E ainda chamaste a ti mesmo de *cientista*?

Também desprezaste o proletariado real e, no entanto, chamaste a ti mesmo de proletário. Tu e os teus amigos vieram da próspera classe média, da burguesia; entretanto, trovejaste contra tudo o que era burguês, como fosses contra o próprio inferno. “Burguês” foi teu palavrão mais ubíquo e venenoso.

Alegaste ter pena dos pobres trabalhadores industriais e afirmaste ser o único especialista que poderia ajudá-los; porém, nunca em tua vida colocaste os pés em uma fábrica.

Exaltaste o trabalho e ralhaste contra o ócio; contudo, nunca trabalhaste, exceto escrevendo. Foste ocioso e desprezaste teu único parente que fora trabalhador, bem sucedido e sábio com relação ao estado de coisas no capitalismo, teu tio Lion Philips, o fundador da Companhia Elétrica Philips. Foste mais hostil àqueles de teus amigos que tinham alguma experiência de trabalho e odiaste os trabalhadores calmos, disciplinados e habilidosos que conheceste na Inglaterra e na Alemanha: eles eram por demais razoáveis, por demais realistas, por demais práticos para as tuas visões de danação e destruição. Quando fundaste a Liga Comunista, removeste dela todos os membros da classe trabalhadora, pois eras pura e simplesmente um esnobe.

Foste completamente impiedoso e venenoso contra qualquer um que preferisse a paz à guerra, a moderação ao extremismo, ou as etapas graduais à violência repentina – como Weitling, por exemplo. Foste, pura e simplesmente, um hipócrita completo e consumado.

MARX: E daí se fui? Meu caráter individual não importa; eu fui o instrumento da história na realização de grandes feitos. Não posso contestar nenhuma das coisas que dizes, por causa do terrível caráter veraz deste lugar. Mas convoco-te a contar toda a verdade não apenas acerca de mim, mas acerca do comunismo –

não por ideologia, moralidade ou qualquer outra mera ideia, como tentaste fazer em nossas discussões, mas pela história, que é factual. Soltaste insinuações e detalhes esparsos de teu conhecimento sobre a história de meu mundo após minha morte; pois dá-nos toda a verdade, por favor.

SÓCRATES: Fico muito contente que desejas isso e muito contente em responder-te. Eis aqui o que a história fez de tua filosofia – não, não usarei essa palavra preciosa, pois ela significa "amor à verdade"; eis aqui o que a história fez de tua ideologia.

O capitalismo burguês não morreu e nem se enfraqueceu, mas cresceu em tamanho, popularidade, e em sua habilidade de satisfazer as necessidades humanas. Ele cresceu de modo contínuo, com apenas alguns contratempos, interrupções e depressões. Perto da virada do milênio, 150 anos após tua época, o capitalismo era o único sistema econômico bem sucedido da terra e não apresentava quaisquer sinais de decomposição ou revolução. Com efeito, as pessoas gostavam dele; fazia um maior número de pessoas mais próspero e mais contente que as demais alternativas.

Por outro lado, o socialismo e comunismo foram fracassos econômicos espetaculares por quase toda parte. O comunismo somente chegou ao poder por meio de mentiras, de assassinatos e de terror. Ele dominou meio mundo por boa parte do século vinte – e, então, simplesmente morreu. Nem uma só gota de sangue fora derramada; morreu simplesmente porque, após setenta anos em vigência, ninguém mais o queria ou acreditava nele.

O comunismo não libertou o proletariado, mas o escravizou, tanto econômica quanto politicamente. Povos inteiros foram massacrados por ele; algo mais que cem milhões de pessoas foram mortas em seu nome. Um ditador comunista, na China, matou cinqüenta milhões de inimigos políticos. Um outro, no Camboja, assassinou um terço de toda a população de seu país. Ainda um terceiro, na Rússia, maquinou a fome em massa de milhões de pessoas e estabeleceu uma rede enorme de polícia secreta e campos de concentração por todo o seu país. Onde quer que o comunismo tenha tomado o poder, ele reinava pelo terror. A tua ideologia é diretamente responsável pelo maior sofrimento, derramamento de sangue e tirania na história do mundo.

A tua política brotara da Revolução Francesa, especialmente em seu fanatismo "tudo ou nada" e em seu uso do mais puro terror. Os teus discípulos instituíram o Reino do Terror dos jacobinos em escala global, por três gerações.

Um homem cuja alma, face e movimentos lembravam sinistramente os teus chegou ao poder na Alemanha, em grande parte porque o povo alemão temia e odiava o comunismo a tal ponto que se voltou para esse homem, o qual prometera destruir o comunismo. O sistema dele se chamava "*Nacional* Socialismo", mas as semelhanças desse sistema com o teu ultrapassavam em muito as diferenças. Esse homem quase destruiu o mundo; ele foi provavelmente o homem mais odiado na história.

Se tivesses alcançado o poder que desejavas, talvez tu o terias superado. No entanto, as estranhas misericórdias da providência divina te conferiram os dons imerecidos da fraqueza e do fracasso e, assim, pouparam-te e deram-te uma pequena esperança, a qual ainda resta.

MARX: Estou atordoado.

SÓCRATES: Pois nisso reside a tua esperança.

MARX: Simplesmente não sei o que dizer.

SÓCRATES: E aí está a tua segunda fonte de esperança. Estás a aprender a primeira lição: conhecer a tua ignorância.

MARX: Em outras palavras, começo a soar como tu.

SÓCRATES: Pouco tempo atrás, tentaste persuadir-me a pensar como tu e a juntar-me à tua ideologia e ao teu partido. Isso era impossível, é claro, porque não temos ideologias ou partidos aqui. Porém, deves te juntar a *mim* – não em ideologia, pois não tenho nenhuma, mas em minha missão, a qual nunca tem fim; deves tentar conhecer aquilo que mais evitaste: tu mesmo.

MARX: Estou no inferno?

SÓCRATES: Estás em ti mesmo, para todo o sempre. Se isso é o céu ou o inferno, depende de ti.

MARX: Tenho uma escolha, então?

SÓCRATES: Na terra, tinhas a escolha, a cada momento, de abrir ou fechar os teus olhos para a verdade; nenhuma opressão ou prisão poderia cercear tal liberdade. Aqui, não tens mais essa escolha; aqui, não se podem fechar os olhos. As únicas escolhas que temos aqui são aquelas que fizemos na terra, mas que agora são vistas com total claridade e são confrontadas. Essa visão é o processo purgatorial ao qual deste início comigo. Porém, mesmo lá, no primeiro mundo, não tinhas a liberdade para escapar realmente de ti mesmo, mas apenas de tua autoconsciência – os olhos não cessam de existir ao serem cerrados. Pois há realmente um "eu", e tu, em teu "eu", és a única pessoa à qual jamais podes escapar, em vida ou em morte.

MARX: Estou em uma prisão eterna, então? Nunca terei minha liberdade?
SÓCRATES: Nunca terás aquela liberdade que todas as outras pessoas que já viveram tinham: a liberdade de não serem Karl Marx.

Agradecimentos

Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto do Partido Comunista* (São Paulo: Editora Escriba, 1968). Todas as citações de Marx que, de outro modo, não foram identificadas, foram retiradas desse título.

Sócrates encontra Marx
Copyright © by Peter Kreeft
Publicado no Brasil
1ª edição - agosto de 2012 - CEDET
2ª edição - março de 2014 - CEDET

Título Original: Socrates Meets Marx
Tradução autorizada do idioma inglês da edição publicada por Ignatius Press.
© 2004 by Ignatius Press, San Francisco

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET - Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Angelo Vicentin, 70
CEP: 13084-060 - Campinas - SP
Telefone: 19-3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

Gestão Editorial:
Silvio Grimaldo de Camargo

Tradução:
Pedro Vianna Cava

Revisão:
Alessandra Lass e Roger Campanhari

Projeto gráfico e editoração:
Diogo Chiuso

Desenvolvimento de eBook
Loope – design e publicações digitais
www.loope.com.br

Reservados todos os direitos desta obra.
Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Kreeft, Peter

Sócrates encontra Marx / Peter Kreeft; Tradução de Pedro Vianna Cava - Campinas, SP : Vide Editorial, 2012

Título Original: Socrates Meets Marx

e-ISBN: 978-85-67394-16-9

1. Marxismo 2. Karl Marx 3. Filosofia Socrática 4. Filosofia Moderna. I. Peter Kreeft II. Título.

CDD – 335.43

Índice para Catálogo Sistemático

1. Marxismo – 335.43
2. Filosofia Socrática – 183.2
3. Filosofia Moderna: Ensaios – 190.2

Sobre o Autor



PETER KREEFT (PhD)

É professor de filosofia no Boston College, onde leciona desde 1965. Palestrante dotado de humor e clareza incomparáveis, ele tem sido convidado para ensinar em várias universidades, seminários e instituições educacionais e religiosas em todos os Estados Unidos. O professor Kreeft é autor de mais de sessenta livros sobre filosofia, cristianismo e apologética, incluindo *Como Vencer a Guerra Cultural, Manual do Peregrino Moderno, Catholic Christianity, Fundamentals of the Faith, The Best Things in Life* e a série de diálogos em que Sócrates interroga filósofos modernos, que agora a VIDE Editorial traz ao leitor brasileiro.

Sobre a Obra

Este livro é parte de uma série de explorações socráticas das grandes obras da filosofia moderna. Os livros desta série são curtos, claros, e de fácil compreensão aos iniciantes, e introduzem as questões básicas das disciplinas filosóficas: metafísica, epistemologia, antropologia, ética, lógica e metodologia.

Em cada livro da série, Sócrates encontra um filósofo moderno na eternidade, analisando no mundo do além as principais obras de Maquiavel, Descartes, Hume, Kant, Marx e Sartre. A dialética de Sócrates é implacável e segue demonstrando em cada capítulo os erros e as incoerências desses grandes filósofos e suas filosofias.



OUTROS TÍTULOS:

Marxismo e Descendência
Antônio Paim

Da Guerra à Pacificação
Ricardo Vélez Rodriguez

A Psicologia do Sentido da Vida
Izar Aparecida de Moraes Xausa

O Enigma Quântico
Wolfgang Smith

Maquiavel ou a Confusão Demoníaca
Olavo de Carvalho

Crise e Utopia: O Dilema de Thomas More
Martim Vasques da Cunha

A Filosofia e seu Inverso
Olavo de Carvalho

www.videeditorial.com.br